

REVISTA DE HISTORIA

Características da litteratura portuguesa

Poderá objectar-se que, propondo como fundamentaes características da litteratura portuguesa as que adiante referimos e defendemos, contradizemos as nossas proprias idéas. Effectivamente, fazendo o resumo e o commentario do systema critico de Brunetière, accentuámos a nossa discordancia delle, ao lembrarmos que este historiador litterario aconselhava como prévia operação do estudo duma litteratura a determinação do seu *character essencial*, que daria base para a divisão chronologica. Segundo o desenvolvimento historico desse mesmo character essencial, mais evidente, menos evidente, mais favorecido ou mais contrariado pelas influencias estrangeiras, é que naturalmente se limitavam as epochas historicas. Não concordámos com o papel primacial attribuido a esta operação, porque, praticada logo no principio dos estudos criticos, era forçosamente muito arbitraria e contingente, e praticada após longos estudos para cada epocha litteraria de per si, era superflua, por já não desempenhar o papel primacial, que Brunetière lhe attribuia. Esta discordancia não nos contradiz agora, porque, quando propomos como essenciaes determinadas características da litteratura nacional, não o fazemos com o proposito naquelle systema estabelecido e por nós impugnado, apenas diligenciamos esboçar as predominantes feições moraes e estheticas de cêrca de oito seculos de productividade litteraria, tentando desta forma assentar uma base para juizos e apreciações. E falamos de juizos e apreciações, porque consideramos a *noção de valor* uma noção essencial em historia litteraria. E' a fatal existencia dessa noção que impede que a critica seja equiparada ás sciencias naturaes, muito embora se pratique um methodo severamente scientifico e por elle se formulem conclusões, ás quaes legitimamente se não poderá negar character scientifico.

Tendo de acceitar essa noção de valor, que comsigo traz grande quantia de contingencia, e para limitar quanto possivel essa fatal contingencia, alguns theoreticos têm proposto padrão de medida, criterio uniforme que reduza a ordinaria arbitrariedade dos juizos. Dentre os alvitres propostos, permanece ainda de pé o de Taine. Segundo este historiador, a uma escala progressiva de caracteres psychologicos, desde a moda voluvel e caprichosa até aos sentimentos e idéas mais perduradores da alma humana, e a uma outra escala de valores moraes corresponderia uma escala de valores litterarios. Desta forma, o valor duma obra seria tanto maior quanto mais alto fosse o seu lugar nas duas escalas. Como expressão artistica dum character e como edificação moral, consistiria essencialmente na par-

cella de verdade, na quantia de humanidade, de riqueza psychologica, contida numa forma emocional, naquelle nucleo interno de resistencia, que triumpha das differenças individuaes, das mudanças de gosto, dos diversos modos de ser da epoca. No decurso deste artigo, cujas idéas principaes convergem para um fim de julgamento, uma vez mais o modulo de Taine terá applicação.

Considerando todo o desenvolvimento historico da litteratura portuguesa, e fazendo-o sem prejuizos patrioticos, politicos ou scientificos — porque tambem ha prejuizos scientificos e não dos menos enganosos — reconheceremos como mais relevantes características desse desenvolvimento: *o predomínio do lyrismo, a frequencia do gosto épico, a escassez de theatro, a carencia de espirito crítico e de espirito philosophico, a separação do publico, um certo mysticismo de pensamento e sentimento.*

Brunetièrre, ao fazer o apuramento já alludido do caracter essencial, remontou a qualidades mais intimas, não parou no equilibrio quantitativo dos generos, no seu cultivo maior ou menor, ascendeu até uma característica puramente psychologica. E para confirmar este seu proceder, bastará lembrar que numa litteratura tão rica, tão abundante e tão variada, como a francesa, via como característica primacial a sua *sociabilidade pratica ou pragmatica*, comprehendendo nesta os propositos sociaes, o intento activo, a clareza de idéas e de forma, a equilibra justeza de composição, o cosmopolitismo que sempre nella dominaram; que na litteratura italiana o que feriu a sua attenção foi o seu frequente contacto com as outras artes, com a pintura e com a musica, pelo que a julgou essencialmente *artista*, suppondo que assim definia a sua *virtuosidade*; que á litteratura espanhola a julgou essencialmente *cavalheiresca*, á inglesa *individualista*, e á allemã *philosophica*.¹ Brunetièrre, porém, seguia um systema severo, o seu evolucionismo, e investigava sobre uma litteratura de intensa individualidade e viva tradição, que quasi só dentro de si, com as suas proprias forças, tem formado as suas theorias estheticas e tem seguido a sua propria evolução, irradiando mais do que condensando. Não tem essa forte individualidade, e muito menos tem essa viva tradição organica de autonomia a nossa litteratura. Por isso nós seriamos muito deficientes, se estrictamente a disséssemos uma litteratura lyrica, á maneira de Brunetièrre, pois que para caracterizar uma instituição pouco original ou pouco individualizada são necessarios mais dados que para definir uma instituição muito typica. Não nos succede tambem assim na vida? Um caracter, um espirito destacantemente typicos cifram-se frequentemente numa só qualidade, enquanto que um mediocre vulgar só poderá ser descripto por uma reproducção mais minuciosa. Que o digam os grandes artistas psychologos, os grandes tragicos, observadores dos caracteres typicos, da qualidade primacial, e os grandes romancistas modernos, analyistas dos caracteres banaes e vulgares!

Desenvolvamos o enunciado das características apontadas.

A. *Predomínio do lyrismo.* — O mais antigo monumento litterario da lingua portuguesa (repare-se que dizemos litterario e não philologico) é uma poesia lyrica, uma poesia de amôr, a de Paio Soares de Taveiros a D. Maria Paes Ribeiro, a Ribeirinha, datavel de 1189. Desde essa data, através da formação dos grandes cancioneiros de composições de gosto provençal, do *Cancioneiro Geral*

¹ V. *Études Critiques*, 5.^a Serie, ed. de 1903, pag. 251.

de Garcia de Rezende, do bucolismo de Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, de todos os quinhentistas, nomeadamente de Camões, através de todos os seiscentistas, nomeadamente Francisco Rodrigues Lobo e um pouco D. Francisco Manuel de Mello, de todas as academias e arcadias do seculo XVII, XVIII e principio do seculo XIX, do romantismo e do realismo até ao momento contemporaneo, que genero tem merecido mais preferente cultivo que a poesia lyrica? Na éra medieval, a prosa quasi se reduz á historiographia do Conde de Barcellos, de Fernão Lopes e Azurara, e á erudição moralista do rei D. Duarte e do infante D. Pedro, ao passo que o lyrismo, desde o alvorecer da nacionalidade, absorve todas as atenções dos que sentiam inclinações litterarias, e bem cedo logrou o favor dos reis, que nas suas côrtes o acolhiam e que no seu cultivo se desvaneceram. E essa poesia contem verdadeira belleza, porque possui uma intensa emotividade e algumas vezes surpreendeu com flagrancia estados reaes do sentimento do amôr. Em todo o desenvolvimento da litteratura nacional encontraremos sempre mais amados, mais sentidos e mais comprehendidos os escriptores, que teimosamente voltaram ao mesmo sentimento do amôr, á mesma confissão pessoal, á mesma expansão da melancholia, da saudade, da dôr contraditoria de amar e aborrecer a vida, não tivessem os seus antecessores esquecido algum rincão escuso, calado alguma modalidade desses eternos sentimentos. Gil Vicente, Bernadim Ribeiro, Christovam Falcão, Camões, o genial sonetista, Diogo Bernardes, Andrade Caminha, Agostinho da Cruz, Rodrigues Lobo, Boccage, Corrêa Garção, Gonzaga, Garrett, Herculano, João de Lemos e Soares de Passos, João de Deus, Anthero de Quental, o sr. Guerra Junqueiro, o sr. Gomes Leal, Antonio Nobre, o sr. Corrêa de Oliveira, o sr. Eugenio de Castro e tantos outros formam uma galeria de poetas de intenso lyrismo, que, versando muitos os mesmos themas, raramente se repetiram.

Mas por lyrismo, nós não queremos só definir o genero poetico, queremos tambem referir determinado modo de ser pessoal, o subjectivismo, a preferente curiosidade de devassar e expôr a propria vida moral, o gosto de patentear toda a alma, de afirmar a propria individualidade num relevo de primeiro plano. Nesta interpretação mais larga, temos de reconhecer que o lyrismo nem só na poesia lyrica se confina. Muito ha tambem de lyrismo na parenetica, esse genero representativo, em que o orador é o unico actor, interprete da sua propria obra, em que todos os meios pessoaes, dicção, figura, gesto, jogo physionomico se utilizam para cabalmente cumprir a sua exposição de idéas e sentimentos pessoaes por uma forma pessoal. A parenetica dos seculos XVII e XVIII e a eloquencia politica do seculo XIX, Antonio Vieira, Bernardes e José Estevam e muitos outros são, em nosso pensar, ainda uma confirmação do predominio do lyrismo. As *Cartas* de Marianna Alcoforado, a *Diana*, de Montemór, as *Saudades* de Bernardim, o theatro romantico e o romance romantico, e o moderno theatro de D. João da Camara, em proporções diversas, contêm muito de lyrismo, como mostraria uma minuciosa analyse no triplice aspecto da acção, da composição e das personagens.

B. *Frequencia do gosto épico.* — A epopêa ou poema épico, sobre os modelos homericos e de Vergilio, foi dos generos conhecidos depois da Renascença, genero nobre que, como a tragedia, trazia consigo uma complicada regulamentação, a bôa parte da qual não se poderia fugir, sem risco de desnaturar a propria essencia do genero. A epopêa tinha por objecto celebrar, em estylo grandiloquo, uma grande acção, de determinante influencia, praticada por um unico heroe, que seria tambem unico protagonista. Era assim uma narrativa poetica,

escassamente historica, pois que dos canones era fazer desencontrar a chronologia e a ordem da narrativa, o que obrigava a frequentes incorrecções historicas, incluir episodios associaveis, ao tempo da acção principal já passados ou ainda futuros, e adoptar como elemento de decoração o maravilhoso mythologico. Desta forma, a epopéa era o hyperbolico elogio poetico do heroe e a interpretação pessoal do poeta de determinado facto historico.

Na idade média, a vida social e politica foi por toda a parte intensamente épica, como o foi grande parte da sua litteratura, em Portugal então representada por gestas e pelos romances populares. Porém, na época das viagens de descoberta, da conquista e da colonização, o theor de vida nacional tornou-se essencialmente épico. Foi a quadra dos heroes, a época das pujantes individualidades, que poderão ter desproporcionadas estaturas, mas que possuem sempre uma viva qualidade, que superiormente as affirma, homens de vontade e acção, videntes perspicazes do futuro, estadistas, guerreiros, aventureiros, martyres e santos: Nuno Alvares, D. Henrique, D. Pedro, D. Fernando, D. Affonso v, D. João II, Bartholomeu Dias, Alvares Cabral, Vasco da Gama, Albuquerque, D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, D. João de Castro, Fernão Mendes Pinto, Bento de Goes, Fr. Pantaleão de Aveiro, os martyres do Japão, etc., etc. O novo genero da epopéa adaptava-se por esta circumstancia ao espirito nacional, numa completa identificação. Logo no *Cancioneiro Geral*, de Rezende, encontramos dois pequenos poemas sobre a tomada de Azamôr, e sobre a morte de D. João II, que têm certo cunho épico. Em 1533, João de Barros, no *Panegyrico a D. João III*, claramente affirmava a sua preferencia por essa poesia: «...ás mezas dos principes e grandes senhores se cantavam antigamente em metro os feitos notaveis dos grandes homens, d'onde primeiro nasceu a poesia heroica, e segundo eu tenho ouvido ainda n'este tempo os Turcos, em suas cantigas, louvam feitos de armas de seus capitães, o que se fosse usado em Hespanha e toda a Europa, se me não engano, mais proveito de tal musica nasceria, do que de saudosas cantigas e trovas namoradas.» Antonio Ferreira, que entre nós, mais do que Sá de Miranda, desempenhou o papel de theorico do classicismo e orientador do primeiro grupo de escriptores classicos, suggeria a Andrade Caminha a elaboração duma epopéa:

Dos mais claros Heroes hum, que cante,
Escolha teu sprito, Real sugeito
Tens na alta geração do grande Iffante.

Ergue-te, meu Andrade, arça esse peito
Inflâmado d'Apollo, cante, e sõe
Igual tua voz ao teu tam alto obgeito.

Ouçá-se o grã Duarte, por ti võe
Pelas bocas dos homês; de sua mão
Inda Pallas, ou Phebo te corõe.

Esse ideal litterario, uma epopéa, expressão fiel duma época politica, só o cumpriu com supremo genio, Camões, reunindo em si a mesma concordancia entre a obra litteraria e a vida aventureira. E depois de Camões, a epopéa nunca mais deixou de ser cultivada, durante toda a era classica, com uma frequencia e uma intensidade, que, por não ostentarem o correspondente valôr artistico, só da erudição e da bibliographia são conhecidas. Ainda hoje essa caracteristica,

que por não alcançar toda a nossa historia litteraria, chamaremos attenuadamente *frequencia do gosto épico*, se não extinguiu totalmente, porque de quando em quando algumas tentativas épicas apparecem.

Passando da epopêa, como genero autonomo, para o tom épico, considerado como postura de espirito, como prisma de coloração da realidade, igualmente encontraremos esse mesmo gosto épico derramado em obras, que na primitiva pureza da sua indole e da sua estructura inteiramente o repudiavam. Apologia entusiastica da acção individual, coroação do heroe, deformação sentimental da verdade da observação ou da historia, amôr da hyperbole (que em Camões tem um typico modelo), particularidades são muito repetidas na nossa litteratura. Obedecia a esse espirito épico, grandiloquo e deformador, o historiador João de Barros, quando guardava em discreto silencio tudo que pudesse ensombrar a reputação dos heroes da India, fazendo dos successos gloriosos uma entusiastica narrativa.

Esse mesmo espirito épico inspirava Jacintho Freire de Andrade ao compôr a eloquente *Vida de D. João de Castro*, Herculano no seu *Eurico*, Rebello da Silva, Oliveira Martins nas suas obras biographicas e muitos outros historiadores, dramaturgos e romancistas antigos e modernos. Na historia, essa comprehensão épica prevaleceu até á epoca moderna, em despeito da transformação dos methodos, dos progressos das sciencias auxiliares e consequente concepção muito outra da classica. Ainda, no seculo XIX, publicamente se affirmou o classico juizo de ser a historia uma glorificação de altos feitos passados e uma edificação moral para as gerações vindouras. O decreto de D. Maria II, de 1838, que nomeava Garrett para o cargo de chronista-mór do reino, claramente alludia á «illustração de nossas antigas glorias, para que a memoria dos passados sirva de instrucção aos presentes e futuros.» Sendo um poeta épico o maior genio litterario de Portugal e patenteando-se sempre um vivo cunho épico em muitos generos litterarios, nas successivas epocas historicas, bem poderemos dizer que Portugal, ao contrario do que da França é uso dizerem os criticos, teve *la tête épique*. Ainda hoje, na glorificação prompta e sempre excessiva das pessoas, nos projectos sempre ambiciosos, rasgadamente innovadores, no illogismo e no simplismo com que se attribuem a pequenas causas pessoasas maximas consequencias sociaes, poderemos reconhecer a persistencia do espirito épico, com as suas boas qualidades e os seus defeitos, mesmo os maiores dos seus defeitos, a irreflexão impulsiva e a hyperbole enganosa e fagueira.

C. *Escassez de theatro*. — Das characteristics por nós propostas, é esta certo a mais audaciosa e a que maiores discordancias concitará. Não que a affirmação de carencia ou escassez de algum ou alguns generos numa litteratura seja nova. A litteratura arabe não tem theatro, e a francesa não tem epopêa classica. A francesa ainda no genero épico poderá contar uma obra soffrivel, a *Henriqueida*, de Voltaire, que inteiramente carece de inspiração épica e que nasceu duma clara consciencia da falta de epopêa, em França; mas a litteratura arabe, no genero dramatico, não póde apresentar uma só obra. Em todas as litteraturas o cultivo dos generos é sempre desigual. Mas assim apresentada, dum modo tão assertivo, contrariando tão irreverentemente uma opinião já official na orthodoxia do ensino, a nossa proposição não pode ser bem acceita. Diz-se no ensino publico que a litteratura dramatica portuguesa é opulenta. E' contra essa presumpção leviana que nos insurgimos, propondo como essencial uma characteristic que é a sua total inversão.

Já aprioristicamente se podia suspeitar que não teria genio dramatico um

povo tão subjectivo, que ao lyrismo pessoal e á epopêa déra as suas mais francas preferencias.

Mas os factos inilludivelmente nos confirmam essa suspeita. Em que consiste a nossa litteratura dramatica, quaes os auctores e as obras, que merecem attenção critica? Gil Vicente, com toda a sua obra, Antonio Ferreira com a *Castro*, D. Francisco Manuel com o *Fidalgo Aprendiz* e Garrett com o *Frei Luiz de Sousa* (não nos referimos a vivos) — um dramaturgo iniciador e depois, muito espaçadamente, tres peças. Gil Vicente, embora não tenha no seu tempo quem, como disse Menendez Pelayo, como artista dramatico se lhe avante, está longe de ser um dramaturgo completo. O seu valôr historico é bem maior que o seu valôr esthetico. Sobre escassos elementos tradicionaes, dos quaes o mais importante era naturalmente o vivo dialogo, sobre a base dos mômicos, dos mysterios religiosos e das reisadas, e só com um unico modelo litterario, Juan del Encina (1469-?1533), Gil Vicente creou um genero novo na litteratura portuguesa, e crear alguma coisa que perdure é ter genio. Foi mais longe que Encina, porque foi mais audaciosamente innovador, ao escrever as primeiras farsas de critica de costumes. Mas, executando taes innovações, Gil Vicente attingiu pequena altura na escala dos valôres estheticos. O seu theatro embryonario é mal composto, não está dividido logicamente em actos e scenas, segundo as gradações da acção, de todo alheio a influencias classicas desconhece toda a theoria dramatica da antiguidade, não está diferenciado em generos. E dizemos que não está diferenciado em generos, porque as suas tres formas, theatro hieratico, aristocratico e popular, distinguem-se menos por intimas caracteristicas differenciaes que pelos seus assumptos. O lyrismo frequentes vezes irrompe, o comico e o grave inconvenientemente se imbricam, maculando a pureza do genero. E o progresso num genero que é, em grande parte, senão a expulsão de todos os elementos a elle estranhos? Corneille fez a tragedia só tragica, purificando-a de tudo que não convergisse a esse effeito tragico; Molière fez a comedia exclusivamente comica, e Camões a epopêa predominantemente épica. Não se estremam assim os tons no theatro vicentino, como nitidamente se estremam nos outros escriptores contemporaneos, partidarios da imitação classica, Sá de Miranda, auctor de duas comedias, *Estrangeiros* e *Vilhalpandos*, Antonio Ferreira de duas comedias e uma tragedia, *Cioso*, *Bristo* e *Castro*, Jorge Ferreira de Vasconcellos, etc. Devemos dizer, em parenthesis, que preferimos o theatro embryonario de Gil Vicente a estas peças bem reguladas. Este character do auto vicentino, tósco e duma homogeneidade primitiva, muito explicaveis, muito justificaveis numa primeira tentativa, se acatam o seu significado historico, limitam consideravelmente o seu valôr esthetico. A sua resurreição de characteres, nas farsas, é rudimentar, e os outros dois generos — adoptemos esta designação — hieratico e aristocratico, além da intenção symbolica e da accentuação ironica, são descripções e narrativas dialogadas. E' justo reconhecer que em nenhuma outra litteratura moderna o escriptor que representa o primeiro prodromo da evolução dramatica tenha ascendido tanto, pelo muito que innovou e pelo alto instincto dramatico, que a sua obra affirma. Mas legitimo é tambem confessar que em nenhuma litteratura, em que o theatro se reduzisse á forma rudimentar das fundações lançadas pelo seu iniciador, seria esse mesmo iniciador um grande dramaturgo, no alto significado esthetico desta designação. O theatro vicentino immobilizou-se na sua indifferenciação, na forma de auto, ficou em bruto, e sem progresso o cultivaram todos os escriptores desse genero, todos aquelles com os quaes um historiador da litteratura pôde organizar uma longa lista de nomes, que no seu pensar, um

pouco illudido pela generalidade da designação *auto*, formam a escola de Gil Vicente. E tanto o *theatro vicentino* é pobre de recursos que da campanha de propaganda ha annos iniciada — campanha que só merece sympathias e applausos — não saiu um só auctor dramatico, um só actor, uma só peça, uma só monographia critica. A influencia dinamica, que Gil Vicente pôde exercer, já a exerceu, estheticamente, no romantismo, suggerindo os esforços dramaticos de Garrett, e criticamente, animando as investigações biographicas, levantando problemas. Como está longe da influencia dos tragicos gregos na Renascença, dos tragicos franceses do seculo xvii, dos tragicos italianos do seculo xviii, dos dramaturgos espanhoes, de Shakespeare na França e na Allemanha, quando o romantismo ergueu a um culto unanime o seu genio de furacão. ¹ Como Ennio na epopêa latina, como Thespis no *theatro grego*, como Gomez Manrique no *theatro espanhol*, como Hardy no *theatro francês*, Gil Vicente teve o génio creador e, como creador, exerceu influencia em Calderon de la Barca, talvez em Shakespeare, e em Garrett, mas só uma critica de todo destituida da noção de valôr poderá vêr nessa influencia a hegemonia dominadora dum modelo genial. As moralidades, com a sua grosseira personificação de virtudes e sentimentos, os mysterios com as suas descripções apologeticas e com o seu materialismo verdadeiramente medieval — no *Auto da Alma* os motivos religiosos representam as iguarias e alfaias dum banquete — as farsas com a sua tibieza de esboços, a simultaneidade de lugares, a maxima precipitação de acontecimentos, não são obra a que se possa recorrer para buscar seiva de tradição, para reanimar ideaes litterarios.

Atabafado no seu primeiro passo o desenvolvimento do *theatro*, reduzindo-se Gil Vicente ás proporções da realidade, não se indo num lamentavel despropósito pedir o que elle não pôde dar por o não conter, não será, por certo, a tragedia *Castro*, de Antonio Ferreira, celebrada como a primeira tragedia moderna, de imitação classica, que tratou assumpto de historia nacional, não serão as comedias, com coplas, de Antonio José da Silva, não será o *Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Mello, nem o *Frei Luiz de Sousa*, a despeito da sua superior belleza, que darão fundamento á affirmação de que a litteratura portuguesa tem um *theatro proprio*, com uma tradição autonoma. Sem duvida, os generos dramaticos têm merecido um cultivo frequente, entre nós, mas, ou por falta de tradição animadora que receba em deposito e transmita os progressos alcançados, ou por falta de critica normativa, ou em resultado das perseguições systematicas das defezas religiosas, dos jesuitas, da inquisição, dos prejuizos contra o *theatro*, da falta de qualquer protecção intelligente, ou porque o dominante subjectivismo de todo aniquile o dom da impersonalização, indispensavel em quem cria *theatro*, poderemos paraphrasear o dito da critica francesa: Portugal não tem *la tête dramatique*. Onde o exemplo, em toda a historia da litteratura portuguesa, do dramaturgo que tenha criado vida, que tenha animado personagens vivas, affirmado caracteres com realidade eterna, que tenha reconstituido genialmente lucta de paixões, embates de almas?

D. *Carencia de espirito critico e de espirito philosophico*. — Juntámos estas duas characteristics, porque até certo ponto ellas se comprehendem uma na outra. Não pôde philosophar quem não tiver espirito critico, não pôde meditar nos grandes problemas do mundo e da vida, quem não observar o mundo e a vida e os não interpretar através daquelle prisma de duvida systematica, que é no fundo o espirito critico. Certo é que nós conseguimos organizar uma monographia historica sobre a critica litteraria em Portugal, mas no decurso de cêrca de quatro seculos não lográmos apontar um só critico, que professasse essa especialidade

com sólida segurança e que, ou fazendo historia ou exercendo o seu juizo sobre os contemporaneos, produzisse uma sã influencia guiadora.

Antonio Ferreira, que nós chamámos «theorico do classicismo e orientador do primeiro grupo classico», sem duvida que exerceu influencia, mas a sua critica é de conselhos, é de estimulos amigos, não é a consciente formulação de principios, não é a exposição clara do classicismo, como, por exemplo, o foi a critica da Pleiade francesa. Emquanto o classicismo francês attingiu a sua maxima plenitude no seculo xvii, o classicismo português, havendo produzido um theatro embryonario, lyrismo e epopêa, enlanguesce, asphyxiado pelas mais adversas circumstancias. Não é de admirar que á litteratura que medeia desde Camões até á Arcadia inteiramente falte critica. Que ha de critico, apurando avaramente todos os tentamens, nesse longo prazo? Apenas uma mesquinha polemica em torno da obra de Camões, a exegese camoneana, algumas opiniões de D. Francisco Manuel de Mello no *Hospital das Letras*. Depois, na Arcadia, algumas dissertações de Manuel de Figueiredo, de Antonio Diniz e de Corrêa Garção regulavam a imitação francesa, como meio de combater a imitação espanhola, depois a censura official, José Agostinho e Francisco Manuel do Nascimento, tardiamente recapitulando a esthetica e a critica classicas. E no seculo xix? Critica minima, e alguma historia litteraria. Critica normativa só a fizeram A. P. Lopes de Mendonça no romantismo, e esteve a ponto de a fazer Moniz Barreto no realismo, nomes estes que não chegam a igualar o de Antonio Ferreira que, tão rudimentar, só por suggestões e conselhos, foi, na litteratura portuguesa, o unico critico que verdadeiramente orientou e guiou, critico que nunca dissertou, nunca fez theoria, mas poeta de elevado tino critico. Do espirito philosophico cabe dizer o mesmo. De facto, não póde considerar-se bastante cultura philosophica para um paiz e para uma litteratura, Pedro Hispano, a polemica de Gouvêa com Ramus, o *Quod nihil scitur*, de Sanches, a philosophia conimbricense, a nacionalidade portuguesa da familia de Spinoza, Silvestre Pinheiro Ferreira, Anthero de Quental e todos os auctores e todas as obras, que pacientemente os srs. Lopes Praça e Ferreira Deusdado gruparam nas suas investigações de historia da philosophia em Portugal. Qual o philosopho que creou um systema novo e original, ponto de partida de novas correntes de pensamento, philosophia bem actual, bem do seu tempo, em intimo accôrdo com o estado das sciencias do seu tempo, derivando-se directamente da consideração da sua epoca e do seu ambiente social, ou sobre elles querendo reagir? Qual o philosopho, ao menos, que foi individualmente typico, que possuiu uma constituição psychologica original, que possuiu a fealdade de Socrates para estabelecer uma moral severa, que regaladamente viveu para pontificar optimismo, como Leibniz? Será muito difficil encontrar um nome, que cale todas as objecções. Por isso nós pronunciamos certa conclusão, ao fechar o já alludido livro *A Critica litteraria em Portugal*, conclusão que nos permittimos aqui transcrever para nos pouparmos o esforço de redigir differentemente o pensamento nella proposto. Annos depois de havermos estudado esse assumpto, a redacção nova não seria mais exacta, nem mais explicita: «Após este breve escôrço das idéas criticas, que são como que o commentario theorico e a explicação da litteratura portuguesa classica e romantica, vê-se quão tenue foi sempre o trabalho da critica litteraria, afirmações esparsas de grandes principios que logo esquecem sem sequencia, repetição das idéas correntes, por uma forma mutilada e hirta na sua fria rigidez, sem denotar a plasticidade, a argucia, que são qualidades primaciaes no pensamento critico. Nunca fôram claramente objectivados o ideal classico e o ideal romantico, quer

na sua generalidade, quer na forma particular que deveriam tomar em Portugal, e o primeiro foi, quasi sempre, reduzido á sua letra, mais que ao seu espirito. Sem nenhuma preocupação philosophica, os criticos facilmente dessóravam um principio da sua justificação especulativa, do corpo de idéas em que vinha integrado para o tornarem uma formula gelada e escravizante. É absolutamente dispensavel, para o estudo da critica portugueza, a consideração das preocupações psychologicas da renascença e do cartesianismo, para o seculo xvii, do racionalismo para o seculo xviii, do idealismo que se lhe seguiu e que ajuda a interpretar a epoca romantica, e do sensualismo de que nasceu a escola naturalista. » (Pag. 115)

Não poderá dizer-se que, ao propôr, como uma das fundamentaes características da litteratura portugueza, a carencia de espirito philosophico e a falta de consciencia critica, aponte uma feição pouco differencial, visto que ha litteraturas, onde esse criticismo philosophico se impõe como muito evidente e primordial qualidade. A litteratura franceza é essencialmente critica, já porque teve sempre mentôres, theoricos e julgadores, já porque cada um dos seus melhores auctores é sempre um espirito creador duplicado de critico, melhor ou peor, mas sempre com pruridos de critica. Na litteratura allemã, todos os momentos de criação innovadora, todas as phases transformadoras têm sido precedidas de discussão critica da nova esthése. A theoria apresentou-se sempre antes da execução pratica, quer a renovação fosse original, fosse allemã, quer fosse simples importação. Gottsched, Herder, Lessing, os irmãos Schlegel, e, muito modernamente, na epoca realista — durante a qual a litteratura portugueza não possui mais do que os ensaios de Moniz Barreto, de Luiz Garrido e as brigas de Silva Pinto — os irmãos Hart, Conrad, Henckell, etc., formam uma galeria de criticos, duplamente notavel, pelos seus trabalhos e pela sua influencia. Não poderemos, pois, asseverar que, quanto á critica, a litteratura allemã e a portugueza se têm conduzido por forma diametralmente opposta?

E. *Separação do publico.* — Ao apontarmos esta outra característica referimo-nos preferentemente á era classica e á era romantica, visto que, durante a era medieval, não houve a distincção clara que depois da renascença se veio a estabelecer, entre litteratura culta e litteratura popular, a primeira escripta com cunho de individualidade, mais complicada artistica e psychologicamente, a segunda anonyma, quasi sempre oral, e artistica e psychologicamente rudimentar. Ainda então a cultura intellectual não havia separado as classes, só as immuniidades, só o direito as separava. O barão, que do alto do seu castello dominava as suas terras e as suas villas, era só mais rico, mais favorecido de privilegios e, em certos casos, mais cavalheiro, queremos dizer, mais respeitador dos sentimentos do pundonôr e de respeito pela mulher, do que os seus vassallos, mas intellectualmente a sua incultura era igual á destes. Em Portugal, durante a idade média, ha a mesma identidade. A communhão litteraria é o seu reflexo. A litteratura oral das gestas é bem aceita da aristocracia, e o lyrismo trobadoresco propalado por populares installa-se nas côrtes, é protegido pelo favôr das damas e dos fidalgos, merece a honra do cultivo dos reis, é colleccionado em volumosos cancioneiros. Os sentimentos nesse lyrismo expressos, tanto pôdem ser da aristocracia, como do rei, como do povo, a mesma impulsividade amorosa e a mesma soltura de linguagem os anima e até mesmo o que nelles haja de delicado, na traducção do sentimento do amôr, e das dôres do amôr, saudade, ciume, dôr do abandono, perfeitamente se identifica com a alma popular, porque não ha sentimento mais commum, mais humano, menos de classe, que o eterno amôr;

quando esse amôr não é interpretado e praticado com requintes de almas hypercivilisadas ou morbidos caprichos de almas doentes, quando é sómente necessidade e desejo de pósse, quando é, acima de tudo, instincto, não serão os versos, que assim o repetem, que hão-de cavar a separação entre o gosto litterario das classes. Por estas razões moraes é que nós diziamos que consideravamos a característica da separação do publico, isto é, a falta de permanente ou pelos menos frequente contacto entre a litteratura culta e o povo, principalmente verificavel da renascença para cá. Logico é, visto que só desde então se diversificam as duas litteraturas.

Nenhum escriptor em Portugal teve jámais a popularidade dum Dickens em Inglaterra, dum Gorki na Russia, nenhum escriptor, em Portugal, recebeu jámais a consagração dum culto unanime, entusiasticamente nacional, como o que a Inglaterra, a Allemanha e a Italia votam a Shakespeare, a Goethe e a Dante. Em Inglaterra, descendo a escala social, degrau a degrau, o fervôr pelos seus grandes escriptores poderá ser mênos consciente, mas não é menos devoto. Esta característica, — e ninguem poderá negar que o seja — tem uma causa bem evidente, que logo se deduz. Essa causa não é a da intensidade do analphabetismo, como empiricamente se poderia propôr, mas sem oportunidade, porque só ao publico que sabe lêr nos referimos, visto que só elle póde lêr os seus auctores. Essa causa está mais ou menos envolvida em outras características já apontadas. Os escriptores portuguezes, pouquissimas vezes se deixaram directamente inspirar das circumstancias do seu tempo, das preocupações nacionaes, que os rodeavam. Como a litteratura portuguesa não tem tido movimento proprio na sua evolução, como a sua historia é uma juxtaposição chronologica de imitações, cada novo gosto litterario, nascendo de circumstancias e accidentes, que pela maior parte se não verificavam em Portugal, reduzia-se a um frio programma, a uma hirta formula sêcca, desnudada de tudo que lhe dava vigôr, relevo e vida, tudo que a explicava. Exemplifiquemos. O classicismo na mão de Sá de Miranda, não é uma nova concepção da vida, não é uma philosophia, uma moral, uma esthetica, não é uma radical transformação do espirito, é apenas a *medida nova*, isto é, a preferencia do endecassylabo, do terceto, do soneto, da quintilha, quando muito um pouco de machiavelismo politico e de estoicismo moral. Foi preciso o genio dum Camões, fundindo o classicismo e o espirito nacional, espiritualizando com a larga vida da acção e da observação a formula fria do classicismo, para fazer lyrismo e epopéa verdadeiramente superiores. O romantismo, em alguns escriptores, em Castilho, por exemplo, é um scenario novo, castellos roqueiros, brancas castellãs, pouca mythologia e muito patriotismo; o realismo é, para outros, obscenidade, falta de emoção, superabundancia de pormenores descriptivos. Daqui resulta que, assim artificializada, cada escola litteraria, cada nova esthetica não falava ao publico, não lhe idealizava as suas ordinarias preocupações, os seus sentimentos, as suas idéas. Cada escriptor, em Portugal, considerando uma grande maioria, parece ter o proposito declarado de esquecer o publico, não procurando de modo nenhum fazê-lo vibrar de curiosidade e paixão — e muitos são os modos licitos de promover essa vibração, perfeitamente sancionaveis pela probidade intellectual. Os livros são não raro mal compostos, mal ordenadas as suas partes, sem justeza, nem sobriedade, nem equilibrio. Quantas vezes a idéa fundamental apparece suffocada sob o peso esmagador de mil inanes superfluidades. Em Castilho, por exemplo, um breve poemeto é sempre precedido de prefacios, proemios, advertencias, explicações prévias, dedicatorias, e seguido de posfacios, notas finaes, avisos ao leitor, etc., etc.

Camillo junta no mesmo volume romances satyricos da vida contemporanea e estudos diversos de erudição. A historiographia antiga e moderna, exceptuando poucos nomes, entre elles Herculano — tão methodico ordenador! — e incluindo Rebello da Silva e Oliveira Martins, largamente exemplifica e confirma este desdem pelo publico. Dir-se-hia que os auctores, ainda mesmo os que professam generos e disciplinas que requerem uma desempoeirada objectividade, só para si escrevem, levando a um exaggero morbido o seu extremo subjectivismo. São exemplos typicos dessa má composição habitual, na nossa litteratura, as obras historicas de Luz Soriano, o *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio, a vasta *Historia da Litteratura Portuguesa*, do sr. Theophilo Braga, que deveria chamar-se antes, *Collecção de Materiaes para a historia da litteratura portuguesa*, a *Historia da Universidade de Coimbra*, do mesmo, a *Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos*, de José Silvestre Ribeiro, *Portugal e os Estrangeiros*, de Bernardes Branco, todas as obras do sr. Pereira de Sampaio, e outras, muitas outras, que são um cahos inextricavel. Isto significa um soberano desdem pelo publico, nalguns casos, e uma absoluta falta do instincto de ordem noutros. Esse desdem já tem sido confessado; o sr. Gomes Leal define o publico como uma creança malcreada que é preciso dirigir e educar, — para só citar um auctor, na sua actual phase incomprehensivel. Raro se pensa em transmitir ideas e fundir emoções. Ao contrario, a litteratura francesa deve a sua boa fortuna á sua justa proporção, intelligibilidade e clareza, estructura severa, que num Taine ou num Flaubert são verdadeiramente geometricas. Bem disse Brunetièrre que não foi a universalidade da lingua francesa que fez a universalidade da litteratura, mas que fôra a universalidade da litteratura que fizera a da lingua. Frequente é em Portugal fazerem-se restrictas tiragens, que ainda assim não chegam a entrar no mercado, de trabalhos de alcance geral. Os primeiros classicos circulavam principalmente em copias manuscriptas, nesse tempo em que a imprensa já se achava divulgada e noutros paizes posta ao serviço da renascença intellectual. Gil Vicente, comediographo, nunca conheceu a emoção do grande publico, que applaude com entusiasmo e que chasqueia alvoroadamente, imprimindo cunho e direcção á obra do artista.

Mas onde esta separação do grande publico mais se patenteia, é na pouca frequencia de vezes que a litteratura culta tem descido a tomar themas da litteratura popular. Não podemos aqui, neste rapido conspecto, enumerar as vezes que esses contactos se têm dado, apontando todos os themas populares elaborados pela litteratura culta, mas sempre diremos que não fôram numerosos e que sempre que esse contacto se deu, o escriptor procurou mais narrar e descrever, do que fazer uma interpretação, penetrando o sentido intimo e profundo da lenda, da tradição, do conto, da fabula, etc. Basta recordar como todos os poetas do romantismo procedêram. Escassas vezes se tem procedido como Goethe, perante o velho thema do magico. Exceptuando o mesmo thema do magico, em Portugal encabeçado em S. Frei Gil, que deu já uma vasta galeria de poemas e projectos de poemas, todos de intenção philosophica, o thema nacional do regresso do marido julgado môrto, que produziu o *Frei Luiz de Sousa*, o thema lendario do seductor cynico, que o sr. Guerra Junqueiro tratou no *D. João*, que outros themas dêram motivo a obras d'arte superiores?

Populares, em Portugal, só Luiz de Camões, como symbolo patriotico, e litterariamente, muito á força, por meio do ensino official, onde uma pedagogia errada mantem ainda os *Lusiadas* como texto, durante annos, e Bocage pelas anedoctas. Julio Diniz é o auctor das classes médias, das mulheres principal-

mente, é o recurso dos chefes de familia e dos educadores que procuram para os seus pupillos leitura honesta, que seja tambem leitura de arte, e não moralismo postiço. Eça de Queiroz, mais divulgado, é que é alvo duma admiração mais consciente. E porquê? Porque muito e muito se preocupou com o seu publico, muito e muito desejou ser lido e comprehendido. Para isso, sem nunca prejudicar a autonomia do seu espirito, creou um estylo caracteristicamente seu, mas tambem muito *commum*, queremos dizer, com o grande dom de estabelecer communicação com o seu publico, falando-lhe dos seus problemas moraes, e em estylo que a ninguem é licito não comprehender. Até mesmo as mais vulgares casualidades, através do seu estylo, se aformoseiam e tomam um brilho novo, revelam mesmo algum aspecto novo. Bem poderemos dizer, ao lê-lo, o que elle disséra de Lecente de Lisle, repetindo a historica phrase: *He mirado algo de nuevo*.

F. *Um certo mysticismo de pensamento e sentimento.* — Por mysticismo nós não designamos apenas a doutrina philosophica, que acceita a communicação com a divindade e que, como processo, consiste na indagação introspectiva do que se passa num espirito, fiscalizando severamente todo o seu mecanismo, não vá elle affastar-se um passo da vereda directa que a Deus conduz, fiscalização absorvente que quasi produzia immobilidade espiritual, como no episodio do monge e do passarinho, repetido por Bernardes, não — por mysticismo nós entendemos tambem um modo de ser psychico, quasi um character, mas mais um estado de consciencia. Chamamos mystico ao individuo, cujo pensamento quasi delle se autonomiza para se sujeitar ao delirio das associações de idéas e de imagens, todo dependente da vida externa; chamamos mystico ao individuo que, no exercicio da intelligencia, continuamente saltita da razão serena para o revoltado dominio do sentimento, confundindo idéas e opiniões, factos e desejos, realidade e tendencias, immiscuindo confusamente as categorias logicas, não chegando nunca a uma nitida destringa dos dois mundos: o seu eu, e tudo a elle exterior. Chamamos mystico ao individuo que, no exercicio da vontade, a cada passo hesita para logo avançar resolutamente, se lança corajosamente para logo se deter, de todas as vezes se justificando, perante si e perante os outros, com uma tortuosa logica, com um arrazoado indefensavel. Chamamos mystico, ao individuo que, no exercicio do sentimento, extrahe das coisas, dos factos, da vida quotidiana mais sumo de sentir do que ella contém, porque muito lhe accrescenta imaginosamente, ao individuo á vista de quem as pequenas causas produzem desproporcionados effectos. O mystico, assim definido a dados rapidos, aproxima-se muito do typo intellectual largamente descripto por M. Nordau. Elle não possui o dom da attenção serena e calma, da observação impessoal, não sabe aguardar em expectativa, porque a cada passo conclue, levianamente erigindo em lei geral o que só é episodio esporadico; elle é, por pendor irresistivel, eschematico e symbolista; dilectamente se compraz no resumo commodo, mnemonico, caixilho que dessóra a realidade do que de vital e intrinseco possui, mas que mais promptamente se fixa; a cada passo attribue uma desmesurada significação ás coisas e ás pessoas — forma culta da vulgar e rasteira superstição, — a cada passo adopta symbolos, o que é ainda indicio da sua tendencia para eschematizar. Este typo intellectual, a produzir arte litteraria, produz uma arte, que com especial relevo exterioriza a sua confusão de pensamento e sentimento. Não se poderá dizer escassa a representação do mysticismo na litteratura portuguesa. Mystica tinha de ser a litteratura medieval, porque o mysticismo domina toda a vida medieval. São obra de mysticismo a agiographia, os escriptos moralistas e

alguma parte da historiographia dessa epoca. Mas é principalmente na era classica e na romantica, que esse resaiço mais caracteristico se torna, visto que são ellas que dão feição propria á litteratura portuguesa, que a distinga do geral anonymato das litteraturas medievaes. A historiographia alcobacense, a *Monarchia Lusitana*, grande parte da historiographia dos seculos xvii e xviii, a de Frei Luiz de Sousa, nomeadamente, a poesia prophetica, Fr. Antonio das Chagas, o theatro de Violante do Céu, os escriptos de edificação religiosa e moral desses seculos, Fr. Amador Arraes, Fr. Heitor Pinto e Fr. Thomé de Jesus, que são senão abundantes e frizantes testemunhos desse mysticismo, religioso e proselytista ou politico e sebastianista, mas sempre um cunho inilludivel de determinado estado de espirito? Foi ainda o mysticismo, que no seculo xix se ergueu clamorosamente contra a critica de fontes historicas de Herculano; que, pelo punho dum ministro inculto, mandou sustar as conferencias criticas, no Casino Lisbonense, de Anthero e dos seus companheiros; que, pela voz dum politico, poeta lyrico, proclamou como inimigos da patria quantos sobre ella discorressem criticamente. Tem fundos vestigios de mysticismo a obra de Oliveira Martins e a obra, tão eschematica e tão symbolica, tão confusa e tão ingenuamente optimista, do sr. Theophilo Braga.

Este mysticismo não morreu, muito pelo contrario, revela-se com intensidade apreciavel na litteratura contemporanea, principalmente na poesia, que reclamando-se de pantheismo, de saudosismo e de philosophismo, é um inilludivel testemunho da desordem de muitos espiritos, da sua confusão, da suspensão das suas idéas em vagas expressões *litterarias*. O mysticismo repugna a critica, porque a critica é analyse e investigação de valores, e elle confina-se na synthese leviana e na apologia encomiastica; o mysticismo, assim confuso e superficial, tambem não cultiva a sinceridade — essa grande virtude moral, intellectual e civica — porque a sinceridade é a sua propria condemnação. Critica só a pratica, mysticamente, isto é, attribuindo representação symbolica a tal auctor e a tal obra e fazendo prophecias, como por exemplo a, entre nós ha pouco affirmada, do nascimento dum super-Camões; sinceridade só a pratica, mysticamente, isto é, no seu mais superficial aspecto e forma mais rudimentar, a expansão illimitada, quasi confidencial, do proprio eu.

Fazendo a synthese das characteristics por nós propostas, para se reconstituir integralmente a physionomia da nossa litteratura, veremos surgirem outras feições differenciaes, directos corollarios daquellas, aos quaes a observação da historia amplamente confirma. A litteratura portuguesa, predominantemente lyrica, muito frequentemente épica, escassamente dramatica, sem critica, tendo as mais das vezes um vulgar e confuso mysticismo a perturbar a objectividade forte e serena, não tem continuidade de tradição, nem accusa tendencias fortes para a criação psychologica. Que não existe sequencia autonoma de tradição, já esparadamente o deixámos concluir, e em mais dum passo doutros trabalhos o temos declarado. Que não é uma litteratura psychologica, é que é uma proposição que necessita de desenvolvimento.

Promptamente reconhecerá que as tendencias da criação psychologica não são as que dominam a litteratura nacional todo aquelle que, sem paixão, mas com perspicácia, ainda que só com o impressionismo odonístico de leitôr, percorrer a nossa galeria de figuras moraes de criação litteraria, os nossos *typos*, para apurar quaes as personagens verdadeiras, que, por simplificação de attributos, entram na vida quotidiana, para as identificarmos a pessoas determinadas, as vêmos em casos determinados, as acotovelarmos, as frequentarmos com afeição, com

tédio, como por toda a parte nos sorrímos em frente dum Homais, nos indignamos deante de Grandet.

E' pequena a nossa galeria de typos. Gil Vicente tem o seu mundo: o fidalgo pobre, folgazão, gabarola e enamorado; o clérigo egoísta; a mulher phantasiosa; o marido lôrpa; o Frei Paço, lisongeiro e intrigante; o creado desvergonhado, figuras apenas esboçadas com dedadas certeiras no barro molle, algumas das quaes nós por sympathia imaginosa as completamos, algumas das quaes também, pelas repetidas encarnações que tomam, se accentuam com mais nitido vulto. D. Francisco Manuel dá uma forma nova ao thema vicentino do fidalgo risível, avigorando-lhe o aspecto comico. Antonio José e Garção têm também a sua pequena sociedade, mas estrictamente a das suas épocas, a de D. João V e a de D. José, em ambas sobrelevando o amôr do fausto postiço, da luxuosa apparencia, meras descripções comicas convem limitar desde já. Garrett cria um só typo, o da Joanninha do Valle de Santarem, tão suggestivamente bello, irradiando tão terna seducção! E dizemos que só criou a Joanninha porque o *Frei Luiz de Sousa*, a outra sua obra com que se poderia argumentar, não é a resurreição moral dum character, conterà, quando muito, a interpretação moral duma figura historica, a de Frei Luiz de Sousa, quando no seculo se chamava Manuel de Sousa Coutinho; o que o drama é, em nosso pensar, é o desenvolvimento genial dum assumpto, repare-se, dum assumpto eminentemente tragico. Herculano cria Eurico, o presbytero de Carteia e guerreiro invencível, que, sem realidade, é todavia coerente, tem certa logica — não perfeita logica, como em lugar competente desejámos mostrar — tem inteireza duma só peça, tornando-se o typo litterario do amante desesperado por um obstaculo insuperavel, como o romantismo deductivamente os concebeu. Camillo anima também o seu mundo, pouco variado, mulheres apaixonadas, bohemios lyricos e brasileiros boçaes. Julio Diniz, observando a mesma sociedade, que a Camillo proporcionava a maior parte dos seus themas, faz obra de verdadeiro realismo psychologico na *Familia Inglesa* e em cada personagem cria um typo. Eça de Queiroz, finalmente, anima uma completa sociedade, a lisboeta, em que abundam os typos, Accacio, Basilio, Luiza, Pacheco, Ega, etc. Se, porém, sujeitarmos esta galeria, já pouco concorrida, a uma selecção rigorosa, mais ainda ella se reduzirá. Estes typos são, na grande maioria, representantes de épocas, só têm verdade relativamente a essas épocas, só pódem ser acceitos com admiração e enlevo artisticos por aquelles que, de elevada educação e cultura litteraria, a essas épocas idas se reportarem — o que o grande publico que só procura prompta emoção, não faz. Esses typos representam estadios Moraes já passados da sociedade portuguesa, e frequentemente não de modo integral, o que também limita consideravelmente esse mesmo significado e valor perante a historia psychologica da sociedade.

Elles representam, uns, a gente do seculo XVI, estonteada pela miragem do Oriente, um pouco abalada nos seus sentimentos Moraes pelo naturalismo, pelo paganismo e pela sêde do ganho, e simultaneamente obrigada á hypocrisia pela centralização monarchica e pela vigilancia das auctoridades religiosas; outros são pequenos espécimes duma sociedade, que não tinha o ocio como vicio, muito grosseira e levianamente ridicula, nas operas do Judeu e nas duas comedias do Garção — nem sequer incluimos Manuel de Figueiredo —; outros são amostras da sociedade portuense durante o romantismo, representada na sua parte mais romantica, e da sociedade lisboeta, como a fizeram o constitucionalismo e a litteratura. Mas destas phases Moraes da sociedade apenas conhecemos parcellas minimas — exceptuando a reproducção de Eça de Queiroz, mais ampla, e não falando da dos

outros realistas, porque quando foram devassar outros recantos e outras classes não o fizéram com o exito do chefe da escola. Isto faz que a velha formula de Villemain, *a litteratura é a expressão duma sociedade*, não seja applicavel ao nosso caso, pois se o espirito nacional, com suas tendencias, com toda a sua constituição amplamente se reflecte na litteratura nacional, a sociedade portugueza escasamente nella se expressa; — nunca serão de mais as objecções a esta formula tão antiquada e sempre tão renovada pelo uso abusivo que della se faz.

Só Frei Paço, assim mesmo já um esboço titubeante de Tartufo, só o fidalgo aprendiz, muito prejudicado pela execução, só a Joanninha se nos affiguram como typos verdadeiros, como figuras humanas de qualquer sociedade e de qualquer tempo. A habilidosa hypocrisia, o ancioso ardor por sair do seu ambiente proprio, e a mulher de coração, feita de todas as delicadezas e fragilidades, são typos de sempre. Sobre todas, a Joanninha do Valle de Santarem á uma realidade eterna; simplesmente Garrett não a completou, nem poderia completá-la, não lhe oppôs a força, que na sua fraqueza se ampara, como num quadro allemão, que acóde ás nossas recordações, em que uma bella figura de mulher, quebradiça, mal velada por um çendal descahido, abriga nos braços um possante guerreiro, de gigantea estatura, couraçado de ferro. A força e a fraqueza são um dos permanentes contrastes da vida, como o do idealismo e do senso pratico, de Cervantes.

Os typos, queremos dizer, as figuras litterarias que como typos se popularizam, costumam ser destacados do theatro e do romance. Ora, theatro quasi o não temos, e o romance, á parte as *Saudades*, a *Diana*, o *Palmeirim* e o *Feliz Independente*, só no seculo XIX foi cultivado com nobreza e com superior talento.

Mas outras maneiras ha de fazer psychologia dentro da arte litteraria, que por ser essencialmente uma arte de base psychologica, sempre nos estados de alma, nas crises do coração e na representação dos caractéres com preferencia se exercitará; grandes artistas psychologos tem havido, que não crearam typos. E uma dessas maneiras é descrever aspectos moraes, collectividades, casos, tendencias espirituaes, em que todos reconheçamos alguma coisa de nós proprios, muito embóra não vejamos lá nenhum de nós integralmente representado. Essa psychologia, embóra menos intensa, menos concretamente individuada, mas não menos bella, é mais reflectida na nossa litteratura. Todos os poetas do amôr, a quem o talento bafejou, são um pouco psychologos, sobre todos Camões, que nos seus sonetos embréhou uma pequena encyclopedia do amôr. Até Camillo, narrando um caso de paixão, foi um pouco psychologo no *Amôr de Perdição*. Verdadeiros dotes de intuspecção psychologica encontramos ainda nos escriptores mysticos, cuja intensa vida interior mais de uma vez patentemente se descobre na sua prosa calma, analytica, tão nitida para a destrinça de certas modalidades do sentimento. Ainda dessa psychologia, tem-na Anthero de Quental, nas suas poesias *lugubres*, e nos sonetos, o sr. Guerra Junqueiro nos *Simples* e Eça de Queiroz nas suas ultimas obras, no *Fradique*, na *Casa de Ramires* e na *Cidade e as Serras*. E o exemplo destes tres grandes auctores, dos maiores da nossa litteratura, bastará para confirmar a nossa opinião de que esta outra forma de fazer psychologia na arte litteraria não é menos bella que a criação de typos.

Dir-se-ha que de taes características, por nós propostas como sendo as predominantes na litteratura portugueza, algumas dellas são defeitos, e que este artiguinho, como outros nossos tentamens criticos, é irreverentemente negativista. Objectaremos que o conceito que se formula da nossa litteratura é ainda um indicio claro da ausencia de espirito critico e philosophico e do insin-

céro mysticismo, symbolizante e prophético. O principal dos escriptores, que da nossa historia litteraria se têm occupado, accusa a alludida falta de espirito critico, de noção de valor e tem derramado ácerca della juizos impregnados de chauvinismo e de prophetismo. Pelo contrario, nós julgamos que melhor servimos a causa da critica, que é a da verdade, e dos progressos intellectuaes do nosso paiz, sincéramente investigando e sincéramente comparando e avaliando, do que promovendo a manutenção dos lugares-communs, que se transmittem no ensino official, a que o alludido historiador veio dar um arremêdo de confirmação philosophica e de documentação analytica.

Um pequeno povo com uma lingua pouco conhecida e até mesmo sem lingua nacional, pôde possuir uma nobre litteratura e pôde exercer larga influencia. Basta que no seu genio nacional, no momento expresso em tal obra e tal auctôr, haja elementos universaes, basta — esse bastar é tudo — que a humanidade se reconheça nessa manifestação desse pequeno povo. Significado universal uma obra pôde havê-lo ou na iniciativa historica, portadora de novidade, que *para todos* é revelação, ou no alto lugar que occupa na escala dos valores moraes e estheticos, lugar e valor que de *todos* são reconhecidos. Um pequeno povo, como a Suissa, exerce larga influencia no seculo XVIII, com os seus precursôres do romantismo; um paiz quasi recém-chegado ao concerto litterario dos povos europeus, a Russia, cria, com os seus grandes romancistas, correntes novas na evolução do genero; um paiz só de tradição historica, sem existencia politica, a Polonia, produz um dos mais amados romancistas da segunda metade do seculo XIX, Sienkiewicz; um recanto da França, numa lingua banida dos usos officiaes, a Provença, produz Mistral, cujo poema, *Mireio*, em todas as linguas traduzido dá a volta ao mundo; um pequeno paiz, a Dinamarca, com uma litteratura quasi ignorada além das fronteiras da Escandinavia, produz um notavel interprete das grandes litteraturas europêas, Brandes; e a Noruega, tão pequena e ainda ha pouco subordinada á cultura dinamarquesa, produz o maior dramaturgo do fim do seculo. E a causa destas superiores manifestações litterarias de pequenos povos ou de povos sem tradição litteraria é não se terem esses pequenos povos teimosamente isolado, como defendendo a integral originalidade do seu modo de ser, temendo o cosmopolitismo, só praticando o mais exclusivo nacionalismo, a *purificação*, como graciosamente chamou alludindo a esta tendencia nacional um auctor moderno. Fóra do convivio internacional a vida economica, politica e social dum povo é impossivel, e a sua vida espiritual esteriliza-se. Ora os pequenos povos, que referimos, procuraram sempre entrar no convivio espirital do grande mundo, formidavel cooperativismo da intelligencia, em que a associação é um augmento de recursos e toda a contribuição reembolsada com interesses generosos. A humanidade inteira se achou surpresa na obra do suisso Rousseau, dos russos Dostoiewsky, Tourgueneff e Tolstoi, do polaco Sienkiewicz, do dinamarquês Brandes, do norueguês Ibsen, etc. Na obra desses espiritos, vendo-se a si mesma, ella viu *algo de nuevo*.

A litteratura portuguesa, no momento em que a vida portuguesa teve tambem um interesse universal, deixando de ser o vegetar organico da idade média, com suas disputas peninsulares, produziu tambem obras, em que alguma novidade e valia *universaes* se continham. Os romances de Jorge de Montemór e de Francisco de Moraes, historicamente, trouxeram alguma novidade, uma interpretação nova do genero, que por intermedio da Espanha e da França depois se vulgarizou; e o poema de Camões, historicamente uma obra muito fiel do gosto da epóca, uma obediente imitação, trouxe estheticamente alguma novidade,

a modernização da epopêa e a idealização artistica das descobertas, representadas na de Vasco da Gama, o feito, no campo da acção, fundamental da civilização moderna. Fundamental, sim, porque a epoca da renascença traz um consideravel augmento de saber, mas as descobertas trazem um consideravel augmento de dominios, o que não foi somenos, longe disso.

Estas rapidas considerações têm em si implicita a opinião de que as características acima referidas não pezam sobre a nossa historia litteraria, com um inexoravel fatalismo, não, porque ellas são a expressão exacta do espirito nacional, que a inspira, o qual é susceptivel de aquisições novas, de enriquecimento, de transformação. Ellas não retiram á litteratura o sentido importante de fiel espelho do espirito nacional, mantêm-lhe a sua significação, como documento valioso de psychologia collectiva, e mesmo para a critica continúa a merecer attenções demoradas, investigações, sobretudo duma certa critica, mais historica que esthetica. Mas artisticamente, a litteratura que taes características ostenta não póde ter a veleidade de satisfazer um povo superiormente culto e esclarecidamente sedento de perfeição e belleza. E porque dellas, as positivas se avigoram no seculo XIX, ao contacto vivificador de influencias estrangeiras, e as negativas bastante se reduzem no mesmo seculo XIX, é que nós consideramos principaes, além dos nomes de Gil Vicente e de Camões, as epocas do romantismo e do realismo.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

AMERICA LATINA E AMERICA INGLEZA¹

(A evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana)

Continuando a serie de suas lições no estrangeiro sobre o Brazil, inauguradas no anno antecedente na Sorbonne, foi o Snr. Oliveira Lima em outubro de 1912, a convite do presidente da Universidade de Stanford, fazer neste notavel instituto scientifico seis conferencias em inglês, duas das quaes repetiu em seguida em dez outras Universidades, entre essas as mais celebres dos Estados Unidos, as de Harward e Yale. Isto só basta para assignalar o merito do conferente e a importancia ligada ao assumpto pelos grupos academicos da republica norte-americana. As mesmas seis conferencias pronunciou o autor em português, na Escola de Altos Estudos do Rio de Janeiro, um anno depois.

O presidente da Universidade de Stanford, doutor John C. Branner, lisonjeia-se de ser grande amigo do Brazil, por conseguinte da civilização portuguesa; é membro correspondente da Academia Brasileira, e conhece a fundo a nossa lingua. Geologo distincto, passou doze annos em estudos da sua especialidade no Brazil, que considera, palavras suas, «o paiz da sympathia, do altruismo e da hospitalidade», e por isso não admira que do seu povo guarde recordações gratas e fraternas. Promovendo, por considerações de character economico e politico, o estudo da lingua portuguesa na America, entende o doutor Branner que cumpre aditar a essa especie de interesses os de ordem sentimental, e que a divulgação, entre as classes illustradas, de conhecimentos relativos á formação e existencia da nacionalidade brasileira, estreitará as reciprocas sympathias e contribuirá para assentar em bases justificadas nos factos do passado e do presente entendimentos futuros. Para esse objecto recorreu ao doutor Oliveira Lima, que como letrado e diplomata tanto tem elevado a fama da sua nação no estrangeiro, e pela familiaridade com a lingua inglesa e demorada permanencia nos Estados Unidos possui os dois elementos essenciaes para o proficuo do seu ensino, o meio de expressão e o conhecimento da psychologia do auditorio. Estas observações transpõem a fronteira da simples resenha, mas julgo-as indispensaveis para a comprehensão do significado e da genese do trabalho de que me proponho fazer a analyse.

¹ Este artigo era destinado á secção bibliographica, mas em vista da sua extensão é publicado neste lugar.

As lições principiam pelo resumo da historia da America latina, desde o descobrimento e conquista até á independencia. Era a parte mais accessivel aos ouvintes, que do seu historiador Prescott a conheciam, representada em quadro de mestre, realçado pelos commentarios do philosopho. Mas o Brazil ficara fóra, e devia ser para muitos terra inexplorada. Mesmo para os que sabiam foi porventura novidade a parte que teve a ordem dos jesuitas na formação do povo luso-americano. Reminiscencias de um Paraguay mais ou menos de convenção, e o hereditario sentimento de hostilidade ao papismo, levaram porventura a assembléa de protestantes a acolher com desconfiança, no primeiro momento, o preletor que lhes dizia terem sido na sua terra os jesuitas, durante dois seculos de formação, «os principaes agentes da cultura nacional». (p. 14). Elle porém fazia-lhes ver que tambem na America do norte essa milicia bellicosa dos papas fizera jus ao reconhecimento dos vindouros, e recordava-lhes que no capitolio de Washington, entre os grandes homens a quem rende preito a patria americana, existe a estatua do jesuita Marquette, explorador do Mississipi.

Ao revez da America do Norte, onde a conquista se realisou pela exterminação dos nativos, na America do Sul foi ella obra da conversão. E o motivo explica-se: os puritanos, que saiam da Europa, iam no intuito de crear uma nova patria no mundo novo; os individuos da Peninsula levava-os a busca das riquezas; o trabalho humano era uma d'ellas e a mais abundante e productiva; precisavam portanto de a conservar, explorando-a methodicamente. A ancia do ganho ia porém sendo no Sul tão fatal ao indigena, quanto ao Norte o foi a expansão da raça occupante. Trabalhos excessivos, privações, captiveiros e as guerras mortíferas feitas para ter sempre em bom provimento o mercado da escravaria, dizimavam a olhos vistos a população selvagem. Entre esta e os colonos insaciaveis puzeram-se as religiões, principalmente dominicanos e capuchos na America hespanhola, jesuitas na portuguesa; na primeira deixam para a historia o nome immorredouro de Las Casas; na segunda os de Anchieta e Vieira. O que Ranke disse conceituosamente a proposito dos jesuitas, applica-se egualmente ás outras dominações, e caracteriza do modo mais justo a colonisação iberica: «A conquista transformou-se em missão, a missão em colonisação.» A'parte o Paraguay, onde a exclusão do elemento secular europeu restringiu a função dos missionarios á curatutela dos indigenas em perpetua minoridade, com as ordens religiosas entrou nas diversas regiões do imperio hespanhol da America a educação litteraria, sobretudo humanista. De caracter fradesco, como não podia deixar de ser, correspondia ao existente na metropole. Fundaram-se universidades, como em Hespanha. As do Mexico e de Lima datam do decimo sexto seculo. Em 1538 cria-se no Mexico a primeira typographia da America e a segunda, que foi a de Philadelphia, só em 1686 apparece.

Menos adiantado, o Brazil só no seculo xviii teve a imprensa, que todavia logo foi supprimida. A instrucção dava-se nas casas religiosas, e foram principaes mestres os jesuitas. Mas ensino dos graus superiores não havia, a não serem os estudos theologicos. As sciencias estudavam-se em Coimbra, e d'ahi proveio um facto de differenciação interessante: influirem os americanos-portugueses de modo consideravel na vida intellectual da metropole, o que não succedia em Hespanha. Como exemplos cita o conferente Alexandre de Gusmão e José Basilio da Gama. Podia talvez accrescentar o bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, reformador da Universidade; Azevedo Coutinho, bispo de Pernambuco, economista distincto, da primeira geração da Academia das Sciencias; Moraes, autor do dicionario, e, — estrella de primeira grandeza — José

Bonifacio de Andrada e Silva. « De resto, — conclue o Snr. O. L., — a intelligencia portuguesa no seculo xviii apparece-nos, não em infima parte, brazileira (pag. 40). Para isso tambem muito concorria a proximidade das terras, e a facilidade das communicações, maior do Brazil para Lisboa, que da costa do Pacifico, do rio da Prata ou mesmo das Antilhas, para Cadiz ou Sevilha. » O continente americano no hemispherio sul e na sua costa oriental como que avança em busca da civilisação do velho mundo (p. 41).

Achamo-nos agora já na terceira lição. Aqui assistimos ao desábrochar da vida nacional nas differentes provincias. As vereações portuguesas, os cabildos hespanhoes foram as celulas germinativas, que, desenvolvendo-se, haviam de formar os futuros estados. O municipalismo, que na Peninsula perdera, em proveito do poder monarchico fortalecido, as suas características, transplantado para a America convertiam-no alguns dos cabildos em verdadeira autonomia, que prenunciava já a futura independencia. No Brazil, da mesma forma, e aqui torna-se o facto evidente na revolta de Beckman de 1682. Mais tarde, em 1810, foi o cabildo de Buenos-Ayres que deu o signal da emancipação ás colonias de Hespanha. Dos centros politicos, que as municipalidades eram nas cidades mais populosas, irradiavam juntamente para os distantes, pequenos povoados, a acção e as idéas. Era ali o nucleo dos estados em via de formação, e pela convergencia de aspirações e de esforços germinava o systema federativo, que foi na America, diz o Snr. O. L., obra commum de ingleses, hespanhoes e portugueses.

Saído dos municipios, o grito da independencia soava mal aos ouvidos das aristocacias locais, que sempre tinham considerado focos da demagogia as corporações populares. Parte dos nativos, e não a menos importante por influencia e riquezas, era pela metropole. A lucta não assumiu character internacional, como nas colonias inglesas, mas antes foi uma contenda de partidos, com o mesmo aspecto dos que teem ensanguentado o continente por tantos annos; para muitos um meio licito de alcançar vantagens materiaes, de usurpar os logares rendosos na administração, de pôr a saque a fortuna dos contrarios. Ahi germina a semente dos pronunciamentos, do caudilhismo, das futuras revoluções, o que leva o conferente a notar: « A America hespanhola conquistou a sua soberania, mas as consequencias foram, sob certo aspecto que o tempo corrigirá, perniciosas. A genese das suas revoluções ali se nos depara, assim como a expansão conquistadora de Roma se contem em germen nas fabulas iniciaes da sua historia: a morte de Remo pelo irmão Romulo e o rapto das sabinas » (pag. 21).

D'esta contingencia infeliz salvou o Brazil a monarchia, que esteve para ser tambem o regimen dos demais povos latinos da America. Ao proclamar-se a independencia, ainda os libertadores vacilavam entre a tradição monarchica, arreigada na alma hespanhola, e a republica desábrochada antes no continente. No Mexico quizeram fazer um imperio, dando a corôa d'elle ao proprio rei de Hespanha; no estado argentino pensaram offerece-la a um americano descendente dos incas, que desposaria uma filha de D. João vi. Sabe-se quão perto estiveram de vingar as intrigas de D. Carlota Joaquina para ser proclamada soberana do Prata; e Luiz Filipe, futuro rei dos franceses, tambem foi lembrado. Os proprios chefes, S. Martin e Bolivar, primaciaes figuras da revolução, não excluíam a solução monarchica, mas o rumo dos acontecimentos impelliu-os em breve para outro ideal. A experiencia infeliz de Iturbide, ephemero imperador, no Mexico, atestou, como depois a de Maximiliano, a impossibilidade de varrer o caudilhismo pela acção de uma realeza a que faltava o apoio da tradição nacional. Talvez outros fossem os resultados se houvessem trasladado a séde da monarchia

para a America, a exemplo do que fizera D. João VI, solução que tambem teve partidarios em Hespanha. De toda a maneira, o autor pensa que a criação de monarchias hispano-americanas «teria poupado muita pagina rubra e muita pagina grotesca á civilização christã do seculo XIX» (p. 93).

A traços largos, de grande vigor, o conferente desenha o periodo agitado das guerras da independencia. De vez em quando retrata uma das personagens: Fernando VII, «um dos monarchas que menos teem merecido reinar, rei que justificaria qualquer republica;» (p. 87) Bolivar, «a quem como a Cesar, por tres vezes foi offerecida a corôa» (p. 89); S. Martin, que abandona a vida politica para não comprometter por egoismo a grande obra da emancipação, — «assim agiria Washington» (p. 90). E com uma phrase só as figuras ficam para sempre de pé e em vida, perante o ouvinte ou o leitor. A' roda dos heroes vemos a turba dos revoltosos, «vaqueiros a cujos instinctos selvagens falava com eloquencia o genio da destruição» (p. 103), e a esses o que os seduzia não era a noção de patria ou liberdade, senão «a pilhagem disfarçada nos principios» (id). D'esse achaque de nascença padecem até hoje na maior parte as republicas hispano-americanas.

Mas não foi só por isso decerto que desde a independencia tanto variou, sob o aspecto da cultura, a situação reciproca das duas raças de europeus que povoaram o continente. O snr. O. L. chama para o facto a attenção dos seus ouvintes: «Não pode ser posto em duvida que, por occasião de rematar-se a existencia colonial na America, nossa cultura era senão mais solida mais brilhante que a vossa» (p. 47). E depois d'isso? «Vós ganhastes muito terreno, e vos distanciastes consideravelmente de nós todos: o que significa por certo que a raça, o meio e o momento nos não tinham egualmente preparado para a gestão consciente dos nossos destinos (p. 43).

O facto é que desde havia dois seculos as qualidades preclaras da gente peninsular gradualmente declinavam. Era como se um veneno subtil lhe corrompesse o sangue generoso e sadio. Porventura a inopportuna mescla semita, que com o seculo XVI principia. E agora, em um vai-vem continuo de acções reciprocas, entrava ainda o sangue indio e o africano. A America foi o ponto de convergencia onde as tres raças, ao encontrarem-se, buscaram o equilibrio em um typo commum, objecto ainda longe de realisar-se, mas para o qual certamente caminha a variedade de mestiçagens em todas as imaginaveis combinações. Abordando o problema ethnico, acaso o mais importante em que se debatem as nações ibero-americanas, e que os Estados Unidos cuidam esquivar pela destruição methodica de uma das raças e pela exclusão da outra do meio social; abordando, digo, o problema, o prelector põe em confronto o antagonismo entre brancos e homens de côr na America do Norte com a relativa egualdade que a fusão trouxe aos paizes latinos, e parece-lhe esta a solução facil e definitiva. A seu juizo, testemunham a favor dos cruzamentos os mestiços de genio, e o sangue indo-germanico opulento e nobre purificará a torrente estranha, inferior que nelle se despeja. «Se, — pergunta elle —, a mestiçagem physica imprime o seu cunho, porque o não imprimirá a mestiçagem moral? e se esta pode exercer-se no sentido da degradação, porque se não exercerá tambem no sentido da elevação» (p. 48)? Idéas talvez inaceitaveis para os norte-americanos, mas em que os brasileiros por solidariedade e patriotismo, os portugueses, pela responsabilidade da sua obra colonial, teem obrigação de insistir. E, assim, o snr. O. L. perfilha, ácerca do seu paiz, a opinião de um illustre patricio, o doutor J. B. de Lacerda, anthropologo distincto, e como elle de sangue insuspeito, segundo o qual o estigma da mesti-

çagem virá com o tempo a apagar-se no Brazil por effeito da crescente immigração da Europa e da selecção dos sexos, e será o paiz viveiro da raça branca e um dos focos da civilisação latina. Mas não deixa o conferente de reconhecer mais adiante que « a mestiçagem foi moral e socialmente um atrazo para a America latina » (p. 161); e que entre as nações hespanholas da America é mais accentuado o progresso « na Argentina e no Chile, onde foi notavelmente inferior a proporção do mestiçamento, sobretudo com o factor negro, mais baixo na escala social, mais subserviente na degradação servil, e portanto mais aviltante como cruzamento » (p. 176). Ao conflicto interior dos sangues nos individuos, parece corresponder a indisciplina exterior, a predominancia do instincto ancestral da violencia, o pendor para a revolução. A esse mal escapou o Brazil pela forma monarchica, que no periodo da adolescencia lhe poupou as commoções dos outros estados americanos, e lhe encaminhou a existencia no sentido da ordem e progresso de que fez a divisa nacional. Ainda o snr. O. L. faz ver que « o grande mal das republicas hispano-americanas foi a desharmonia entre a theoria e a practica, com o desequilibrio que d'ahi resultava entre o abstracto e o concreto » (p. 173). A desproporção era enorme entre os principios apregoados pelos libertadores, e a capacidade das populações para as comprehender e adoptar. Ora « á mestiçagem que caracterisou a colonisação iberica além-mar cabe a primeira responsabilidade d'essa consequencia. O mesmo não succedia ao norte, onde a população que primeiro immigrou, a que continuou a vir e se propagou e fez a independencia era toda de sangue anglo-saxonio. As outras raças ficavam fora da nacionalidade; os indios, acoçados para o deserto, os africanos na escravidão.

Como porém havia de se realizar diversamente do que foi a colonisação de hespanhoes e portugueses? O territorio a povoar immenso; a gente da metropole escassa, dizimada por guerras seculares, dispersa de mais em obras de conquista pelos quatro cantos do mundo. Já se viu além d'isso que emigrantes saxões e ibericos moviam-nos propositos differentes. D'ahi a necessidade de constituir com elementos heterogeneos as nacionalidades em via de formação. Nas colonias hespanholas ainda por muito tempo se manteve a separação desdenhosa da raça conquistada ou escrava, e em nenhuma, creio, o europeu abdicou da sua pretendida ou legitima superioridade no grau em que isso succedeu no Brazil. De certas regalias eram os mestiços excluidos, e no seculo xviii o governo hespanhol passava atestados de sangue limpo, que habilitavam os portadores para entrarem nas universidades e para as profissões liberaes. As funcções publicas eram em geral exercidas por individuos vindos da metropole, mas a Igreja, menos exclusiva, se reservava as mitras para os hespanhoes, admittia ao sacerdocio tambem os nativos. D'estes se compunha em grande parte o baixo clero, e entre elles não faltavam os mestiços. A ambição legitima, o despeito de não poderem subir os degraus mais altos da gerarchia ecclesiastica, levou-os ao partido da independencia. O cura Hidalgo, « especie de tribuno descido do pulpito, » (p. 103) foi quem soltou no Mexico o brado da independencia, em 1810. Em toda a America influira no clero o liberalismo da epoca. A revolução de 1817, em Pernambuco, no sentido republicano, « foi, pode dizer-se, uma revolução de padres » (p. 101). Elles constituiam a parte illustrada da população, accessivel pelos livros ás idéas reinantes na Europa, e com influencia que lhes attraía partidarios. Na Constituinte brazileira, os radicaes mais avancados « eram padres que tinham esquecido o latim do breviario, embebidos no francez da Encyclopedia » (pag. 102). Grande exemplo a citar-se aos Homais que pretendem serem sempre os ministros do culto arautos da reacção e do obscurantismo.

Passada a furia da independencia, e aquietadas as luctas em que as recentes nacionalidades passaram o periodo do crescimento, a America hespanhola entra a sentir em si uma alma unica, herdeira da alma da antiga metropole. Em todos os estados é visivel o carinho pela mãe patria, que do outro lado do oceano assiste desvanecida aos seus progressos. A lingua sonora e rica é o laço querido, consistente e perenne, que prende estas nações novas ao solo dos antepassados. Em cada uma, para a manutenção d'esse laço commum na possivel pureza, se fundam academias, que não querem ser todavia organismos independentes, senão que, por sentimento de filial devoção, se declaram correspondentes da Academia hespanhola.

Não, porém, assim no Brazil. O snr. O. L. aponta que a tradição purista, salvo excepções mais raras, se não acata na sua terra. Propagou-se a doutrina que «a uma nova nacionalidade devia corresponder não só uma litteratura propria, como uma lingua diferenciada» (p. 148). Ao contrario do que na America hespanhola succede, «a Academia Brasileira do Rio de Janeiro creou-se mais para consagrar a futura lingua brasileira do que a passada lingua portugêsa» (idem). Acrescentarei que as reformas orthographicas divergentes hão-de cavar mais ainda o vallo que nas coisas intellectuaes separa as duas nações.

Desconfio que neste paiz existe muito espalhada a idéa de ser o Brazil propriamente nossa colonia mental. Que grande erro! Já o tinha mostrado Joaquim Nabuco na primeira sessão da Academia Brasileira: «Portugal tem muito pouco de primeira mão que lhe queiramos tomar; uns e outros nos fornecemos de idéas, de erudição e pontos de vista nos fabricantes de Paris, de Londres ou Berlim». Inteligente, e obra de reflectido patriotismo, foi a tentativa de Consiglieri Pedroso, interrompida pela morte se não mallograda, para a aproximação intellectual dos dois povos, sem a qual vem o risco de tambem pelo lado economico e politico nos distanciarmos. Por incuria e algum tanto, julgo, por desdem, Portugal ignora sobre este aspecto, — e ainda quantos outros! — o Brazil. Sobre elle é singularmente elucidativo o excellente livro do snr. O. L., e nenhuma parte tanto deve interessar o leitor portugêsa, sem embargo das outras em que por mil modos se manifesta o erudito, o artista e o pensador.

J. LUCIO D'AZEVEDO.

Luis de León and the Inquisition¹

Literature was in sad plight in the Peninsula when at the same moment of time Damião de Goes was in the Lisbon prison of the Inquisition, Cervantes in chains at Algiers, Camões broken and poverty-stricken at Lisbon, and Luis de León in the prison of the Inquisition at Valladolid. Thus were prose and poetry equally confounded. Luis de León was a master of both, and Spanish literature probably gained rather than suffered by his imprisonment, for, apart from the admirably clear and direct prose of his defence, he composed in prison several of his poems and a part, at least, of his celebrated treatise *De los Nombres de Cristo*, which but for this enforced leisure would perhaps never have been written.

Luis de León was born at Belmonte in the province of Cuenca in 1527.² His father's family had been long established there and his grandfather was a well-known figure as he rode out on a white horse to visit his vineyards.³ His father, a man of great goodness and learning,⁴ was a distinguished lawyer, and as King's advocate his duties obliged him to follow the Court. Luis de León was accused of being of Jewish descent, and, without the evidence raked up at his trial, one might have suspected from his literary style that he, like so many members of distinguished families in Spain, had some Jewish blood in his veins. His mother was Ines de Valera y Alarcón, daughter of Juan de Valera, «*escudero, que vivia de su hacienda*». The name Ponce de León occurs nowhere among his ancestors. At the age of five or six he accompanied his parents to Madrid and spent the next seven or eight years at Madrid or Valladolid. In his fourteenth year his father sent him to the University of Salamanca with the advice that he should «follow the common opinion in letters». A few months later he entered the Order of Saint Augustine and by so doing renounced a considerable income (4000 ducats). His father, however, continued to send him sums of money to buy books and for his degrees. The «proud fame» of the University of Salamanca in the sixteenth century «threw into the shade all the Universities that had ever existed»,⁶ and it ranked with those of Paris, Oxford and Bologna. The number of students exceeded 6000. The sons of the noblest and richest as well as of the poorest families were sent there and the whole body was supposed to constitute a small republic. Numerous statutes prohibited any display of wealth among the richer students. They were not allowed to wear long flowing gowns and all silk was likewise forbidden, as were gloves,

either tanned or worked. Their shirts were to be plain, not embroidered, and their breeches not slashed nor coloured nor made of thread of silver or gold. Anyone wearing coloured clothes ceased *ipso facto* to be considered a student. The students were allowed to have pages,⁷ who, however, were not to wear livery. The statutes further forbade the representation of comedies on lecture days and the playing of ball in the streets of the city. Students might not possess or go in coaches or litters nor ride on mule or horseback.⁸ On the other hand «seeing that music appertains to study and art, the students may have in their houses any instrument of music, and these shall not be taken from them». When they went to take their degree they were not to be accompanied by sackbut nor clarion but, if they wished, might have «six trumpets and three pairs of kettledrums». It would seem indeed that many of the students did not devote themselves very assiduously to study.⁹ It became necessary to draw up statutes forbidding them to talk during lecture, or sit with their backs to the lecturer or attend during the last quarter of the hour only. The rivalries between professors gave rise to many boisterous episodes in the lecture-room, for those who favoured a professor showed their devotion by shouting down his rival or by signifying with great shuffling of the feet that the lecture had lasted long enough, while their pages would interrupt the lecture by their noisy games as they waited for their masters.¹⁰ The students had free access to the library of the University and the result was often disastrous. Leaves were torn out, one volume replaced by another, and, in spite of every care, a large number of books were stolen.¹¹ They were no doubt taken by poor students who were glad to sell them to buy themselves bread, for, although equality was reputed to reign in the University, many students lived on the borderline of starvation. They would slink into the chapel vestry to warm themselves in the cruel Salamanca winters¹² and in years of scarceness the University provided a public granary that they might have bread at less cost.¹³ The richer students were sometimes reduced to similar straits owing to «delays of carriers or remissness on the part of their parents», and could no longer visit that «most excellent pastry shop» mentioned by Espinel but passed the time «trembling with cold and half dead of hunger».¹⁴

The professors were elected by the votes of the students. We are told that this answered well and that the professors, being thus partly dependent on their pupils, spared no pains in instructing them and looking after their interests. But the system entailed abuses. A vacant professorship aroused the keenest competition. The canvassing of students smacks of a later age. Luis de León says that Hector Pinto employed promises and threats and that a beggar and two or three students who were his supporters carried round a blank sheet of paper which they made students sign without knowing what they were signing. «Most of the students who signed, he adds, do not attend his lectures and have no wish to attend them». The numerous statutes on this head show how many were the abuses. Ferdinand and Isabella commanded that «the votes be left free in order that the chairs may go to those who by their abilities and learning deserve them» and forbade the obtaining of votes by bribery or violence.¹⁵ According to Pedro Chacón «many ignorant men were wont to secure a degree of Doctor or Master by means of a papal bull: they then entered the said University and won professorships by bribery». The system by which degrees were conferred also gave rise to abuses. The candidate was obliged to give a dinner to all the examiners, who in their turn did their best *concluirle* (to plough or floor him). The

examination was held in the Chapel of Santa Barbara¹⁶ by night and the doors were locked till it was over. The candidate is obliged to «give to each of the examining doctors and masters two doubloons and a taper, and a box of preserved lemonpeel and a pound of sugarplums and three pairs of chickens. And moreover because the time of the examination is long he must give them a dinner, but is not obliged to provide more than one bird, that need not be a turkey, one course of *manjar blanco* and fruit before and after, with bread and wine». For their part they must accompany the candidate through the streets «and to and from the bullfight in the afternoon on pain of losing the dinner». ¹⁷

Luis de León took his degree in 1560 and in the same year competed for a professorship. This was won by his friend Grajal, but in the following year he obtained the chair of Theology (chair of Saint Thomas. December 24, 1561) for four years, and in March 1565 the Durando chair of Theology and Scripture. In 1569 he delivered some lectures on the Vulgate. All this sounds peaceful and quiet enough. But his very success had made him bitter enemies. Bartolomé de Medina, Hector Pinto and others never forgave him for their defeat.¹⁸ Moreover the Professor of Greek, León de Castro, was a hectoring bully, jealous of any reputation that might overshadow his own.¹⁹ Even Luis de León's few intimate friendships, with Gaspar de Grajal and Benito Arias Montano for instance, were turned against him. When it is added that a monk, finding the desk in Luis de León's cell unlocked, had stolen and copied a translation of the *Song of Solomon* into the vulgar tongue, and that he was suspected of wishing to undermine the authority of the Vulgate, it will be seen that his position was precarious. Nor were the dangers diminished by his own nature. He was perfectly fearless in denouncing abuses and when he took his degree and it fell to him as the youngest candidate to deliver a Latin oration he took the opportunity to attack the misdeeds of the Dominicans with such violence that the traditional enmity between that order and the Augustinians was embittered. On another occasion he maintained that the whole Augustinian order was corrupt, and inveighed against those who creep and intrude *non per ostium ad ovile*. Why, he asks, are rewards given to *adulatio, malae artes, fraus*? The superiors live *sumptu regali*, and if they dress modestly consider themselves virtuous. *At sunt viri boni? Finge ita esse*. With Fray Bartolomé de Medina he had a dispute as to which of the two should substitute an absent professor in a course of lectures. The Rector decided against Luis de León, bidding him «remain in his house without disturbing the lecture» and keep silence on this matter. Luis de León thereupon appealed, apparently in vigorous terms, and the Rector seized and tore up the appeal before the notary could finish reading it. At the examination for his degree Luis de León had been pronounced to be «a religious, honest and reserved man of good life and customs.» His contemporary, Francisco Pacheco, describes him as follows: «He was small and well proportioned, with large and well-shaped head, thick and somewhat curly hair and small tonsure, large forehead, face rather round than oval, brown complexion, eyes green and quick. He had an especial gift of silence, the man of fewest words ever known, though of a singular acuteness in what he said; he was extremely frugal and temperate in meat and drink and sleep, of great discretion, truth and loyalty, punctual in word and promise, restrained and melancholy (*poco o nada risueño*). The nobility of his soul and deep humility appeared in the gravity of his expression.» «Although choleric by nature» he was very patient towards others even *en tiempo de sus mayores trabajos*. But he cer-

tainly was at no pains to conciliate those whom his own frankness, sincerity and sense of humour offended. *Obtrectationes et occulta odia*, he said, *ut non appeto ita non magnopere pertimesco*. His nature was extraordinarily sincere and true, flattery and intrigue being alike impossible to him. And the sleeker natures hated him. Here, in his own words, is how he offended Diego de Zuñiga, the melancholy friar, as he calls him: « He told me one day . . . that the Pope esteemed him greatly and then related to me a long story all chockfull of conceit about a merchant and a cardinal by means of whom his name flourished at the Court of Rome », and how the Pope wished to see something from his pen (*alguna cosa suya*). He then showed Luis de León an essay of a few pages entitled « How to learn all the sciences. » « After I had looked at it he asked for my opinion and as I am frank I told him that I could have wished that what he was sending to so high a place as a sample of his intellectual powers had been of more substance. »²⁰

Between León de Castro and Luis de León disputes were of almost daily occurrence. They could not meet and agree, León de Castro positive, violent, enraged by opposition, *meneando muy apriesa la cabeza*,²¹ Luis de León candid and outspoken. The chief point of dispute between them was the authority of the Hebrew text of the Bible, of the Septuagint and of the Vulgate. León de Castro regarded the Septuagint version as infallible, and when Luis de León, going to the Hebrew, pointed out mistakes, he said that the Hebrew text was different when translated by the Septuagint and that the 'Jews' had corrupted it afterwards. 'Jews' were all those who differed from León de Castro,²² 'Jews' were Luis de León and his friends. León de Castro attributed to Luis de León the failure of his *Commentary on Isaiah*. It was true that Luis de León had threatened to denounce it to the Inquisition and have it burnt, whereupon Castro promised to have Luis de León himself burnt. But the book, says Luis de León, was too long and too dear to find many purchasers. As to Castro he was *too suspicious, sospechoso en demasía* (one is reminded of Napoleon on Metternich: *Il ment trop*), and he would insist that he was being contradicted when no one was thinking of disagreeing with him.²³ Luis de León accepted the Vulgate, but considered that both it and the Septuagint contained mistranslations. (León de Castro he regarded, he says, « not as a heretic but as a man of little judgment »). It was the attitude of a sincere Catholic and of a scholar. But it laid him open to the attacks of his enemies, and, what a more cautious man would have avoided, it might inspire the hundreds of students²⁴ who attended his lectures with a critical attitude towards the Vulgate²⁵ at the very moment when Luther had « kindled in nearly all the world a fire which many years will not put out »²⁶ and the reformers were attacking the Vulgate root and branch. At all events Luis de León's many enemies²⁷ considered that they had a favourable opportunity against him. He was denounced to the Holy Office and was imprisoned in the dark and unhealthy prison of the Inquisition at Valladolid on March 29, 1572,²⁸ and there he remained for four and a half years, during which his health, always delicate,²⁹ was completely broken. The Inquisition at Valladolid appears to have been too near Salamanca to act impartially, but the superior tribunal of Madrid is open to little blame in this trial. Luis de León was accused of serious charges at a time of great and increasing heresies and unrest, and it was their duty to sift the matter thoroughly. But his accusers were actuated by any motive rather than zeal for religion. Browning's *Soliloquy of the Spanish Cloister* might have been written for them. Indeed the most sincere and sensible of all the witnesses³⁰

is Francisco de Palacios, barber of Salamanca who «is a friend of and wishes well to the said Fray Luis de León because he is his barber.» The two chief witnesses were León de Castro and Bartolomé de Medina. The former after all his bluster had nothing to say. He considered it «very grievous to favour with such vehemence the interpretations of Jews» as, he alleged, did Luis de León, who, moreover, had said that other explanations of the text were possible besides those of the Saints. León de Castro considered that «besides» (*praeter*) «sophisticated». The witness had also «heard certain students say», but docs «not remember who they were», and so forth. Bartolomé de Medina was far subtler and more deadly. There was, he pointed out, in circulation a Spanish translation of the *Song of Songs* by Luis de León, who, with Grajal,³¹ maintained of the Vulgate that «a better translation could be made and that it contained many errors»; and there was, he said, «in the University of Salamanca much inclination to new things». The charges finally drawn up in the «criminal accusation against Fray Luis de León, descended from a generation of Jews» were nine: (1) He held that the Vulgate contained *muchas falsedades* (2) that certain passages might be interpreted also according to the Hebrew text. (3) He favoured Grajal's view that the Old Testament contained no promise of eternal life. (4) He preferred the Bible of Vatablus in the version of the Psalms and the Book of Job. (5) He had spoken ill of the Septuagint version. (6) He had translated the Song of Solomon into the vulgar tongue. (7) His doctrine implied that faith alone justifies. (8) He had ridiculed declarations of Saints in Holy Scripture. (9) He protected the heretical teachings of others. On these heads his defence was: (1) He merely said that certain passages of the Vulgate might be better and more clearly translated. (2) Other interpretations not excluding those generally received. (4) This was permissible when it did not contradict the Vulgate version. (5) The Septuagint had an imperfect knowledge of Hebrew. (6) It was translated for a nun, not for public circulation. (7) This must be due to the ignorance or malice of his hearers. (9) He agreed with Grajal on certain points. Accusations 3 and 8 he simply denied. His enemies succeeded in spinning out the trial for over four years, and he felt, as he says, that he was fighting blindfold against them. A few days after his arrest he asked for certain books,³² a crucifix, some powders «*para mis melancolías y pasiones de corazon*», a brass candlestick and pair of snuffers, a knife «*para cortar lo que como*». His request was granted «in view of his being delicate and ill», but the knife was to have no point. He accepted fully the authority of the Inquisition and declared over and over again that he was and had always been a humble and obedient son of the Church.³³ But as the years passed and his health grew worse he besought that he might no longer be deprived of the use of the Sacraments but might be allowed a free death among the monks of his Order. It is well-known that four out of the seven Valladolid inquisitors decreed that, although they were satisfied with his defence, he should be put to the torture, but moderately, on account of his delicate health (September 28, 1576); and that the superior tribunal of Madrid refused its assent to this and acquitted him (December, 7, 1576). On December 13 he was welcomed back to Salamanca. The University, said the Rector, was infinitely glad at his *buena venida*. The celebrated story³⁴ represents him resuming his lectures with the simple words «We were saying yesterday»³⁵ and those who know the man's character readily accept it. It cannot however, be literally exact since he did not resume his lectures. His chair was occupied by Medina from 1573 to 1576 and in 1576

and 1577 by Garcia de Castillo. Luis de León was given a course of lectures on Holy Scripture, for which he received 200 ducats. The hour was to be 9-10 a. m. in summer and 10-11 in winter. His old enemy Rodriguez had a lecture at the same hour and a long dispute³⁶ ensued between them. Thus from the sublime to the ridiculous the step was short. In the following year, after a *reñidísima oposición* with a candidate favoured by the Dominicans, he won the Chair of Moral Philosophy (August 1578). During the remainder of his life he had little leisure to spend in the retirement so dear to him on the banks of Tormes. He published his two great prose works *De los Nombres de Cristo* and *La Perfecta Casada*, he edited the works³⁷ of Santa Teresa, and he began her life,³⁸ left unfinished at his death. He was appointed member of a commission for the reform of the calendar, he supported the Carmelite nuns whose independence was endangered by a reform of which Philip II approved, although the Pope favoured the nuns.³⁹ He also with great zeal and energy conducted the affairs of the University at Court and had frequent audiences of the King. In 1582 he was once more accused before the Inquisition on the subject of Freewill, and it was also complained that in his zeal for reform he benefited no one and offended many. But he was not arrested, and in 1584 the case ended with a «kind and loving admonition» to him from the Archbishop of Toledo, Inquisitor general. In 1591 he became Provincial of the Augustinians in Spain and died nine days afterwards at Madrigal (August 23, 1591).

Luis de León took advantage, he says, of «the leisure in which the injury and ill-will of certain persons have placed me»⁴⁰ to write *De los Nombres de Cristo*, a commentary on the names Shepherd, Prince of Peace, etc. To those who are not especially interested in the subject it is astonishing how the sincerity and splendid style of the work attract and retain the reader's interest. It is a masterpiece of Castilian. It was scorned by some as being in *romance* and they refused to read it, saying that they would have read it had it been written in Latin. Yet, he says, «Plato wrote not vulgarly nor vulgar matters in the vulgar tongue of his time.» He himself laments the reading of «vain books» «que en nuestra edad más que en otra han crecido»⁴¹ and wished to correct this by setting the example of writing a better kind of book in the vulgar tongue. He was anxious to open the «new path» of a good Spanish style. So he says that he fears that parts of his translation of the *Song of Solomon* may seem rather Basque — *dicha muy á la vizcaina*. Probably he would have set the finishing touch to some passages of his poems had he published them himself. They were edited by Quevedo for the first time in 1631. «In the midst of the studies of my youth, almost of my childhood, these little works fell from me» says Luis de León. Obviously this does not apply to all his works. Some were written in prison,⁴² and one poem at least when he was over fifty — *Del Mundo y su Vanidad*, which refers to the battle of Alcacer Kebir:

La grave desventura
Del Lusitano por su mal valiente,
La soberbia bravura
De su animosa gente
Desbaratada miserablemente.⁴³

To Luis de León the noisy years of University life were but moments in the being of the Eternal Silence. He had drunk deeply of Plato, and passages both in his poems and in *De los Nombres de Cristo* have a striking similarity with passages of Wordsworth. He loved to sing of *la vida descansada*. He had an ear not only for the music of Salinas⁴⁴ but for that of Nature, of running water, of the *parleruelas aves*, of the silent music of the spheres.⁴⁵ His verse flows with inspired clearness and grace, an exquisite if a studied felicity:

Del monte en la ladera
 Por mi mano plantado tengo un huerto
 Que con la primavera
 De bella flor cubierto
 Ya muestra en esperanza el fruto cierto.

Quevedo noted «the purity of his style», «the majesty of his diction». To Cervantes he was

un ingenio que al mundo pone espanto.⁴⁶

Lope de Vega called him the «divine Fray Luis, equally glorious in prose and verse».⁴⁷ It remained for a carping critic of the twentieth century⁴⁸ to remark that his literary talent is «poco ó nada original». Now it happens that Luis de León possesses the only originality that matters.⁴⁹ He was able to express his own thoughts or the thoughts of others in a style which has never been excelled. His scholarship imposed on him certain limits of expression and his inner fervour filled these forms with a fire which will burn and glow as long as the Castilian language endures. The same critic says that «his eyes are so dazzled by looking at the sky that they do not see what goes on upon the earth». But it is precisely because Luis de León is so extraordinarily human, so near to earth that Lope de Vega is right in calling him divine. He had a very keen eye for reality, and no critic really acquainted with his work will deny this. One has but to think of *La Perfecta Casada*, not of the splendid praise of morning but of those passages in which the author says that often a scholar «does not spend so much on his books as a lady in dying her hair» and speaks of the married ladies who neglect their houses and spend their lives «warming the floors of churches night and morning», or who «treat their servants like dogs» or spend three or four hours at the work of painting their faces, surrounded by caskets and canisters.

Luis de León, says Pacheco, was «the greatest genius of his time in all arts and sciences», and was famous in mathematics, arithmetic, geometry, astrology, law, medicine. «He was a great Latin and Castilian poet... he studied painting without a master and became so skilful that among other things he painted his own portrait (no easy matter).» This reputation as a painter was perhaps derived from two rather technical passages on painting in *La Perfecta Casada*. «He was a master» proceeds Pacheco «in the Latin, Greek, Hebrew, Chaldaean and Cyriac languages and in our own how great, since he was the first to write it with rhythm and elegance». Luis de León's own account of

himself, written in prison in 1574, is more modest: «Aunque yo valgo poco y en todas las cosas soy menos que otro, ha muchos años que estudio estas letras [theology] y más de veinte y cuatro que las leyo y enseñé en mi Orden primero y después en la Universidad de Salamanca con la aprobación que V^a M^{da}. pueden saber, y tengo en ella muchos discípulos que son ya maestros y muy doctos; y de otras facultades y lenguas tengo alguna noticia». He was touched with the spirit of the Renaissance, so that for him no art or science was without interest, but even were the works in verse and prose, on which his literary fame rests, to disappear, the noble simplicity of his character would suffice to make him great.

AUBREY F. G. BELL.

¹ I *Colección de documentos inéditos para la historia de España*, Madrid, 1847. Tom. x and xi (printed from the mss in the Biblioteca Nacional of Madrid): *Proceso original que la Inquisición de Valladolid hizo al maestro Fray Luis de León, religioso del orden de S. Agustino*.

II Pedro Chacon. *Historia de la Universidad de Salamanca*, 1569. (*Semanario erudito*, que comprende varias obras inéditas... dadas á luz por Don Antonio Valladares de Sotomayor. Tom. xviii, pp. 3-64). Madrid, 1788.

III Francisco Pacheco. *Libro de descripción de verdaderos retratos de ilustres y memorables varones*. Sevilla, 1599.

IV *Constitutiones Apostólicas y Estatutos de la muy insigne Universidad de Salamanca*. Salamanca, 1625.

v Luis G. Alonso Getino. *Vida y procesos del maestro Fr. Luis de León*. Salamanca, 1907.

VI Francisco Blanco García. *Fr. Luis de León. Estudio biográfico del insigne poeta Agustino*. Madrid, 1904.

VII Francisco Blanco García. *Segundo proceso instruido por la Inquisición de Valladolid contra Fray Luis de León*. Madrid, 1896.

VIII Marcelino Gutiérrez. *Fray Luis de León y la filosofía española del siglo xvi*. Madrid, 1885.

IX Alejandro Arango y Escandon. *Fray Luis de León. Ensayo histórico*, 2.^a ed. México, 1866.

X José Gonzalez de Tejada. *Vida de Fray Luis de León*. Madrid, 1863.

XI Gregorio Mayans y Siscar. *Vida y Juicio crítico del maestro Fray Luis de León*. (Bibl. de Aut. Esp. tom. 27). Madrid, 1855.

XII Juan Valera. *Disertaciones (Del influjo de la Inquisición y del fanatismo religioso en la decadencia de la literatura española)*, 1876).

XIII Marcelino Menéndez y Pelayo. *De la poesía mística*. (Estudios de crítica literaria, pp. 1-72. Madrid, 1884).

xiv Franz Heinrich Reusch. *Luis de León und die spanische Inquisition*. Bonn, 1873.

xv C. A. Wilkens. *Fray Luis de León. Eine Biographie aus der Geschichte der spanischen Inquisition und Kirche im sechzehnten Jahrhundert*. Halle, 1866.

² The date now usually given is 1528. According to Pacheco he was born in 1528 and died in 1595 at the age of 63! According to his epitaph he was 64 at the time of his death in August 1591. From his trial we know that he was 44 in April 1572. The inference is that he was born between April and August 1527.

³ *Doc. inéd.*, x, 171.

⁴ *Doc. inéd.*, x, 385. «Mi padre fue un hombre muy católico y muy principal, como conoció todo el reino, y su padre, que se llamó Gómez, no menos que él». (Ibid.)

⁵ Vicente Espinel. *Relaciones de la vida del escudero Marcos de Obregón*, 1618.

⁶ *Los miembros de una república*.

⁷ The great Las Casas had at the University a black page or slave brought by his father from the Indies.

⁸ Cf. *Constitutio* xxiv. *Super pretiosis vestibus et jumentis*.

⁹ Cf. Quevedo. *El Buscón* (1626): «Estudiantes y pícaros, que es todo uno».

¹⁰ «En las escuelas aya un alguazil que sosiegue los rumores de los que impiden las lecciones como son los que hacen los paxes de los estudiantes jugando». *Estatutos*.

¹¹ «las muchas diligencias no han bastado para escusar que no tomen muchos libros de la librería de las escuelas». *Estatutos* (1594).

¹² «que ningún estudiante entre en la sacristía con achaque de se ir á calentar». *Estatutos*.

- ¹³ The convent of the Augustinians alone provided food for 500 students, and « in years of famine the number reached a thousand ».
- ¹⁴ Vicente Espinel. *Marcos de Obregón* : « una pastelería excelentísima que había en el desafío ».
- ¹⁵ The candidate was forbidden to gain votes by giving or lending money, inviting to luncheon, dinner or any other meal, giving corn, wine, or any other thing, by promises or providing « ventanas para fiestas ».
- ¹⁶ *Pasar por la capilla de Santa Barbara* meant « to take one's degree ».
- ¹⁷ *Estatutos* (1561). A statute of the same year orders the candidate to give the doctors to eat in moderation — « not more than six different kinds of sweet things and three of the fruits of the season » and notes that « there appear hitherto to have been great excess and disorder in this ».
- ¹⁸ The former had also been examined by Fray Luis and had suffered from his penetrating and difficult questions.
- ¹⁹ He wished, said Pedro Chacon, *quedar solo en la monarquía*.
- ²⁰ *Doc. inéd.*, x, 374.
- ²¹ *Doc. inéd.*, x, 420.
- ²² *Doc. inéd.*, x, 294. Cf. x, 334.
- ²³ *Doc. inéd.*, x, 279. Witness of Bartolomé de Carranza.
- ²⁴ The Hall (*general*) was crowded during his lectures (*lleno de gente*). Witness of Diogo de Gaona. December 11, 1574.
- ²⁵ « Nemo eam quovis pretextu rejicere audeat vel presumat » (Council of Trent).
- ²⁶ Juan de Mariana. *Historia de España*. That delightful old historian subsequently chronicles the death of Luther « of his great eating and drinking, at the age of 63 ».
- ²⁷ *Tengo muchos enemigos*. *Doc. inéd.*, x, 199. Cf. x, 330 : Luis de León « tenía muchos amigos y discípulos ».
- ²⁸ The order for his arrest was dated February 26, 1572.
- ²⁹ He would return worn out to his cell from a lecture and would long for the peace and solitude, the clear light and pure air of the country.
- ³⁰ Witnesses were examined at Valladolid, Salamanca, Arévalo, Toledo, Medina de Rioseco, Granada, Cuzco (in Peru), etc.
- ³¹ They had both been arrested, and Grajal, Luis de León's inimate friend, « one of the men *más sin doblez* that I have known » died in prison.
- ³² A Homer in Greek and Latin, an Aristotlo in Greek, a Horace and Virgil, « of which there are many » in his cell, a Sophocles in Greek, a Pindar in Latin and Greek, etc.
- ³³ Cf. *Doc. inéd.*, x, 99 : « Sé de mi ciertisimamente que ninguna cosa ha sido ni es ni con el favor de Dios será poderosa para que, entendiendolo yo, me aparte de su sancta doctrina e creencia ni en un solo tildo ».
- ³⁴ First found in Niccolò Crusenio. *Monasticon Augustinianum*, 1623.
- ³⁵ At his first lecture January 29, 1577.
- ³⁶ Petty disputes of the kind between the Salamanca professors were constantly referred to King Philip II.
- ³⁷ He describes them as « the highest and most generous philosophy ever imagined ».
- ³⁸ At the request of the Empress of Austria.
- ³⁹ Luis de León is reported to have said *No se puede ejecutar orden alguna de Su Santidad en España*, while Philip II asked *¿ Quien le mete a Fray Luis en estas cosas ?*
- ⁴⁰ *De los Nombres de Cristo*. He had found, he says, peace and serenity in prison : *veo ahora y puedo hacer lo que antes no podía*.
- ⁴¹ *De los Nombres de Cristo*. The common people « se han entregado sin rienda á la lición de mil libros no solamente vanos sino señaladamente dañosos. (Ibid.). He refers no doubt to the vogue of the romances of chivalry.
- ⁴² Cf. the famous verses

Aquí la envidia y mentira
Me tuvieron encerrado :

Falsehood and hatred here
Kept me in prison pent :
Happy whose life is spent
In learning's humble sphere,
Far from the world malevolent.
He with poor house and fare,
Communing with God alone,
Would in the country fair
Dwell solitary, there
By none envied, envying none.

43 In an earlier lyric he refers to the Portuguese discoveries :

En vano el mar fatiga
La vela Portuguesa, que ni el seno
De Persia ni la amiga
Malaca da arbol bueno
Que pueda hacer un ánimo sereno.

44 Espinel, himself a musician, calls Salinas « that prince of music » and says that he « performed miracles with his hands ». The strains of his music still seem to live for us in Luis de León's lyric :

El aire se serena
Y viste de hermosura y luz no usada,
Salinas, cuando suena
La música extremada
Por vuestra sábia mano gobernada.

45 He would commune with the « coro resplandeciente de las estrellas » « con las cuales comunico mis cuidados y ansias las más de las noches ».

46 *La Galatea.*

47 *Laurel de Apolo :*

Tu prosa y verso iguales
Conservarán la gloria de tu nombre

48 Emilio Bobadilla (*Fray Candil*). *Viajando por España. Madrid, 1912.*

49 He would not have valued the originality of disagreeing with all other critics, although he would have appreciated the sincerity which marks Señor Bobadilla's work.

Estudos de Litteratura Contemporanea

I — O SR. SILVA GAIO

O presente artigo e assim outros seguintes, que igualmente versarão a litteratura portuguesa contemporanea, são ensaios de destrinça de algumas suas principaes correntes estheticas e de evidenciação de alguns aspectos de consciencia do escol intellectual, certo não os de maior vulto, mas nem por isso de menos imperativa influencia e, portanto, também não destituídos de significado. Como se depreheende logo, estes artigos têm ainda implicito um protesto contra o preconceito, nem sempre confessado mas sempre fielmente observado, de que os auctores vivos se não devem lêr nem discutir, preconceito lamentavel que confirma uma caracteristica da nossa litteratura, a falta de consciencia critica. Nós entendemos, muito ao contrario, que toda a vida mental contemporanea, não só a litteraria, em todos os sentidos das suas manifestações deveria ser devassada por rigoroso inquerito historico-critico. Inspirando-se sempre esta perquirição num proposito de julgamento temperado por probo methodo historico, chegaríamos a conclusões que conteriam mais verdade do que as que formula o chauvinismo ligeiro, optimista e enganoso, ou o hypercriticismo egualmente ligeiro e enganoso e summariamente condemnatório. Por pequenos que sejam os nossos recursos mentaes — e nós não crêmos que incorramos na suspeita de os exaggerarmos — devem ser avaramente apurados e organizados.

Poderá estranhar-se, apesar do largo ambito que póde dominar uma revista com os intuitos assignalados á *Revista de Historia*, que nella publicemos estes artigos sobre assumpto contemporaneo, tão cheios de melindre e não pouco contingentes, que melhor caberiam, dir-se-ha ainda, num orgão dum centro de pugnas litterarias. Responderemos que, não havendo differença essencial entre os processos da critica, que se exerce sobre obras do passado, e a que se exerce sobre obras actuaes, nos mantivémos perante obras, idéas e auctores com a mais serena imparcialidade, forcejando por formular algumas conclusões reflectidas e não ter apenas arbitrarias impressões ou encomios levianos.

Relevar-nos-hão que, a este proposito, trascrevamos algumas palavras nossas noutro lugar escriptas como commentario á distincção que um theorico da critica, o sr. George Renard, faz entre historia litteraria e critica litteraria: « Começa por estabelecer uma completa separação entre critica e historia litteraria, affins mas differentes, como a medicina e a physiologia, como a politica e a sociologia. Uma estuda desinteressadamente, sem preocupação de nenhum fim util, o passado litterario; a outra, a critica, procura applicar os principios extrahidos dessa

longa e experiente observação. Esta opposição é subtil de mais. Perante uma obra antiga, uma obra já da historia, o critico surprehende-se na mesma situação, em que está, perante uma contemporanea, recém-apparecida. Desconhece-a, vae estudá-la, primeiramente gozando-a como leitor, depois reflectindo sobre a impressão colhida, e da conclusão de que a obra tenha maior ou menor valor passará á analyse e á explicação. Para a obra antiga, reporta-se ao conjuncto de circumstancias historicas, ambientes e coevas, quer para a explicação, quer para a avaliação; para a obra moderna, faz o mesmo, só com a correcção chronologica, e visto que o auctor vive e é capaz de mais produzir, a conclusão produz um effeito, porque se dirige a um espirito em evolução, emquanto que no caso da obra antiga, o veredictum é sem consequencias. A carencia de effeito na critica historica e a possibilidade de effeito na critica contemporanea são, quanto a nós, os traços differenciaes; a primeira será mais desinteressadamente especulativa, a segunda mais preocupadamente normativa. Mas, não havendo uma differença essencial de methodo e havendo-a apenas nos resultados, deverá estabelecer-se uma distincção? Quando investigamos a historia litteraria não nos abstemos da analyse esthetica intrinseca da obra, como quando fazemos critica contemporanea nos não devemos abster da sua explicação historica. A propria obra moderna, recém-apparecida, de hoje, é já uma obra historica considerada na sua derivação e considerado o seu auctor como producto de causas passadas, já encorporadas na historia.» Estas palavras, julgamo-lo, elucidarão sufficientemente ácerca da nossa disposição.

Cultor da poesia com evidente preferencia e, esporadicamente, da critica e do theatro, o sr. Silva Gaio apenas publicou, no genero romance, *A Dama de Ribadalva*, contos, de 1904, *Ultimos Crentes*, romance, do mesmo anno, e *Torturados*, romance, de 1911. Todavia, tão pequena bagagem, ainda nas suas partes de desigual valôr, reclama para o nome do sr. Silva Gaio, o apreço que se deve a quem, fazendo uma breve incursão por um dominio, que a avaliar pelas suas preferencias não parece ser o das suas gostosas inclinações, deixa de si um cunho de valor e originalidade. *A Dama de Ribadalva*, recopilação de escriptos menores — alguns verdadeiramente *menores* — de datas diversas, que vão de 1891 a 1900, foi a primeira affirmação deste escriptor, como novelista. Testemunhava esse livro as primaciaes qualidades dum variado e flexuoso estylo, de flagrante observação da paizagem e dum apreciavel dom de descripção. Os assumptos tomados é que não correspondiam a essas qualidades, porque, exceptuando a primeira peça, que deu o nome ao volume, *A Dama de Ribadalva*, todos os contos engastam assumptos banaes, approximando-se, ás vezes, da quasi carencia de assumpto. Exceptuámos logo o primeiro conto, porque um formoso conjuncto das qualidades acima referidas, do assumpto com recursos artisticos e da original maneira de compôr o conto, fazem que elle sobressaia com grande relevo. A perduração dum grande amôr louco, a obstinada paixão duma quasi centenaria, rugosa, amarellecida, esqueletica, a intervallos possessa de furias e nos momentos de calma paramentando-se para receber o noivo, ha dezenas de annos aguardado, a fixa obstinação desse desvairado sentimento em meio da geral mudança, a «sala do cravo» cerrada supersticiosamente durante gerações, para ao fim se abrir e com o seu scenario reconstituir e concretizar ante a imaginação da pobre louca a sua allucinada visão — poderá ser um thema mais litterario que real, mas contem emoção e devaneio, e no contraste da geral mu-

dança e indiferença com a fixidez desse amor que faz duma centenaria uma donzella sempre fiel á mesma esperança, tão longinqua que se tornára lenda, contem belleza e verdade. Belleza, porque cabalmente cumpre o seu proposito de emocionar, verdade, porque nos faz pensar, exemplificando esse thema no effeito isolador do pensamento unico, numa das mais pungentes formas da loucura, porque é das menos conscientes e porque com requintada crueldade como que pára o cyclo da vida e o giro do tempo, para torturar o espirito num martyrio infindo, como o de Prometheu, vendo o figado devorado sempre a renascer.

A composição do conto está longe de ser vulgar, é pelo contrario ordenada duma caprichosa maneira. O auctor não nos expõe o seu thema seguidamente, dá-nos delle apenas dois momentos, uma arrebatada furia da dama de Ribadalva, e um intervallo de acalmia, em que uma vez ainda, a ultima, aguarda o noivo, que desta vez chega finalmente, beija a donzella, lhe segreda que toque... E depois de dedilhar no teclado um velho minueto, que enche, perfuma e anima toda a sala bafienta, morre... porque elle havia enfim chegado. A estes dois momentos, uma furia, e o derradeiro passo da velha illusão, interpõe o escriptôr a sua narrativa, que é ainda uma fluctuante e incerta reconstituição, pouco a pouco induzida de vagos elementos, os informes do capellão, o retrato da «sala do cravo», etc. E este character de incerteza dessa reconstituição vem ainda convergir e avolumar o effeito do conto, effeito de devaneio, de alada meditação lyrica sobre o que teriam sido realmente esses velhos amores, a mocidade da dama de Ribadalva, o garbo do official amado... O conto *Duas leituras* evidencia um contraste psychologico, na meditação e na leitura das duas personagens, thema muito artificioso; *Nas montanhas* é uma simples descripção, que póde bem exemplificar o asserto acima affoitado de que alguns contos não andariam longe da carencia de assumpto; *Amor que morre* é ainda, como *Duas leituras*, um artificio de psychologia litteraria, e as restantes quatro peças são verdadeiramente as que se poderão chamar *menóres*.

O romance *Ultimos crentes*, publicado em seguida e no mesmo anno, tem por thema o desenvolvimento, num povoado de pescadores, da superstição sebasteanista.

Numa anfractuosidade da costa do norte, num «areal deserto» que o escriptor não chega a localizar com precisa clareza, estabeleceu-se em tempos uma companhia de maritimos, patronada por Pedro Arraes. Como explorador que se apossa de dominios pela primeira vez devassados, alli se fixou Pedro Arraes, sem nenhum obstaculo, sem nenhuma formalidade, isolado e os seus de todo o convivio, como se occupassem uma ilha perdida. Logo neste prodromo inicial se reconhece que o romance vae tornar-se uma narração deductiva, coherente, logica, bem ordenada, mas toda tecida de imaginosas deducções. Uma população, que se estabelece definitivamente num paradeiro deserto deste pequeno Portugal, seria ponto de partida duma aldeia, duma povoação, com seu commercio, com suas construcções; não poderia isolar-se inteiramente como a companhia, nem permaneceria indefinidamente tósco amontoado de palheiros. Tôscos amontoados de palheiros formam os pescadores, em Portugal, mas apenas durante os meses da affluencia do pescado, como por exemplo, do atum, mas sem interceptarem de todo o trato, por todos os motivos Moraes e materiaes necessarios, e ainda porque o pensamento lhes fica nas suas casas, nas suas aldeias, donde são, onde têm os seus haveres e para onde voltarão em breve com o seu cabedal de economias. Mas a gente do Arraes, segundo o romancista, apenas recebia a visita do padre de Gandara, muito curta, mal humorada e sem intimidade, e a dos

almocreves que iam pelo peixe. E tanto se confinavam no seu obstinado isolamento, que quando fôram em piedosa romagem á Senhora da Guia offerter uma véla, todos os romeiros e devotos os olharam com uma espantada curiosidade, como se fossem dalgum paiz distante e desconhecido, doutra lingua e costumes. Tanto se isolavam que, por uma selecção natural, cujos pormenores episodicos o romancista nos narra, conseguiram expurgar a companhia dalguns estranhos elementos, como eram o Russo e os seus, naufragos um dia caridosamente acolhidos, que todavia nunca se tinham deixado assimilar; tanto se isolavam, que adoptaram uma devoção propria, tomaram um santo patrono proprio, uma ermida propria; e tanto os isolou o sr. Silva Gaio que nem a intervenção fiscal do estado permittiu. Não pagavam impostos, nem reconheciam justiça. O caso do Russo, expulso, com os seus, depois de moido de pancadas, e a bruxa, morta ao abandono, por elles mesmo deitada a uma lagôa proxima, a sua casa incendiada, são actos em que só intervem o unico poder por elles reconhecido, o ancião Pedro Arraes. Como se vê, o ponto de partida da acção não é accetavel, o que não impede que, d'elle derivando, o seu desenvolvimento seja coherente, *bem deduzido*, como dissémos.

A leitura dos *Prophecias* do Bandarra, explicadas e commentadas pelo Arraes, espalha a crença do sebastianismo, que a todos une e tão indissolvelmente, que é a causa principal da má vontade do Russo, imprudente incrédulo, que ousára duvidar: « — Nem que um home durasse tantos moios d'annos! » O amôr de duas prestigiosas figuras, pelo vigor physico e pelo parentesco com o velho e pela belleza, Pedro e Rosa, ao calôr da crença do sebastianismo, toma uma feição exaltada de messianismo, como que se despe da sua rude animalidade, unindo-os para uma alta missão. E o dia de cumprir essa missão chega. No horizonte, varrido por sobre o mar encapellado, o velho Arraes enxerga um navio de velas brancas eufunadas, phantasticamente a destacar sobre a claridade abraçada, que as nuvens entreabertas deixam vêr. E' o Encoberto que chega! — Pedro e alguns denodados companheiros correm corajosamente em seu soccorro, através das ondas furiosas... e são engulidos.

« Com elles, naufragava o senho messianico da raça.

Mortos, ou vivos desenganados e dispersos, eram os da companhia os seus ultimos crentes ».

Este fecho do romance parece fazer crer que o escriptor attribuiria á obra uma intenção symbolica, que pretendêra nesses pescadores representar o desfazer do sonho dum povo. Admittindo que houvesse ainda sebastianismo e que elle merecesse outra attenção, que não fosse de sorriso ou de indagação psychiatrica, poderia sem desproporcionada relação symbolizar-se o fim da illusão dum povo inteiro num trivial episodio occorrido num « areal deserto », ignorado desse povo inteiro, mal conhecido dos que mais proximos o convizinhavam? E esse episodio trivial encerra em si uma contradicção. Indo prestar soccorro e anciadamente temendo a perda do navio, que traz o Encoberto, os sebastianistas, crentes na fatal execução duma missão divina, accetavam que essa missão divina, esse regresso cujo fatalismo triumphára dos tempos e do senso commum, viesse afinal succumbir a um accidente natural.

Todo preocupado com o desenvolvimento da fé messianica, o romancista não individua personagens; todas ellas se uniformizam moralmente no unico pensamento e sentimento que dellas conhecemos, o sebastianismo. Nada sabemos das suas occupações ordinarias, o bom tempo, o máu tempo, as rêdes cheias, mal cheias, a resistencia ao pagamento dos impostos, os trabalhos violentos da

profissão, a animalidade, que nesses formigueiros humanos irrompe com uma bruteza crua, as creanças semi-nuas que patinham na areia molhada, ranhosas e tismadas; ha apenas sebastianismo e sempre sebastianismo. Por elle é expulso o Russo, por elle vão lançar á lagôa a bruxa, e por elle ainda se destacam a um primeiro plano as poucas personagens, que saem do anonymato: o velho Arraes, Pedro e Rosa, cuja individualidade consiste apenas em serem mais sebastianistas todos três, em ter ascendente consideravel o velho. E apesar desse destacante relevo, estas personagens são ainda menos verdadeiras, antes mais convençionaes, que a turba anonyma da companhia toda, tanto o sebastianismo os domina. Causa a maior das estranhezas ver um pescador, alma bronca, todo condoido... de sentir perder uma crença, como se o soffrimento intellectual, a dôr da duvida, principalmente da descrença do sebastianismo, alguma vez houvesse pungido o espirito em trevas dum pescador. Até na cura desse mal, dessa nevrose, intervem o sebastianismo; depois de inuteis bruxedos, a obsessão de Pedro, que vê sempre a alma penada do Russo a escarnecê-lo com a sua sarcastica incredulidade no homem, que não podia durar « tantos moios d'annos », só se dissipa ante a apparição do Encoberto, que assustára e fizéra desaparecer o espectro do Russo...

Dentro desta inverosimilhança maxima, o romance é organicamente composto, bem embrêchado em todas as suas partes, só um pouco prolixo. Como processo — e assim tinha de ser — predomina a narração do auctor, com raras intrusões descriptivas, brevissimos dialogos e sem retratos moraes.

Dois episodios merecem especial menção. E' um delles a romaria dos pescadores á Senhora da Gandara, formoso trêcho, o mais desligado do sebastianismo esmagadoramente dominante em toda a obra, e por isso o mais bello (52-73). Toda a companhia se põe a caminho, com os seus mais garridos vestuarios, acompanhando recolhidamente a Pedro, que vigorosamente conduz a véla duma promessa, que vão cumprir ao sanctuario. Atravessam vales e encostas, com a véla a panejar, toda branca, « feita do melhor panno », atravessam a multidão dos peregrinos surpresos, e a vela, tão grande que noutro lugar não cabia, fica na propria nave da ermida.

« Para dentro da ermida, apenas o Pedro e dois das ilhargas carregavam agora com a véla, nos passos do padre; e poucos lograram entrar, dos extranhos ao Arraes — tantos eram os deste para tão estreito logar.

Ao quererem, erguidos da resa surdamente murmurada, guardar a véla trazida e benta, viu-se que tambem não cabia na casa das oblatas e reliquias.

Teve então de ser posta em tropheu na propria nave da ermida, vindo tomar, encostada e aberta, quasi toda a parede do lado da Epistola, fronteira á entrada para o relicario.

Deu-lhes isto alegria; pois ficava assim mais perto, e sempre ante os olhos da Imagem.

Mas quando á saída ficaram, com os velhos, para traz de todos, o Pedro e a Rosa — enquanto os outros corriam a comprar registos da Senhora, com alpendre junto da ermida — ainda lançavam á véla branca, espalhada e desenvergada pela parede azuloia da nave, duas olhadas de saudade e d'amor.

Porque lhe queriam, de feita e vista desde o começo, e de a terem trazido alli com tanta alma e devoção de todos nem que delles dois fôra já parte e vida.

E então, a uma nortada mais forte, que penetrou pela porta da ermida, poz-se a vela a palpitar, trapejando contra a parede, como se de novo quizera

desprender-se, acompanhá-los, e seguir, seguir fóra, para depois navegar livre mar além...¹

O outro episódio é o da consulta á bruxa Coca (Pag. 101-133), repetição tardia, demorada e sem oportunidade do cansado episodio, que foi um dos lugares-communs do romance romantico.

Em algumas rapidas paginas o romancista descreve a multidão heterogenea de romeiros, mendigos andrajosos, «manetas, gafos, donos de chagas feitas e cancerosos verdadeiros, torcionados e convulsionarios» — cuja belleza de fealdade fóra posta na moda litteraria, como thema novo, pelo realismo, principalmente por d'Annunzio, no seu *Triumpho da Morte*, e por Zola, em *Lourdes*.

O estylo dos *Ultimos Crentes*, ao contrario do dos contos anteriormente publicados, não tem flexibilidade, é duma construcção difficil e um pouco enredada, sem liames que adocem as transições.²

Nos *Ultimos Crentes*, o snr. Silva Gaio já desenvolveu, ainda que não de accordo com a realidade, muito deductivamente, um thema de psychologia collectiva, um estado de consciencia; nos *Torturados*, que seguem com largo espaço, voltou a estudar estados de consciencia, ainda a fazer representações de psychologia intellectual.

Nos *Torturados* conta-nos o romancista a tortura de três almas que anciadamente desejaram a vida plena e perfeita, conforme a um superior ideal, a uma superior concepção de espiritos cultos e de almas de eleição. Maria do Resgate, mulher divinamente formosa, disveladamente culta, viajada, dum prestígio soberano, defendêra sempre o seu coração de frívolos flirts, desesperançada já de algum dia ter de se render ao culto duma alma perfeita, pelo character, pela intelligencia e pelo vigor e belleza physica, por julgar esse encontro um devaneio irrealizavel. Aos seus serões um dia associa-se um poeta, Miguel de Gouvêa, cuja vigorosa estatura, bem proporcionada, elegante e esbelta, cuja imaginação colorista, cujo prestígio litterario, cujas idéas sãs e elevadas formavam aproximativamente o seu typo de devaneio phantasioso. E algum interesse e benevola sympathia lhe nascem pelo poeta, até que o apparecimento dum novo convidado aos seus serões, Carlos da Motta, antigo companheiro de estudos e grande amigo de Miguel de Gouvêa, faz hesitar Maria do Resgate, porque Carlos da Motta completava as qualidades do poeta com uma maior e mais arguta originalidade de pensamento. Pensador, philosopho, Carlos da Motta, não tinha a intuição artistica da belleza plastica e formal, mas era mais preocupado da razão intima das coisas, remontando sempre para além das apparencias pictoricas a sondar o sentido essencial. Era uma organização intellectual de metaphysico. Para Maria do Resgate o typo perfeito do homem, que satisfaria o seu coração, seria aquelle que reunisse as qualidades brilhantes de Carlos da Motta e Miguel de Gouvêa.

¹ V. pag. 72 e 73.

² Permittimo-nos expôr ao sr. Silva Gaio este nosso modo de pensar acêrca do estylo do seu romance. Em carta datada de 28 de Abril, o escriptor respondia com algumas considerações, que, devidamente auctorizados, aqui reproduzimos: «A prosa dos «Ultimos Crentes» é, realmente — sobretudo nos primeiros capitulos — menos agil e flexivel. Eu proprio o reconheço, e sei aonde está o remedio a dar-lhe numa noya edição.

Provem esse senão — em primeiro lugar — do êmpenho em manter-lhe o quê de mais pesado e contido da fala popular; em segundo lugar: da preocupação de evitar o emprego de particulas repetidas e de evitar a successão de pronomes relativos dentro do mesmo periodo; daqui resultou, pela falta desses *gonzos*, que deveria, com effeito, ter multiplicado, menor flexibilidade e mais hirto e lento modo de frase.»

Promptamente rendido pela insinuante superioridade de tal mulher, Miguel de Gouvêa vê com magna que também o seu amigo ia passando da admiração desinteressada a um sentimento mais forte e que Maria do Resgate hesita e trahe até alguns indícios de preferencia pelo philosopho. Felizmente a discreção de Carlos da Motta, partindo bruscamente para os Açores, e as suggestões dum intimo da casa, Simão da Nobrega e da velha preceptora e intima amiga de Maria do Resgate, miss Rodding, acalmam essa indecisão, e Maria do Resgate casa com Miguel de Gouvêa. Temperamento frio e espirito insatisfeito, a nova esposa não encontra no casamento, nem dá a seu marido a esperada felicidade, sobretudo não obtem aquelle sentimento de plenitude, de vida integral, de vida superiormente culta e perfeita, que anciava. Nem com o bem-estar da vida conjugal, com o conforto moral que ella lhe traz, Miguel de Gouvêa se sente febrilmente activo, fecundo de idéas, animado de inspiração, apto para a execução duma obra. O desaccordo physico, pois que Maria do Resgate acolhia com uma frieza de estatua os arroubos amorosos, os impetos de amante de seu marido, produz um pequeno afastamento moral.

Miguel de Gouvêa tem o seu capricho de amôr illicito, que chega ao conhecimento de Maria do Resgate, o que mais ainda os separa. Esse alheamento moral traz como consequencia uma reconciliação de enthusiasmo, em que Maria do Resgate subitamente se revela mulher, com os sentidos numa excitada vibração unisona, e em breve sabe que vae ser mãe. E então, na dôce esperanza desse filho, já tão amado, que em si reuniria e requintaria as qualidades dum e outro, é que ambos sentem que a vida, tal como a haviam concebido e como anciosamente a desejavam, chegava emfim. Miguel de Gouvêa concebe o seu poema, a sua grande obra, em que artisticamente representasse a vida, nalgumas das suas notas predominantes e mais perduradoras, nessa obra anciadamente trabalha, sente-se vivo e lucido de espirito, febril de actividade, pujante de vigor physico, unido de corpo e alma á mulher numa completa identificação, dia a dia a faz confidente da sua obra, o grande sonho da sua vida de poeta. Mas, como Polycrates que no acumen da felicidade receava crear inveja aos deuses, Miguel de Gouveia sente da propria saciedade de bem-estar despontar a dôr de que esse supremo bem terá um fim e, pouco a pouco, uma amargura immensa o invade com o presentimento cruel de que esse fim chegue breve. E chega. Adoece, abate, enfraquece-se, revigora um momento, e uma tarde, quando lia a sua mulher enlevada um fragmento do seu poema, cae fulminado pela *angina pectoris*.

Viuva, Maria do Resgate toda a sua vida a concentra no pensamento do filho, que Miguel de Gouvêa não chegou a conhecer. E quando elle nasce e vae crescendo, deixa-se embalar pelo sonho de que Mauricio — assim se chama a creança — plenamente realize o typo perfeito, que o pae esteve a ponto de realizar. Carlos da Motta, chegado do estrangeiro, attrahido por um amistoso interesse e por uma esperanza de antigo apaixonado, esperanza logo cruelmente desfeita, acceita o encargo de orientar o desenvolvimento dessa intelligencia infantil e para o filho do seu amigo escreve de longe o *Livro de Mauricio*. E Mauricio era... um idiota.

E' este o entrecho resumido do romance. E mais resumidamente ainda o poderemos reduzir a uma formula abstracta: a tortura de três almas sedentas de perfeição, que vêm tombar por terra todo o seu sonho, uma porque desaparece da vida, outras duas pelo isolamento mutilador. Nenhum thema seria mais deficiente, mais escasso de movimentação episodica do que este, sim-

plés restituição do estado de três consciências, vivendo em torno á mesma idéa fixa, e todavia o sr. Silva Gaio com elle compôs um extenso romance. Não é, por isso, o romance dos *Torturados* uma obra de agitado turbilhonar de personagens; quasi toda a acção decorre no Miradouro, residencia de Maria do Resgate, antes e depois de casada; episodios ha-os minimos de numero e de importancia. O que o romance, bem considerado, vem a ser é uma larga, abundante, minuciosa notação de estados successivos de três consciências, em que predominavam as emoções intellectuaes, de três corações que principalmente por motivos espirituaes se determinavam. Obra de psychologia intellectual, obra de indagação dalguns caractéres accentuadamente intellectuaes, para os quaes a gravidade da vida, o seu finalismo de Bem e de Verdade eram a superior preocupação, os *Torturados* marcam, quanto ao thema, e não só quanto ao thema, uma modalidade nova no romance portuguez. O homem moderno, eminentemente critico, pensador, que racionaliza os sentimentos e a moral, que tudo intellectualiza e que na vida do espirito põe uma devoção fervorosa, subordinando assim ao pensamento toda a sua vida affectiva, o homem moderno, tal como o fez a cultura scientifica e philosophica, o percuciente criticismo e a viva ancia de transportar para a vida real todo esse cabedal de cultura, de tornar humanamente, interessadamente moral o que até então fôra destituído de significado ethico, encontra nos *Torturados* um retrato fiel. Que se approxime desta obra, só conhecemos na moderna litteratura portuguesa o typo de *Fradique Mendes*, de que Eça fez um breve perfil e cujo espirito parcialmente documentou pela *Correspondencia*. Mas o sr. Silva Gaio faz uma integral reconstituição desse typo, lança-o na vida e conta-nos como elle lucha pela consecução do seu alto ideal.

Não é só pelo thema que os *Torturados* se affirmam com originalidade, tambem muito originalmente se affirmam na composição, já como natural consequencia desse mesmo thema, que obrigava a uma diversificação de processo, já como simples tendencia espiritual do seu auctor. Na composição do romance, o sr. Silva Gaio affasta-se muito da estructura ordinaria dos romances realistas, da forma seguinte: Desloca algumas partes, evitando pelo imprevisto, a monotonia muito frequente. Assim as personagens, que assistem ao serão do Miradouro, no capitulo v, não nos são descriptas no momento do protagonista entrar, revelando-no-las uma a uma, mas por uma conversa que Simão da Nobrega e Miguel de Gouvêa entretêm na vespera do serão. Evita sempre que póde pormenores superfluos, que um estricto realista — mostrámo-lo em outro livro — accumularia, sempre avido de tudo descrever e contar; assim procede na passagem da 1.ª para a 2.ª parte do romance, em que a acção dá um salto, assim procede na passagem do capitulo iv para o capitulo v, quando nos conta o capricho amoroso de Maria da Luz e Miguel, e em outros passos. Trata assumptos e scenas de rude crueza com uma discreção delicada, no que não devemos ver só o gosto do auctor, mas a que devemos attribuir tambem um tédio da intencional crueza do realismo. Scenas banaes, lugares-communs do moderno romance, á força de repetidos, trata-os este escriptor duma maneira inteiramente pessoal, evitando o melindroso desaire da repetição sem originalidade. E' um exemplo frizante desta maneira pessoal, renovando antigos escaninhos do romance, a scena da declaração de amôr, a pag. 219-222. Do realismo conservou o gosto da minuciosa descripção de interiores e de paizagens. Particularizadamente nos diz a topographia do Miradouro, de que chegamos a fazer um perfeito esquema geometrico (pag. 239), o seu mobiliario antes e depois do casamento de Maria do Resgate, o seu jardim, o seu panorama, a paizagem de Caride, a quinta dos

Loureiros, etc. Tem também o romance alguns artificios convencionaes, alguns *trucs*, releve-se a designação, a carta anonyma e a carta esquecida — de que Eça de Queiroz e o realismo português não pouco abusaram.

Tres são as personagens centraes do romance, Maria do Resgate, Miguel de Gouveia e Carlos Motta, e mais as duas primeiras que a terceira. Porém de todos só Miguel nos é inteiramente individualizado. Desde a sua figura physica, dos seus habitos intimos, das suas predilecções desportivas até ás suas opiniões, meditações, aos seus planos de trabalho, ao seu ideal, inteiramente o possuímos. Miguel de Gouvêa, durante o breve prazo, que o romance alcança, vive de vida propria. É um espirito moço num corpo vigoroso e bello, uma imaginação plastica a invadir um pouco a razão serena, uma consciencia pouco fria que nem sempre se deixa possuir de justa confiança em si propria, uma intelligencia perspicaz e lucida, mas em que não eram feições mais características a originalidade e a iniciativa. A originalidade e a iniciativa intellectual cabiam a Carlos da Motta. Mas só a figura de Miguel nos é bem documentada; a sua mesma superioridade intellectual nos é comprovada, porque não só nos dá o seu retrato, no capitulo VII da primeira parte, e nos define a differença especifica que distinguia os dois amigos no capitulo IX, mas ainda nos confidencia o vasto e ambicioso plano do seu poema, *S. Frei Gil* — e para bem conhecer um alto espirito não ha como conhecer-lhe a sua obra superior. Ao contrario, Carlos da Motta é philosopho, porque o sr. Silva Gaio nos diz que elle o é. Das suas affirmações intellectuaes apenas conhecemos alguns pensamentos do seu Diario, o projecto de fazer um *Tratado da Vontade* e no fim do romance o *Livro de Mauricio*. Não será pequena bagagem para um philosopho, para um espirito de elevadas inclinações metaphysicas? Podia a obra estar aquêm das capacidades do seu auctor, mas mesmo nessa hypothese esse auctor é-nos mal conhecido. Das notas e pensamentos do *Diario* só conhecemos aquelles, que, suggeridos por Maria do Resgate, importavam á acção:

«Só o Amor tornará fecunda a obra da Razão; esta, põe os elementos em presença; aquelle, é a corrente que os combina e transforma.»

«Vive do teu pensamento! Tudo mais é fumo!»

«Vida, o que serás! Viverá o philosopho a Vida?»

«Absurda gente, os philosophos! Mysticos a secco — que nem ao menos esperam o leite da Bemaventurança!»

«Talvez só a encontrem duas almas que se confundam; talvez só a pronunciem duas boccas que se unam!»

«Ai dos que vão isolados!»

«A' força de distillar o verbo frio das idéas, a bocca do philosopho deverá parecer marmorizada; e ninguem lhe advinhará a sede de outra bocca humida e fresca!»

Para escrever o seu *Tratado da Vontade* viaja largamente, observa e medita longos annos, quando todos os dias, em todos os pontos do mundo apparecem livros e mais livros sobre a psychologia, a pathologia e a therapeutica da vontade. O *Livro de Mauricio* é um manuscripto, só a Maria do Resgate destinado. É tudo. Repetimos: alguns pensamentos sem profundeza, mais litterarios que philosophicos, mais de namorado que de metaphysico, um trabalho de psychologia sobre um campo já muito explorado pela investigação experimental, a vontade, um manual de educação, cujo conteúdo não possuímos e que deixa exausto de energia mental o seu auctor, serão documentação sufficiente para confirmar no espirito do leitor o prestigio unanime, a auréola de philosopho,

que por toda a parte rodeia Carlos da Motta? Pensador, artista-pensador revela-se o sr. Silva Gaio neste romance. O plano do poema *S. Frei Gil* e o mosteiro de Caride ¹ de Simão da Nobrega, a reconstituição dos estados de consciencia, das meditações de três espiritos, são paginas d'arte, profundas, verdadeiras e novas na moderna litteratura portuguesa.

Maria do Resgate apparece-nos sempre como uma formosura esculptural, um lucido bom-senso, mas uma intelligencia obcecada por um pensamento unico, primeiramente a sua concepção do amôr como transcendente ideal duma vida superior, depois a missão futura do filho. Os fragmentos do poema de Miguel não os publica, não os divulga, nem os guarda recatadamente só para velar comsigo a principal affirmação do espirito de seu marido, reserva-os... para que Mauricio conclua a obra!

Todas as outras personagens são secundarias, algumas mais vivas que outras. Dessas personagens secundarias destacam Abrazis, medico judeu, sêcco materialista de idéas sãs e fortes, o que não impede que se dê ao espiritismo; Maria da Luz, uma leviana, boa rapariga, benevolmente acolhida, que se mostra num dos encontros com Miguel de Gouvêa quasi uma meretriz; Simão da Nobrega, a melhor representada das personagens secundarias; Miss Rodding e Maria da Pena.

Apesar dos reparos feitos, o romance dos *Torturados* é uma obra de arte, sã e original, que affirma um nobre esforço por trilhar caminhos novos para além da concepção realista do romance e que amplamente cumpre a sua missão de enlevo espiritual e de dignificação moral, propondo aos que meditam alguns problemas capitaes da moderna vida culta.

II. — O SR. VIEIRA DA COSTA

Este escriptor fez a sua estreia no genero com o romance *Entre Montanhas* (*scenas da vida do Douro*), de 1904. Nesse primeiro livro, o sr. Vieira da Costa tomava um assumpto e adoptava um processo litterario, que eram a affirmação do proposito de não commungar submissamente no realismo. O romance, a par da vida agricola da região duriense que serve de fundo, narra a historia dum vinicultor da região, a sua infelicidade nos primeiros amores, as suas melanco-

¹ O plano do *Mosteiro novo*, de Simão da Nobrega, posto que muito differente de intenção, tem no meio de servir essa intenção grande affinidade com a *Ordem dos Matteiros*, de Anthero de Quental. Conhecemos essa curiosa phantasia do poeta pela tocante narrativa de Eça de Queiroz, no *In Memoriam*: « Anthero pensava que uma forte reacção espiritualista e affectiva se seguiria á materialidade d'este duro seculo utilitario e mercenario; — e, rindo, lembrou a sua antiga ideia, a fundação da *Ordem dos Matteiros*. Estes monges do Idealismo teriam por missão o reconstituir em toda a sua belleza e dignidade primitivas, a vida rural, a mais elevada, porque immolando toda a civilização sumptuaria, e portanto todos os appetites, e paixões, e necessidades falsas que d'ella derivam, e reclamando apenas ao seu bocado de terra o seu bocado de pão, conquista socialmente a verdadeira liberdade, e aavez d'ella se prepara a attingir espiritualmente a verdadeira perfeição. Mas não era esta a obra melhor dos *Matteiros*. Toda essa reorganização do mundo, na forma de quietos e fecundos hortos, servia de base a uma alta renovação religiosa. Qual? Anthero tendia para uma mistura do Platonismo e do Budhismo. » Artigo reproduzido nas *Notas Contemporaneas*, V, pag. 400 e 401, ed. de 1909.

lias e desesperos, a sua labuta profissional, a sua bondade para com uma engeitada, os seus amores por esta quando uma cuidadosa educação a transformou, o seu casamento e outros episodios concernentes.

A obra parece reunir três influencias litterarias muito diversas, Camillo, Julio Diniz e o naturalismo, nem sempre muito compatíveis, e que por isso mesmo della fizeram uma obra irregular. E' de Camillo logo a maneira de abrir o romance: «Nos principios desta ultima decada do seculo, que vai correndo, era motivo geral de curiosidade nas Caldas do Moledo, já entre os banhistas adventicios, já entre os indigenas interessados, a presença alli, em determinados dias, d'um rapaz para muitos desconhecido, e que de ordinario se apresentava com uma regularidade severa de funcionario escrupuloso. Viam-n'o sempre chegar a horas certas, pelo começo da tarde, ás vezes a cavallo, ás vezes no comboio, inteiramente vestido de lucte alliviado... (Pag. 5). E' de gosto camilliano, para apresentar ao leitor a explicação cabal, exhaustiva mesmo, esmagadora pela profusão de pormenores, ir remontar ás mais longinquas investigações de genealogia e historia, como a que o sr. Vieira da Costa pratica no capitulo ix. O attentado, de que o protagonista, Affonso da Silveira, é victima, uma noite, ao atravessar um pinhal, é uma resurreição do maravilhoso romanesco, como largamente o exercitou Camillo em grande parte da sua obra. O apparecimento dos paes da engeitada é ainda um vestigio camilliano, provavelmente, mas muito certamente um caracter romantico. Elle traduz, como outros episodios que abundam no primeiro romance do sr. Vieira da Costa, os bons desejos do auctor fazer conduzir a bom termo a intriga, intervindo no seu desenvolvimento, levando-a a um desfecho, que seja grato ás tendencias do seu coração.

E' de Julio Diniz a terna bonhomia que toda a obra expressa, a bôa-fé, a bondade, o terno idealismo que todo o desenvolvimento da acção deixa transparecer. E o proprio thema do casamento dum homem de educação e cultura com uma mulher de condição inferior, transformada pela educação, tem tambem em Julio Diniz um antecedente. Em termos diversos, o thema continha-se já no conto *Apprehensões duma mãe*, dos *Serões de Provincia*. Neste conto, como no romance, que referimos, se affirma a crença forte de que a educação póde transformar a alma rudimentar duma camponesa na alma complexa e subtil duma mulher culta, e rapidamente, quasi bruscamente essa transformação se dá. Os romancistas do romantismo, na sua escassa psychologia, acreditavam cégameente nestas radicaes transformações de caracter. O romance, «*Onde está a felicidade?*» gravita todo em torno duma transformação semelhante, a de Augusta, uma costureira de suspensorios da rua dos Armenios, que a leitura e o convivio de Guilherme do Amaral, durante uma estada curta no Candal, transformam num superior typo de mulher, a futura baronesa de Amares — baronesa depois de descobrir a felicidade debaixo duma táboa. E Margarida, das *Pupilas do Sr. Reitor*, tambem profundamente se transformou com a simples leitura de alguns livros dum pobre philosopho desgarrado, que veio morrer á aldeia. No romance do sr. Vieira da Costa, *Entre Montanhas*, ha tambem uma dessas transformações radicaes, mais completa ainda que nos seus antecessores, porque Luiza não só se espiritualiza, mas de feia, miseravelmente feia, quasi disforme, torna-se attrahentemente formosa. E quaes foram os poderosos factores dessa metamorphose? Só houve um, bastou a direcção duma professora regia duma aldeia sertaneja, que morava numa rua immunda, na vizinhança duma taberna, onde se praguejava, aldeia tão difficilmente accessivel, que nem havia estrada directa para ella. E' esta professora que mediante uma mezada de 7:000 reis e depois de 8:000

reis, faz duma cabreira tão rude, que quasi perdêra o uso da fala; uma mulher elegante e gentilmente formosa, vestindo-se e toucando-se com gosto delicado, alumna distincta que no seu primeiro exame obtem um louvôr, que aprende rapidamente o francês, que deliciosamente toca piano. E' este, parece-nos, um bem evidente vestigio da psychologia litteraria do romantismo na presente obra. Outro é a presença dos contrastes. No romance só figuram personagens supremamente boas, Affonso, Luiza, o abbade e todos os amigos de Affonso, e pessoas infimamente más, o morgado do Pico, os Carriças, o Pivete, etc. — concepção moral que, como já dissemos noutra obra, se encontra expressa em todo o romance romantico, desde Herculano e Garrett.

Julio Diniz cifrou todos os seus romances nesses contrastes moraes entre as figuras principaes. O castigo do mal e o premio da virtude são o fecho do romance: o morgado do Pico é cruelmente humilhado e reduzido á impotencia por uma acta comprometedora, que o administrador redige, do seu encontro com os queixosos, e Affonso casa com Luiza, cura-se da ferida perigosa do attentado, apparecem os paes de Luiza, o avô desta perdôa aos paes da mesma essa falta — pois Luiza nascêra antes do casamento dos paes — o abbade aposenta-se e vem morar para junto delles, e bem assim a nova familia de Luiza. Permutam entre si doações valiosas, num impulsionismo de incessante generosidade, vivem num perene madrigal de galanterias e numa commoção convicta de quem se vê rodeado de santos. As personagens frequentes vezes falam em longas tiradas eloquentes, como nos dramas romanticos, e algumas difficuldades de enredo se resolveram com cartas, o velho expediente. — Eis por que nós diziamos que no romance muito havia de Camillo e de Julio Diniz.

Melhor nos expressariamos, dizendo que o romance repetia algumas das características do romance romantico, nomeadamente na sua interpretação camilliana e de Julio Diniz. Mas dissémos tambem que alguma coisa tambem parecia haver do naturalismo. E ha. E' do naturalismo, seja intencionalmente, seja por méra coincidência, a descripção tão particularizada dos trabalhos agricolas do Affonso, a extensão do Prazo das Marcas, as obras, as plantações, a enxertia, o numero dos bacellos novos, os nomes das suas castas, o numero de pipas que colhia, que vendia, que para si guardava, e que angariava para a firma inglesa do Porto, cujo representante era, o rendimento de todas essas operações. Podemos quasi fazer uma conta corrente da administração agricola de Affonso. Isto é puro naturalismo e, parece-nos, um laivo de naturalismo intencional, porque nos dois seguintes romances, do mesmo auctor, essa tendencia embrionaria se avigora. Mas, como romance acentuadamente romantico, apesar deste cunho naturalista, o romance é uma obra agradavel, porque mantem um interesse sentimental e nos dá uma evocação melancholica da região e da sua vida.

Em 1905, o sr. Vieira da Costa deu-nos a *Irmã Celeste (Pathologia religiosa)*, romance em que se repetiam as principaes características por nós acima apontadas, na analyse da sua primeira obra. Como o proprio sub-titulo já indicava, este novo romance referia um caso de psychologia morbida, a nevrose religiosa, e como a sua leitura confirma, animava-o uma intenção de propaganda anti-clerical. Desta forma em 1905, o sr. Vieira da Costa repetia dois dos canones mais typicos do romance realista, a analyse psycho-physiologica e o intuito de doutrinação social, quasi sempre — porque não sempre? — num sentido progressivo, accentuadamente liberal, pelo menos no sentido como tal considerado. Fôra bem vincado por esses dois cunhos, psycho-physiologismo e catechese social, ou mais restricta e exactamente, anti-clerical, o romance que iniciára no genero o gosto

realista, o *Crime do Padre Amaro*, como igualmente o fôra o primeiro romance do sr. Teixeira de Queiroz, *Amor Divino*. Portanto, desenvolvendo a narrativa dum caso de proselytismo religioso, de sequestro por suggestão e oppondo-lhe energicas affirmações condemnatorias, com taes características, a *Irmã Celeste* não comporta novidade, é antes uma repetição. E repetições são ainda outras características da obra: o culto da sciencia elevado a uma superstição fanatica, o protagonista medico, são, forte, sensato, generoso, de idéas justas e sempre portador duma intervenção resoluta e energica, a glorificação da sciencia physiologica e da arte medica, na pessoa de Ayres, características são tambem do romance realista tal como elle se ostentou em Portugal. Mas, se dentro da evolução do genero, o romance não era portador de novidades, tem dentro da evolução litteraria do auctor algum significado dynamico, isto é, algum progressivo movimento implica. Vimos no romance, *Entre Montanhas*, como o sr. Vieira da Costa, desproporcionadamente, reunia interpretações diversas do romance, interpretações mesmo oppostas, como foram as de Camillo, Julio Diniz e Eça de Queiroz, circumstancia esta que fazia que aquella sua obra simultaneamente ostentasse traços decididamente romanticos e traços francamente realistas. Assim succede ainda um pouco na *Irmã Celeste*, mas com declarada opção pelo realismo, queremos dizer que o idealismo e a inverosimilhança dominuem um pouco e que mesmo o maravilhoso romanesco beneficemente se restringe. O maravilhoso romanesco — camilliano o dissémos — reduz-se ás peripecias da viagem aventureosa do medico Ayres, uma noite, estrada fóra, de bicycleta, revolver á cinta, em direcção a Silves, para junto da noiva, numa carreira vertiginosa. E' surprehendido por um bando de malfeitores armados, os mesmos que haviam assaltado e roubado os padres e as irmãs da caridade, e atropelado o P.^o Antonio da Santissima Trindade. E mesmo um destes elementos do maravilhoso romanesco é-nos explicado por uma causa tão mesquinha, tão verosimil e comica á vez, que nós reconhecemos nella a ironia do realismo, que apoucava, um pouco do humorismo de Eça: — «Deus nos livre dos seus acasos, sr. doutor. Porque houve outro, e d'esse então foi o padre Antonio que soffreu as consequencias. Mas eu lhe conto. Tivéram má jornada os reverendos. Primeiro um assalto de larapios que lhe roubaram tudo, tudo, menos as Irmãs, que essas apenas as apalparam para ver o que levavam, e porque os padres, colericos, protestassem contra os apalhões, valeu-lhes algumas coronhadas, de pequena monta.

Mas o peor foi depois. Aqui perto da terra o carro parou por causa do padre Guilherme e outro que estavam á espera, e padre Antonio aproveitou a paragem para satisfazer uma necessidade. Ora quando elle, já alliviado, voltava para o carro, absórto em profundo e util cogitar, recebeu tão valente choque n'um hombro que o santo homem, atirado a distancia, foi bater com a cabeça n'uma parede, rachando-a de meio a meio. Acudiram-lhe os padres e as Irmãs, mas custou a mettê-lo no carro, porque além da cabeça quebrada tinha um hombro desmanchado e o corpo tão contuso que não havia por onde lhe pegar» (Pag. 456).

Como no romance *Entre Montanhas*, a *Irmã Celeste* é toda construida sobre a psychologia romantica de contrastes, o extremo bem e o extremo mal. As suas personagens são ou perversas, os padres e as irmãs, ou bondosas até á perfeição como Valentina, Ayres, Norberto, Maximo e todos os que não são padres nem irmãs. E' ainda puro romantismo, e romantismo do theatro desse gosto, a frequencia de longas exhortações anti-clericaes, que, quer em dialogos, quer em interrupções de commentario pelo auctor são sempre, dirigidas pelo auctor. Ainda romantismo extreme contém as paginas calorosas, que seguem á morte de

Valentina, o ultimo capitulo, em que ha alguma coisa da litania do drama social e da apotheose final de revista de intuitos. E ainda romantismo é todo o processo de cura de Valentina, por suggestão hypnotica. Aqui o idealismo foi substituido por um devanear chimerico sobre o futuro, applicando já, ousadamente, aquelle processo, que Wells, nas *Narrativas do Tempo Futuro*, com graciosa ironia alvitra.

Porém, a par destes traços romanticos, o gosto da realidade bem observada avulta nesta obra. Como a vida agricola de *Entre Montanhas*, a vida hospitalar é quasi toda reconstituída, dando o plano de fundo, permanentemente á acção, e algumas descripções são tão sóbrias, tão justas que pódem apontar-se como modelos de são realismo descriptivo, sem accumulacão de pormenores, sem amplificacões falsas, só com justeza de visão. E o seu melhor exemplo é o primeiro capitulo, da chegada das irmãs de caridade ao hospital.

Como romance de thése, mas tambem como romance dum partidario do realismo, que no culto da sciencia se inspirou, a *Irmã Celeste* é entresachada de explicações theoricas, exposições didacticas, a que por necessidade se deu a fórma dum colloquio de amigos ou duma disputa de adversarios, mas que de facto são propaganda e ostentação, quanto ao intento, e tambem ingenuidade, consideradas artisticamente. O romancista, quanto a nós, pratica esta ingenuidade — no sentido esthetico que a este termo Schiller attribuia — quando nos expõe as causas do proselytismo jesuitico (pag. 74 e 75), quando no-las expõe miudamente do exito desse mesmo proselytismo, quando faz uma analyse racionalista da fé, quando disserta sobre o hypnotismo, a amnesia, etc.

No final do romance, desde o regresso de Valentina á casa paterna até á sua morte brusca, ha uma sequencia de scenas de bem-estar, de tranquillidade, na descripção das quaes o sr. Vieira da Costa cinca como na obra anterior. Todas as personagens se alagam em sentimentaes ternuras, com imperiosa ancia de se obsequiarem que quasi não conhece limites. Quasi todos os romancistas se tornam artificiosos na pintura da felicidade, pois o verdadeiro fim da arte parece ser a pintura da vida cruel, dos seus aspectos mais dolorosos. A propria tragedia, um dos mais nobres generos, tinha por objecto, como os antigos diziam, um grande reviramento da fortuna. O sr. Vieira da Costa parece ter uma particular preferencia pelas intrigas de desfecho feliz, e essa preferencia, na *Irmã Celeste*, prejudica a acção. Para que o desfecho fosse feliz foi necessario interessar o medico tão vivamente na libertação de Valentina, como num caso clinico e tambem como na libertação da propria noiva; para que o intuito anti-clerical do livro se cumprisse era necessario que a felicidade consequente a breve trecho se apagasse. O auctor satisfaz a ambos os fitos: Valentina sae da congregação para casar com Ayres, o medico libertador, e morre do desgosto da diffamação promovida pelos seus inimigos. Mas para que o gosto do auctor, que exigia um desfecho feliz, não seja contrariado, Ayres casa com Amelia, formosa viuva, tia de Valentina, casamento de todo inoportuno no desenvolvimento da acção.

Como processo de composição, predomina a narrativa do auctor. Os dialogos são, na sua maior parte, artificiosamente adequados, uns á exposição doutrinar, que o auctor, pela bocca do medico Ayres, quer fazer, outros, sob a fórma de disputa, ás invectivas encolerizadas. Estes dialogos assim dispostos fazem lembrar as entrevistas simuladas nos jornaes, em que numa exposição se intercalam algumas observações interrogativas para lhes darem a apparencia de dialogo.

As personagens deste segundo romance, subordinadas como estão á these anti-clerical, têm escassa autonomia moral, são os elementos necesarios para a

demonstração, e até se assemelham bastante ás de *Entre Montanhas*: Ayres, bom, desinteressado e perseverante na sua generosidade, salvador corajoso da victima duma grande injustiça, corresponde a Affonso da Silveira; Valentina, a victima, a Luiza; Norberto, o presto auxiliar de Ayres, ao padre; Amelia e os paes de Valentina a todas as figuras do ultimo plano do primeiro romance.

E' já mais attenuada esta identidade no romance, *A Familia Maldonado*, de 1908. Philippe de Carvalho é ainda um salvador, e dedicado e generoso; e Alice Maldonado é a victima a salvar não da brutalidade cruel duma megera como em *Entre Montanhas*, nem da cobiça dos jesuitas, mas da dissolução moral duma familia, e tambem, poderia inferir-se, das fatalidades da hereditariedade. Estudo de *pathologia social* sub-intitula o escriptor o seu romance, o que a par das dissertações sobre hereditariedades na obra disseminadas, poderia fazer crer que ella era a exposição, a exemplificação dalguns casos da fatalidade dessa lei.

E sendo assim, o auctor mostrar-nos-hia, como de Carolina, oriunda de degenerados, proviéram filhos de identico temperamento duma impulsiva e indomita sensualidade. Mas inesperadamente, tendo-nos referido que Adelina e Lucinda têm amante, apresenta-nos Alice, sua irmã, noiva pudica e esposa honesta. Essa excepção é que constitue a thése do romance. Alice salvou-se — e os três romances do sr. Vieira da Costa são sempre a historia da salvação de alguém, repetimos — pela influencia dignificadora do amor e pela influencia benefica do noivo. O proprio auctor no-lo diz pela bocca duma personagem:

« — Tens razão — interrompeu Duarte. — E o caso de D. Alice não é um pouco parecido? Não, decididamente a alma humana ainda nos não disse os seus segredos todos. A da mulher principalmente.

Silverio abanou a cabeça indeciso:

— Talvez, mas o caso de D. Alice podemos nós explicá-lo em parte. E' a resultante natural de duas influencias, justificando-se e completando-se: a influencia do amor e a influencia do amante. O primeiro actuando sobre ella com a aspiração nobre do casamento; o segundo, dominando-a com o seu poder impressivo e honesto. Tivesse ella encontrado no seu caminho um Amadeu qualquer, e talvez a sua conducta fosse outra. Não ha duvida que o meio dissoluto devia ter exercido sobre as irmãs uma influencia nefasta, mas no fim de contas tambem a D. Alice viveu no mesmo meio e como ella, e mais do que ella, cresceu e medrou a Margarida » (pag. 430).

E' manifesta a inferioridade deste romance em relação aos dois anteriores; a acção é arrastada prolixamente até á superfluidade tediosa, as personagens são duma vulgaridade tão incaracteristica que opprimem o espirito, e o estylo é mais abandonado, de mau gosto mais duma vez.

Tendo começado a cultivar o romance na mesma data, e havendo ambos produzido nesse genero uma bibliographia igualmente pequena, os srs. Silva Gaio e Vieira da Costa affirmam tendencias muito diversas. O segundo, combinando a principio correntes litterarias heterogeneas, vae pouco a pouco ingressando no realismo, forcejando por repetir os seus processos, innovando apenas na applicação preferente, que faz desses processos a meios provincianos. O primeiro, pelo contrario, muito se esforça por sair do estricto realismo, guardando d'elle sómente o que nelle ha de aperfeiçoamento do genero, o que muito é, dado que o progresso litterario é um indiscutivel facto. E, escrevendo os *Torturados*, ninguem poderá negar que esse escriptor houvesse feito a affirmação de alguma novidade, no romance português.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

O sentimento colectivo da finalidade

(REALIDADE — DYNAMIZAÇÃO HISTORICA)

CAPITULO IV

Aplicação individual

§ I. IMPORTANCIA PSYCHOLOGICA

(Continuação)

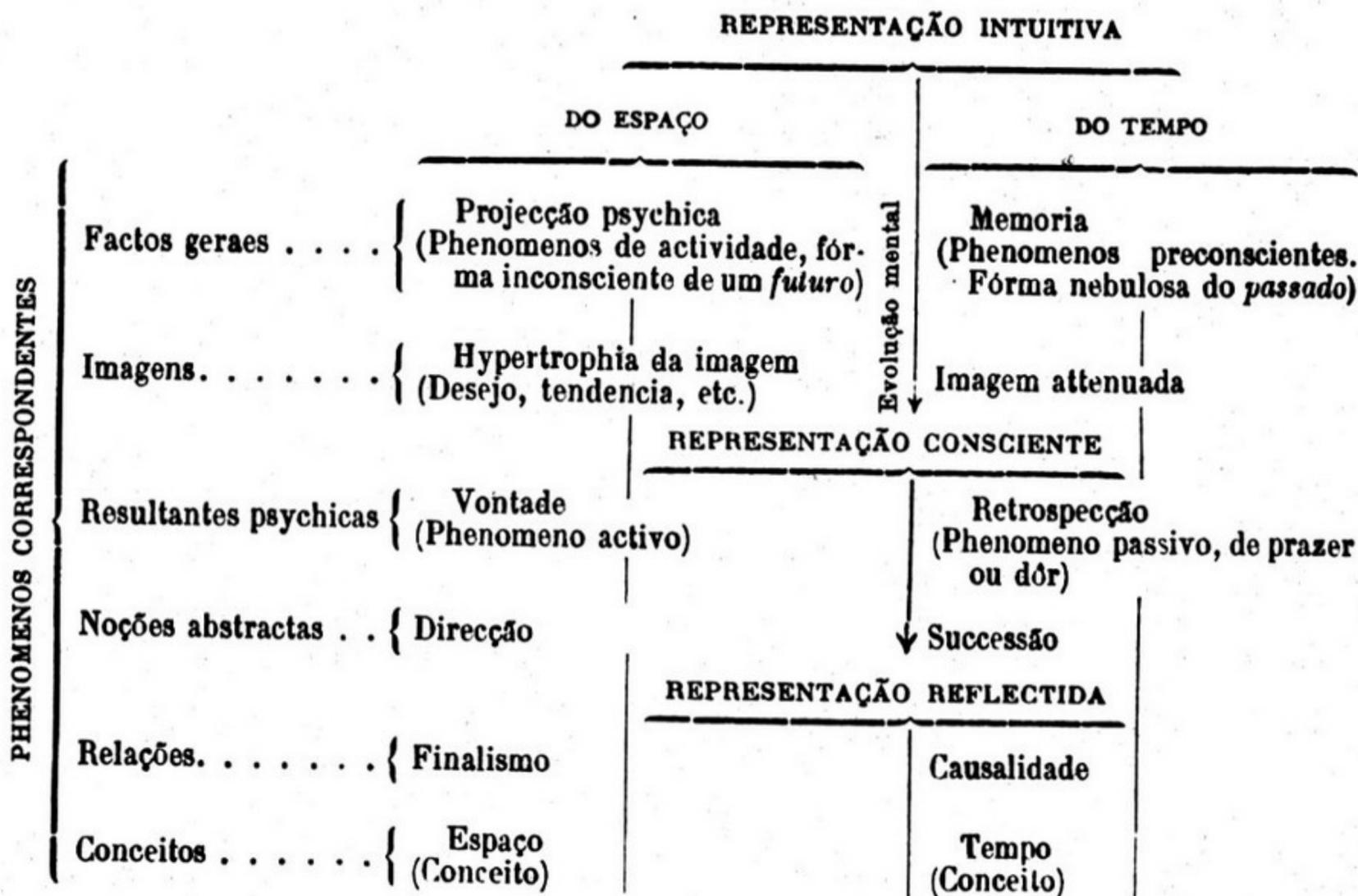
1) Reduzidas assim a causalidade e a finalidade a modos reciprocos do conhecimento, ellas ficam ligadas, por mais directa e comprehensiva relação, ás duas representações fundamentaes do espaço e do tempo. O que tento estabelecer aqui é independente do conceito do tempo; quer elle seja considerado como base aprioristica das intuições (Kant), quer se reduza á ideia de sequencia (Spencer) — o que não leva muito longe no caminho da solução — ou ainda, como na theoria empirista (p. ex. Guyau, Fouillée), seja considerado uma derivada do espaço, a relação schematica geral não será prejudicada. O meu fim é correlacionar factos de ordem psychologica, fazendo resaltar a sua ligação, que, ainda quando possamos concebê-la em um desenvolvimento multilateral, ficará necessariamente muito longe, na infinidade dos seus processos de combinação, dessa nossa maneira de representá-la. O que complica hoje extraordinariamente as questões de psychologia é, de facto, a pluralidade real das reacções; a dificuldade é pois uma questão de objecto, que, em sua evolução, se diversificou e confundiu. E isto levaria naturalmente á hypothese do « psychismo social, da modificação do ser psychico individual pelo agrupamento em sociedade », hypothese largamente defendida e a que não tenho de referir-me agora. ⁽¹⁾

Por isso o meu schema é apenas de catalogação e, de forma nenhuma, um schema genetico. O seu objectivo é surprehender, em traços geraes, duas séries importantes de phenomenos, representando em cada designação um corpo global destes, nella comprehendido. Se fosse possivel seguir, passo a passo, a differenciação e a ligação de todos estes phenomenos, teriamos o conhecimento exacto e vasto, o conhecimento ideal, deste dominio da sciencia. E' o que felizmente — em concordancia com Lessing — não nos acontece. Mas em tal caso, o exame elementico basilar dar-nos-hia um reduzido numero de elementos primaciaes. Não

⁽¹⁾ A despeito da existencia da documentação philosophica, onde se traduz essa tendencia, e que elle proprio buscou accentuar, E. de Roberty considera-se o iniciador da doutrina, baseada nas duas hypotheses: « bio-social e do psychismo colectivo. » A sua doutrina sociologica da moral, considerada como « sociologia primeira » é a face principal da theoria, á qual, pela clareza da informação e pelo caracter de originalidade faço referencia, sem affirmação de absoluta concordancia. V. « Le bien et le mal » e « Le psychisme social » (nota 63).

chegaria talvez á unidade, provavelmente confinada no limite, que defende ainda hoje á intelligencia o obscuro problema do ser; deveria porém restringir, de muito, o numero de troncos, de que se desprende o florescimento do espirito humano. A concepção religiosa, a de mais intenso e mais facetado contacto com a personalidade integra, é justamente uma tentativa de limitar esta questão, satisfazendo a anciedade de resolvê-la. (1) Por agora, nós estamos condemnados a procurar as relações da ordem *n* deste facto, tentando gradualmente aproximarmos-nos das ordens anteriores. (2)

Fica assim justificado o esboço seguinte, a que uma curta analyse buscará interpretar, resalvando as suas omissões e a interpretação erronea, a que possa dar origem.



(1) Profunda realidade que, no ponto de vista systematico do conhecimento, Wundt consagrou para o estudo philosophico: So führen denn die beiden Zwecke, die wir in den philosophischen Bestrebungen aller Zeiten vereint finden, schliesslich auf zwei Fragen hinaus auf Grund deren erst eine abschliessende Begriffsbestimmung der Probleme der Ph. möglich sein wird: 1) Wie verhält sich die Aufgabe der Ph. zu den wissenschaftlichen Aufgaben überhaupt. . . . 2) Wie verhält sich die Philosophie zur allgemeinen Lebensanschauung. . . zur Religion? (Einleitung in die Philosophie, p. 10).

(2) Do proprio schema e das considerações ulteriores resultará á evidencia, o que ha de typico e necessario no conhecimento, que pretende ascender á genese. Ha ainda nesse facto a tentativa da unificação causal; porque, a genese e a sua evolução comprehendidas, sem lacunas, o nosso causalismo dá-se por satisfeito; quando muito accentúa — com justiça — a parte metaphysica, que em toda questão subsiste. Na realidade, quando se attinge, sem discrepancia, o chamado «facto», a discussão cessa. Quem é que hoje por exemplo discute sobre o causalismo, que, do germe contido no ovo, faz um animal? Desde que a serie de transformações foi, momento a momento, conhecida, o conhecimento ficou satisfeito. E' que o «fim» e a «causa» são, na realidade, «ligações comprehensivas criadas» e a sua realidade objectiva é a mesma, quere dizer, nulla.

2) Como se vê do quadro, os termos das suas series correspondem a pontos nitidamente diferenciados; e não dão de fôrma alguma o aspecto sequer da *continuidade* psychica. De resto, este conceito de continuidade, só por abstracção obtido, é irrealizavel em muitos dominios, chegando-se por exemplo á construcção de um continuo convencional, logico e inimaginavel, como o das mathematicas.

Um outro facto, impossivel, pela sua multiplicidade, de reduzir-se a schema, e de ser portanto ali representado, é o das interferencias. Logo desde os primeiros termos se pode notar a interdependencia das duas series. Se esse facto não se desse, a realidade psychica não passaria de um parallelismo perturbador e dispare.

Toda actividade suppõe um fim, consciente ou não, isto é, clara ou veladamente representado. Convém não esquecer que estamos no campo psychologico. E um fim é, ao mesmo tempo, uma realidade futura. Essa actividade existe e realiza-se no mais rudimentar estado da consciencia individual. O mais bronco selvagem, correndo a uma fonte longinqua que avistou, para dessedentar-se, apprehendeu o que mais tarde virá a ser uma noção logica de futuro. (1) A esta fôrma primitiva me refiro principalmente, na primeira linha do quadro. Correlativamente, a memoria, da mesma phase, é uma localização obscura no tempo. Mas, já desde este aspecto rudimentar, a influencia mútua se estabelece; pois que uma imagem fixada no cerebro pode ser, como é, em phase ulterior, com frequencia, a origem verdadeira dessa actividade.

Admittamos agora, por necessidade de exposição e de raciocinio, na curva da evolução mental, um momento, nitidamente separado, representativo do começo da consciencia das representações. Todo o feixe de movimentos resultantes da projecção psychica, intensificado e complicado, terá um reforço e uma unificação maiores. Chegaremos assim aos phenomenos da Vontade, considerada a expressão maxima consciente e activa, de toda a phenomenalidade obscura das tendencias, desejos, aspirações, etc. de varia ordem. Em parallelo, o que denominei «retrospecção» é uma localização mais perfeita no tempo, uma semelhante intensificação do phenomeno «memoria» anteriormente alludido. A ella se liga, em relação causal, uma serie complexa de sentimentos. Ainda, porém, no momento e na forma como elle é agora considerado, elle é um phenomeno «involuntario» que, pelas relações multiplas já citadas parcialmente, explica a tradução posterior em actividade; e, em tal caso, o estado geral, provocado por um facto desta ordem, ha de necessariamente enquadrar-se nas duas grandes categorias reaes, immediatas, da sensibilidade.

Querendo agora subir destas realidades complexas a uma noção abstracta, simples e geral, processo mental quotidianamente usado, e tão fecundo na pratica, como necessario ao conhecimento scientifico, essa noção externa, objectivada, o «residuo geometrico» dessa operação, encontrar-se-ha nas duas noções de

(1) Poder-se-ha perguntar se este facto não parece indicar a ligação, cada vez mais estreita, quando se sobe a corrente da evolução psychica, da «consciencia» e da «actividade», coordenada, centralizada. Fouillée (em *Tempérament et caractère*) considera a consciencia da personalidade como um começo de reacção, uma directriz nova. A opinião de Fouillée liga-se sem esforço aos principios de Fichte, postos na conhecida forma dogmatica e que, no entanto, até hoje, quando não confirmados no resultado, são implicitos no raciocinio. Nicati (em *La Psychologie Naturelle*) considera a consciencia como o terceiro attributo do pensamento, por elle definido «um centro de força» «*Il y a deux manières de considérer la conscience: ou bien on se place au point de vue de la force elle-même que l'on considère..... ou bien l'on se place au point de vue tonométrique..... et il s'agit alors de pénétration de conscience* (pag. 176.)

direcção e de successão, egualmente reciprocas; uma, a successão no espaço; outra, a direcção no tempo.

Figuremos aqui agora o segundo ponto de inflexão, com o apparecimento da consciencia reflectida. As duas noções basilares referidas, obtidas por abstracção, podem ser generalizadas, constituindo o alicerce de uma construcção logica. Então é o momento de origem das theorias da causalidade e da finalidade.

O meu quadro esboça portanto e sòmente, uma systematizaçào de elementos adquiridos, tendo em vista focar ordenadamente estes traços relacionaes, de uma parte, talvez restricta, da psychologia individual. E delle agora sahem naturalmente duas conclusões, as, para o meu caso, de maior interesse. E são:

1.^a— O finalismo e o causalismo, modos reciprocos do conhecimento, com os mesmos direitos, como as sensações diversas, para a percepção da realidade externa, são além disso fundamentaes, porque constituem um ponto adeantado da escala evolutiva, de que nós não poderemos talvez vir a precisar todos os contactos, interferencias, etc.

2.^a— O espaço e o tempo, ponto de origem e ponto de chegada na possibilidade e no evoluir do conhecimento, são a *decomposiçào analytica do Absoluto*.

§ II IMPORTANCIA GERAL

1) Acabo de fazer notar que a realidade unilateral do desenvolvimento apontado, se existisse, levaria a um parallelismo, inexprimivel em resultante logica. Se quizer pôr em destaque a conclusào anterior, servindo-me de uma comparaçào real e nitida, direi que o espaço e o tempo são as duas coordenadas, estabelecidas pelo cérebro limitado, na sua relação com o Absoluto. Algumas questões não necessitam da consideraçào temporal; é que ficam situadas sobre o eixo respectivo; outro tanto succede ás que não necessitam da consideraçào espacial. No entanto os casos não são frequentes. Estas coordenadas, porém, não são simultaneas, quanto á origem. Inclino decididamente para a soluçào empirista, que vê no tempo uma génese espacial. Ao lado da tentativa experimental, julgo que o proprio raciocinio o está indicando, de uma forma que posso condensar como se segue:

a) O tempo é uma representaçào.
 b) Mas a consciencia é um momento da evoluçào mental.
 c) Logo o tempo-representaçào, parece existir no tempo-objectivo. O tempo é pois uma condiçào necessaria, mas não uma condiçào *a priori*.

d) Por outro lado, a realidade do tempo é dada pela diferenciaçào de estados do conhecimento immediato, aos estados seguintes, conjugada com a identidade subjectiva do acto de consciencia, que representa o conhecimento; poderá dizer-se que esse tempo real é uma parcella do tempo infinito? Não só a logica fraquejaria, para estabelecer estas relações, mas ainda a exactidào do caminho seria illudida. O tempo infinito é que representa uma generalizaçào, um puro processo mental de conceber o tempo real. Quando mesmo nos referimos ao infinito do tempo, o que na realidade concebemos é a Existencia, nas suas formas e *nas suas transformações*, sem nunca chegar ao aniquilamento. Esse conceito serve-nos de ponto de referencia para o outro, que, por outra forma, escaparia completamente á nossa prehensào intellectual.

Não me parece claro, por isso, que Fouillée qualifique de « simples sonho de valor duvidoso » o da « eternidade intemporal » de Kant. Isso em nada des-

troe, antes confirma, a genese do tempo, affirmada pelos empiristas. Essa é uma concepção absolutamente logica, dentro dessa analyse.

O tempo real, o tempo, condição necessaria, é portanto apenas uma coordenada.

2) A génese espacial do tempo tem ainda a justificá-la a possibilidade de conceber a immobilidade subita de tudo que existe, a paragem completa das sensações em uma só, uniforme, constante, simples, continuando a ser possível a realidade mental, chamada tempo; e, em contraposição, impossibilidade reciproca de conceber o tempo, com a não existencia da sensação espacial; por outras palavras: concebemos o espaço, sem o tempo; não concebemos o tempo, sem o espaço. Destacar o ponto preciso, onde comece a existencia daquelle, é impossível, se quisermos obter um conhecimento concreto immediato e nitido. Forçoso se torna recorrer á analogia e á correlação de varia ordem. Basta porém que apontemos aqui a possibilidade da consciencia do ser, de caracter actualista, que do passado tem apenas as impressões inconscientes, como existem no mundo inorganico; como, por exemplo, um filão metallifero, tem impressas as influencias, muita vez profundas, do dynamismo terrestre. Num certo momento da consciencia, portanto, a relação espacial foi insufficiente para as relações da intelligencia com o que lhe é externo; o espirito genialmente obscuro da natureza criou então a outra coordenada. O acto de consciencia fôrma o ponto de encontro; e uma larga serie de distincções scientificas: estatica e dinamica, movimento e repouso, assim como muitas theorias scientificas, vieram estabelecer-se, situar-se, em relação ás duas coordenadas fundamentaes.

3) Outro facto elucidativo é a comparação da clareza relativa dos dois factos: fim e causa. O primeiro, de caracter primitivamente espacial, é, no consciente, muito mais claro e simples; a noção de causa, de caracter temporal, é muito mais vaga. E' assim que nós hoje estabelecemos uma serie de phenomenos coexistentes, como um quadro, junto do qual depois estabelecemos, como consequencia, uma affirmação, de amplitude muito menor. Pelo contrario, o fim consciente é nitido: a causa final no dominio do consciente é de transparencia intuitiva.

4) Assim como as sensações, conquanto phenomeno elementar psychico, formam extraordinarias construcções pela sua mutua combinação, e têm as mais variadas e profundas relações com a psychologia completa individual, (1) da mesma forma um phenomeno mental, de ordem geral e de caracter constante, ha de ter uma influencia notavel sobre o individuo e ainda sobre a collectividade, devendo, por isso que reveste os caracteres apoutados, pertencer ao numero de elementos, susceptiveis de uma influencia commum. Se para cada um dos elementos de uma collectividade, existe necessariamente esta feição mental, o eco sentimental, que elle ha de fazer repercutir na collectividade, tem de adquirir uma importancia avultada. E' a essas relações que passo a referir-me.

VIEIRA DE ALMEIDA.

(1) Tudo isto (as construcções sensoriaes) diz Binet (L'âme et le corps p. 80) é apenas sensação; seja. Mas pouco mais ou menos como as moléculas agglutinadas de cimento e de pedra são um palacio.

JULES LEMAÎTRE

Com a morte de Jules Lemaître, a literatura propriamente dita perdeu um dos seus mais dignos cultores e a crítica literária um dos seus mestres mais ilustres.

Era de vocação um artista. Mas, poeta, comediógrafo, contista, romancista, foi sobretudo na qualidade de crítico literário que se notabilizou. A capacidade crítica deste artista foi, com efeito, singular e com tal relevo e brilho e tal cunho de verdade se salientou que se impôs com manifesto prestígio, não obstante a sua natureza anti-dogmática.

Ainda que inteligentíssimo, sobre a inteligência predominou nele a sensibilidade. Por isso, por essa conformação psíquica, incompatível com o espírito de sistematização estritamente racional, foi um impressionista.

Não se esqueça todavia que foi um impressionista de autoridade, isto é, cujos juízos, em grande parte, valeram para outros, foram adaptar-se a outras consciências, a despeito da sua atitude crítica, de desconfiança ante as especulações abstractas dos teóricos, com ingénuos pruridos de metodização pseudo-científica. Essa atitude, de fundo muito complexo, foi classificada simplisticamente com duas designações, tomadas geralmente, por um falso critério demasiado superficial, numa acepção grosseira, essencialmente depressiva: « scepticismo » e « diletantismo. »

Os que julgam assim Lemaître um scéptico e um diletante, julgam-no implicitamente, por uma implacável sentença condenatória, caprichoso e frívolo. O crítico viu o alcance desta crítica fácil que representa uma perversão do bom-senso. E estigmatizou-a nestes termos, pondo a questão do diletantismo no pé em que deve ser compreendida :

« Ce mot de « diletantisme », si vague et si commode, je pense que c'est Paul Bourget qui en a donné la meilleure définition: « C'est, dit-il, une disposition d'esprit très intelligente à la fois et très voluptueuse, qui nous incline tour à tour vers les formes diverses de la vie et nous conduit à nous prêter à toutes ces formes sans nous donner à aucune »... Il y a dans le diletantisme un désir de tout comprendre, et un don de souple *sympathie* — avec une arrière-pensée de reprise, dans la crainte d'être dupe. Il est donc fait en même temps d'imagination sympathique — et de défiance intellectuelle... et ainsi, il peut être la pire chose ou la meilleure: tout dépend du dosage des deux éléments qui le composent, et ce dosage dépend lui-même du tempérament de celui qui le pratique... » (*Les Contemporains*, 5.^o série — *Édouard Rod*).

Sendo a verdade moral dum delicadeza, dum melindre extremos, Lemaître

tre, ao tratá-la, com uma consciência perfeita da realidade, cada vez menos optimista, usava de todas as precauções, de todas as reservas possíveis, empregando, com um bom-senso pleno, o melhor do seu esforço para manter o espírito livre de preconceitos, alheio a ousadias, a precipitações, como a convenções ou artificios essenciais, isento sobretudo de ilusões romanescas. Por evitar todas as contingências do erro, com um escrúpulo persistente, por insistir de preferência na impressão por ser o que mais segurança lhe oferecia, Lemaître desviou de si os admiradores dos sistematizadores dogmáticos que se deslumbram e deslumbram os outros com as suas arbitrarias construções ideais.

O temperamento e o caracter levaram-no ao impressionismo e imprimiram-lhe a feição *sui generis* que apresenta. E a autoridade de que disfrutou, adveio-lhe precisamente dos dotes do temperamento e do caracter, evidenciados no critério de explicar e de avaliar a criação literária, como psicólogo e como moralista emérito. A critica de Lemaître tem toda uma base moral que assenta sólidamente na observação e na experiência dos homens e do mundo.

Lemaître não amou, não podia amar o puro racionalismo, o racionalismo pelo racionalismo. Mas também não deixou de ver claramente os inconvenientes graves a que se expunha, desenvolvendo tão sómente a sensibilidade pura. Toda a critica organizada carece dum fundo racional, e é esse fundo racional que tempera o subjectivismo, dando ao impressionismo um caracter mais humano, mais conforme com o pensar e o sentir médios do homem. Os dotes do temperamento e do caracter revelam-se através duma filosofia prática que é um modelo de equilibrio das faculdades morais, garantindo uma serenidade plena de consciência, « une âme égale »

Neste crítico de temperamento eminentemente sensível, duma sensibilidade excessivamente vibrátil que a ponderada razão moderava, o que Pascal denominou « l'esprit de finesse » predominava, e muito, sobre o que o mesmo denominou « l'esprit géométrique ». Isto é uma resultante natural da lógica interna do mecanismo desta alma.

De « l'esprit de finesse » que em altíssimo grau possuiu, tirou êle todos os recursos artísticos que vivificaram a sua critica. Uma das demonstrações mais eloquentes e frisantes que êste homem deu da sua intelligência, foi o tirar partido, o mais integralmente possível, e com o êxito mais feliz, das suas faculdades próprias mais fecundas, do fundo mais originalmente representativo da sua individualidade.

Lemaître procurou ser sempre, acima de tudo, Lemaître.

Foi um grande sentimento de verdade que nunca o desamparou, e um soberano tacto moral, que o impeliram a mostrar-se, tanto quanto possível, tal qual era, na plenitude das suas qualidades e com uma reacção mínima contra os seus defeitos ingénitos. A intelligência reconheceu, sem dúvida, os perigos e contratempos da sensibilidade e, sem embargo, esta fez caminho, com certa liberdade de acção.

Dir-se-ia que Lemaître sentiu e praticou (ainda muito antes de a ter podido conhecer, se é que a conheceu) esta máxima de Mary Duclaux: « Soyez vrais. Il faut être soi, sans orgueil et sans intransigeance; être soi en s'efforçant de s'améliorer et de s'augmenter; car enfin, si l'on est soi, on est quelque chose... »

Ele mesmo escreveu: « Il y a en chacun de nous (du moins j'aime à le croire) un trésor secret d'instincts, de sentiments, de croyances héritées, sur lesquels la critique ne peut rien, et que nous nous refusons d'ailleurs à contrôler: car d'abord ce serait inutile, puisque nous les portons au plus profond de nos

moelles; et puis, à supposer que nous puissions nous en défaire, nous voyons bien ce que nous y perdrons, mais non point ce que nous aurions à y gagner... » (*Impressions de Théâtre*, 5.º série — Jules Barbier).

Mas não se creia que Lemaître agia normalmente por impulsos. No funcionamento deste espírito superior houve, sem dúvida, uma disciplina íntima que se percebe, á luz dum estudo cuidado.

O homem teve caracter e ter caracter é ter a posse de si mesmo, em todas as conjunturas, norteando a razão a atitude moral. O homem de caracter que quer ser alguém, é-o, na justa medida da sua vontade. A sinceridade íntegra de Lemaître, firme e perseverantemente manifestada sempre, é um belo exemplo de energia moral.

A sua sensibilidade transborda, por vezes, nada a refreando. Contudo, se se generalizar esta impressão, incorre-se em erro. Observando bem, nota-se muitas mais vezes que o exercício da sensibilidade é pautado atentamente, com muita circunspecção.

Condicionada a sensibilidade por todas as reservas mentais que chegam a afluir numerosas a um tempo, quando o melindre dos problemas é maior, tem-se, em casos tais, a impressão de que as precauções do crítico e do filósofo — verdadeiras precauções metódicas que assim não são consideradas, porque quem as usou não se deu ao « snobismo » de ser dogmático — bastam para fazer entrar na ordem os excessos da compleição nervosa do homem. Que essa atitude era um sistema, Lemaître o declara ou deixa entrever, com frequência. Por exemplo, a propósito do drama *Patrie*, de Sardou (*Impressions de Théâtre*, 2.º série): « Nos mauvaises habitudes de critique négative, de détachement, de défiance à l'égard des grands sentiments et des situations extraordinaires et violentes, notre peur d'être dupes, notre paresse et notre répugnance à être remués, à être mis hors de nous, toute notre ironie enfin n'a pu y tenir. »

As reservas, as precauções multiplicadas que eram, bem pesadas, outras tantas garantias de verdade — e o scepticismo, com a calma ironia, era apenas uma manifestação de probidade, um processo de defeza contra o erro —, davam o espectáculo duma constante indecisão. As hesitações, as dúvidas, os embaraços eram expostos singelamente, muito francamente. Isso foi julgado uma fraqueza. O crítico, senhor de si, bem avisadamente cria que isso era uma força rara de que dispunha, que isso era a prova incompreendida da perfeita higiene moral do seu espírito. Lemaître confortava-se com o dito de Balzac, proferido em circunstâncias idênticas, com o mesmo sentimento da fatal ininteligência dos homens sobre o mecanismo íntimo e complexíssimo das almas: « Nous mourons tous inconnus. »

Mas, convencido de que um homem deve sempre defender-se, defendia-se:

« Pourquoi mes oscillations ne seraient-elles pas la marque d'un esprit scrupuleux et modeste? Ces incertitudes impliquent le sérieux, — bien loin de l'exclure, comme quelques-uns le disent. On peut fort bien manquer d'assurance à définir un personnage de drame ou de roman, — et ne point manquer de décision à distinguer le bien du mal; on peut être hésitant dans ses investigations et jugements littéraires, — et ferme sur ses principes de conduite... Combien j'ai peur que cette inaptitude à considérer les aspects divers des choses n'entraîne l'incapacité de se connaître soi-même et de voir sa pauvre vie comme elle est, et toutes les tristes suites de l'aveuglement sur soi! » (*Les Contemporains*, 7.º série — *Les deux Tartuffe*).

A crítica de Lemaître, como produto eminentemente natural, tem todo o

nexo, toda a coerência, todo o rigor lógico de que o seu espírito era capaz. Por entre os engenhosos pontos de vista, o conceito crítico, expresso, por vezes, sob forma indecisa, parece leve, inconsistente; mas não é, de facto, menos fecundo no seu alcance prático e chega, apesar dessa leveza, dessa inconsistência aparentes, a ser profundo, não raro. E' que, neste dominio do espírito, em geral desde que se trata de verdades morais, o que poderia não ser desvendado pelo « esprit géométrique », é-o, com relativa facilidade, e frequentemente com triunfante êxito, pelo « esprit de finesse ».

A imprecisão, a impropriedade na fórmula de expressão do conceito eram, normalmente, uma iniludível necessidade imposta pelas circunstâncias.

Eram mesmo condição *sine qua non* de rigor, de exactidão, numa crítica que timbrou em ser toda de equidade, da mais perfeita equidade, no definir e julgar. Lemaître acentuou-o. « Le ciel me préserve de faire peu de cas de la précision et de la propriété des termes dans un temps où l'à peu près s'étale partout dans les livres et où des auteurs même célèbres ne savent qu'imparfaitement leur langue!... Et pourtant il est presque inévitable que le critique, en étudiant certains livres, accueille en chemin telle idée, reçoive telle impression qu'il ne peut rendre qu'avec une demi-propiété de termes, par des demi-jours, par des à peu près intelligents dont chacun, pris à part, ne satisfait point, mais qui, si on les prend ensemble, donnent l'expression poursuivie. On en trouve d'innombrables exemples dans Sainte-Beuve. » (*Les Contemporains*, 1.º série — *Ferdinand Brunetière*).

O impressionista exhibe as suas preferências individuais de gosto e de sentimento e, se é consciencioso, explica-as e justifica-as. A seu turno, o dogmático também não exhibe, por via de regra, senão preferências individuais que imobiliza e erige, com uma segurança de aparato, toda fictícia, e um falso rigor, em princípios absolutos — e é nisto que, menos sincero, mas mais vigorosa, imperiosamente assertivo, se distingue do impressionista. Lemaître censurou vivamente Zola por, como crítico, não ter feito nunca outra cousa senão erigir o seu gosto pessoal em princípio. « Ce n'est ni d'un esprit libre, ni d'un esprit libéral » — dizia ele.

Em Weiss notou o mesmo. «...Il sautait aux yeux que ses « principes » n'étaient que des préférences passionnées, érigées en maximes générales... Ainsi, il jugeait des ouvrages dont son imagination créait la beauté, d'après des dogmes dont son tempérament créait l'autorité... Sans doute, la double illusion que je viens d'indiquer est commune, même chez les critiques qui s'en défendent avec le plus d'assurance... » (*Impressions de Théâtre*, 7.º série — *J.-J. Weiss*). E contudo teve uma grande simpatia por Weiss, pela mobilidade de espírito desse crítico « plein d'imprévu », comprazendo-se visivelmente em apontar que ele foi « un homme... dont le tempérament originel a résisté à tout, dont la libre fantaisie, « l'humeur » au sens où nos pères l'entendaient, la sensibilité propre, l'audacieuse « naïveté » sont restées intactes et ont même paru grandissantes jusqu'à la fin, et chez qui l'imagination... est toujours demeurée souveraine maîtresse. » (*Ibidem*).

Advirta-se, porém, que essa simpatia não foi incondicional. A *livre fantasia*, a imaginação *desregrada* não o podiam tentar. Lemaître censurou em Weiss a propensão á admiração hiperbólica e lastimou que nele a impressão se exagerasse, não raro, ao ponto de se tornar fantasiosa. As incongruências do espírito « ondoyant » e da attitude crítica de Weiss fortaleciam Lemaître na sua

desconfiança do dogmatismo. « Son exemple nous montre bien la vanité des distinctions qu'on fait entre la critique personnelle et l'impersonnelle. » (*Ibidem*).

Compreende-se que Lemaître não poria dúvida em sustentar este pensamento de Chabot: « Quelle que soit la part des données ou excitations venues du dehors (il n'est pas question de refuser toute action au milieu social), c'est en lui-même que chaque esprit vit et se sent vivre... » e este outro de Gastinel: « La conscience individuelle reste forcément l'arbitre du beau; il en est du beau comme du divin; tous les raisonnements du monde ne remplacent pas une étincelle de foi, un frisson d'émotion; quand, par exemple, vous aurez démontré que, le sentiment esthétique procédant du fait social, la statistique est en mesure de définir la beauté, ces notions théoriques n'interviendront jamais que comme circonstances négligeables dans vos impressions; ce sera toujours quelque force vive, instinct, passion, habitude, qui produira le sentiment même et restera, par là, maîtresse du jugement. »

São categóricas, neste sentido, as suas declarações. « Il est trop évident que, comme tout autre écrivain, un critique met nécessairement dans ses écrits son tempérament et sa conception de la vie, puisque c'est avec son esprit qu'il décrit les autres esprits. » (*Les Contemporains*, 3.^o série — *Paul Bourget*).

« En détournant un peu de son sens le vieil axiome que « l'homme est la mesure des choses », on pourrait dire que chaque critique est lui-même la mesure des œuvres qu'il apprécie; car, quoi qu'on fasse, une œuvre est bonne ou mauvaise selon qu'elle plaît ou déplaît à celui qui la juge. » (*Les Contemporains*, 2.^o série — *J.-J. Weiss*).

« Sans doute, je me contente d'exprimer ici des préférences personnelles, et l'on peut me dire que ce n'est plus de la critique; comme s'il n'y avait pas toujours, au fond et à l'origine de la critique, l'émotion involontaire de notre sensibilité en présence d'une œuvre, et cette simple et irréductible déclaration: « j'aime » ou « je n'aime pas ». (*Jean Racine*).

« On juge bon ce qu'on aime, voilà tout (je ne parle pas ici de ceux qui croient aimer ce qu'on leur a dit être bon); seulement les uns aiment toujours les mêmes choses et les estiment aimables pour tous les hommes, les autres, plus faibles, ont des affections plus changeantes et en prennent leur parti. Mais, dogmatique ou non, la critique, quelles que soient ses prétentions, ne va jamais qu'à définir l'impression que fait sur nous, à un moment donné, telle œuvre d'art où l'écrivain a lui-même noté l'impression qu'il recevait du monde à une certaine heure. » (*Les Contemporains*, 2.^o série — *Anatole France*).

Um dos elementos de convicção que mais firmavam Lemaître na sua qualidade de impressionista, era a relatividade do juízo, segundo o indivíduo e o momento, dada a diversidade das condições psíquicas de indivíduo para indivíduo e a sua mobilidade no tempo, até dentro do mesmo indivíduo. Convinha em que, por natureza ou por vontade, se possa ser menos mudavel; no entanto, sentindo o seu espírito muito móbil (êle conta as transformações radicais de juízo que, no decorrer dos tempos, veio a formar sobre Corneille, Racine, Hugo e Musset), não apenas simpatizava mais com os espíritos mudaveis, mais afins do seu, como também se inclinava a crer mais comum, por mais natural, a mobilidade que a imobilidade.

« Une des pensées favorites de Montaigne c'est que nous ne saurions avoir de connaissance certaine, puisque rien n'est immuable, ni les choses ni les intelligences, et que l'esprit et son objet sont emportés l'un et l'autre d'un branle perpétuel. Changeants, nous contemplons un monde qui change. Et même quand

l'objet observé est pour toujours arrêté dans ses formes, il suffit que l'esprit où il se reflète soit muable et divers pour qu'il nous soit impossible de répondre d'autre chose que de notre impression du moment. Comment donc la critique littéraire pourrait-elle se constituer en doctrine? Les œuvres défilent devant le miroir de notre esprit; mais, comme le défilé est long, le miroir se modifie dans l'intervalle, et, quand par hasard la même œuvre revient, elle n'y projette plus la même image...» (*Les Contemporains*, 2.^o série — *Anatole France*).

«Quand il y aurait des règles absolues pour juger les ouvrages de l'esprit, et quand tout le monde les appliquerait de la même manière; quand tous les critiques auraient les mêmes principes, le même goût, le même tempérament; et quand, ayant eu la même éducation intellectuelle et reçu de la vie les mêmes leçons, ils auraient en eux la même mesure de la beauté littéraire et de la vérité morale (et il semble que nous nous éloignons de plus en plus de cet idéal, qui serait d'ailleurs fort ennuyeux), il resterait encore ceci, que, pour s'entendre tout à fait, ils devraient juger une même œuvre dans le même intervalle de temps, et que la différence est grande d'apprécier un livre sur une lecture toute fraîche ou sur des souvenirs déjà anciens, et de se prononcer sur une pièce de théâtre le lendemain de la représentation ou quelques semaines après.» (*Impressions de Théâtre*, 10.^o série).

Lemaître sabia bem como se adquire autoridade em crítica, e sabia-o por experiência própria. No íntimo, êle estava certo de que, se suggestionava com os seus recursos artísticos, não bastava a arte, por mais cativante, para valorizar a sua crítica, para lhe imprimir o cunho de autoridade, criando adeptos das suas ideias e fazendo, com os rasgos do sentimento, vibrar em concordância os sentimentos de outrem. Impõem-se normas de orientação a que se subordine o trabalho crítico. E a principal consiste numa medida, sistematicamente estabelecida, de avaliação.

«Le critique doit avoir ou se donner les sentiments, la disposition d'esprit de la majorité des «honnêtes gens» et des lettrés — ou même de la foule dans certains cas où la foule est compétente, — en sorte que sa mesure particulière ait des chances d'être aussi celle du grand nombre. Mais surtout, s'il est vrai qu'il ne puisse appliquer aux ouvrages de l'esprit une autre mesure que la sienne, il faut du moins qu'il n'en ait qu'une; car, s'il en a plusieurs, il n'en a plus. Un bon critique n'a point de lubies; il se défie des caprices, des impressions d'une heure; il ne change pas d'aune et de toise comme de chemise. En mesurant une œuvre, il se souvient de toutes celles qu'il a déjà mesurées: il porte en lui une sorte d'étalon immuable. Il demeure le même en face des œuvres multiples qui lui sont soumises: et c'est pour cela que l'on comprend les raisons de tous ses jugements et qu'ils peuvent former un corps de doctrine.» (*Les Contemporains*, 2.^o série — *J.-J. Weiss*).

Esta definição da medida de avaliar é pura questão de bom-senso que faz fé por si mesma. O modo como a questão está posta cala no espírito de todos. São princípios fundamentais de crítica, de toda a crítica, seja qual fôr o seu programa. Quer-me parecer que Lemaître se guiou sempre, mais ou menos, por eles, conquanto, levado pelo excessivo escrúpulo que o fazia até duvidar da utilidade das suas precauções, desconfiar das suas próprias desconfianças, tivesse pensado e dito, por vezes, o contrário. Assim, o conceito «il demeure le même en face des œuvres multiples qui lui sont soumises», está em completo desacordo com as suas ideias, já expostas, sobre a diversidade e a mobilidade dos espíritos. Mas nem estas ideias são falsas, nem o conceito formulado é falso. Apesar de

toda a diversidade e de toda a mobilidade, ha um certo fundo irredutível na alma humana que se não diversifica, que não muda. As ideias e os sentimentos mais essenciais e representativos teem uma certa estabilidade no individuo, através da vida inteira, e dentro da variedade, da complexidade ha uma unidade orgânica característica. A constituição intelectual e moral de cada individuo fórma um todo que não resiste inteiramente ao tempo, mas que também o tempo não destrua inteiramente. Existe na *mónada* espiritual muito de inacessível ás influências do meio social, do momento, da educação, da tradição, etc.

Quando a impressão ou série de impressões sobre um determinado objecto lhe não oferecia confiança, Lemaître confessava-o muito explicitamente.

A propósito de Léon Hennique (*Impressions de Théâtre*, 5.ª série):

«Quelle doit être exactement cette part (la part à faire au talent de l'écrivain) c'est ce que je suis incapable de dire, après une lecture et une représentation qui m'ont laissé des impressions si différentes; et c'est ce qui me fâche.» Também de Mirbeau disse (*Les Contemporains*, 7.ª serie) que lhe não dava senão impressões incoerentes e confusas.

Lemaître, como crítico, julgava e, em certos casos (Ohnet, Banville, etc.), com a decisão plena dum dogmático que, reconhecendo que a indulgência tem limites, se não importa de capitanear uma justa opinião de descrédito. A independência do impressionista dava ao julgador a capacidade de julgar, com a mais perfeita imparcialidade.

E' a crítica uma obra de justiça sobretudo. E não sei se o dogmático, tolhido nos seus sistemas fechados, póde fazer justiça tão integral como a do impressionista, á maneira de Lemaître, desligado de quaisquer compromissos para consigo mesmo ou para com os outros.

Lemaître, numa dada circunstância, não julga. Abstendo-se de concluir das suas impressões, de julgar, deixa-nos esse encargo, com uma desenvoltura amavel. Succede isso quando a sensibilidade se torna voluptuosa, deliciando-se com o goso estético. E' o caso de ele exclamar: «Sa grâce est la plus forte». E á graça, aos encantos se rende seduzido e então deixa de ser crítico, no sentido próprio do vocábulo, para ser um puro impressionista de sentimento.

«Il me fait trop de plaisir — escreveu ele ácerca de Pierre Loti, — et un plaisir trop aigu et qui s'enfonce trop dans ma chair pour que je sois en état de le juger. A peine ai-je su dire que je l'aimais.» (*Les Contemporains*, 3.ª série).

O que eleva o impressionismo, fazendo-o sair do âmbito da arte para o incluir no da crítica, é a segurança e finura da inteligência e do gosto, segurança e finura determinadas, apuradas pela vastidão e profundidade da cultura humanística. Sem cultura, como sem bom-senso, não ha crítica que valha por si mesma, que se sustente por si mesma. E' a cultura, nesta qualidade, que dá á impressão o necessário grau de consciência. A cultura robustece, aviventa toda a crítica de Lemaître, que foi um distinto letrado, na mais exacta acepção do termo, um verdadeiro mandarim intelectual, da espécie de Silvestre Bonnard.

Opondo-se a todas as demonstrações de vaidade, ele é o primeiro a sorrir da sua sciência. Mas mesmo que a não apresente, sente-se sob a penetração extraordinária da visão crítica, sob a firmeza da análise.

A visão dirigia-a, de ordinário, ao âmago das cousas, a análise fazia-a com um critério que, sendo extremamente lúcido, tornava límpidos, transparentes os mais complicados problemas.

São exuberantes o discernimento e o tino prático do crítico. Isso apreende-se logo. Delicadamente espirituoso, bem humorado, cheio de bonomia, espa-

lhando profusamente uma certa graça que não exclue uma certa candura e uma certa gravidade, aumenta a nossa confiança, cimenta-a em condições perduráveis.

Este impressionista, positivamente, teve só dois defeitos: ser artista de mais e dogmático de menos.

Mas não foi menos artista e não foi mais dogmático, para ser o que realmente era, para ser verdadeiro e fazer obra de verdade.

Este homem foi, acima de tudo, honesto, no mais próprio significado da palavra.

Setembro de 1914.

A. DO PRADO COELHO.

“QUE NADA SE SABE”

(CONTINUAÇÃO)

Tradução da obra QUOD NIHIL SCITUR
de Francisco Sanches.

Ninguém pode dizer nada ao certo sobre qualquer das cousas que têm existido, ou que hão-de existir.

E' combatida a antiga divisão da terra.

Falsa opinião acerca da zona torrida, e das duas zonas extremas.

Efectivamente, quem é que pode afirmar ao certo alguma cousa ácerca do que foi, do que é, ou do que ha-de ser?

Na tua sciencia perfeita dizias ontem, e até já ha muitos seculos, que a terra era cercada por um oceano, e dividia-la em tres partes universaes: Asia, Africa e Europa. Ó que dirás agora? Foi descoberto um novo mundo, e novas cousas numa nova Hespanha ou Indias Occidentaes, e nas Orientaes. Dizias tambem que havia uma região meridional, sob o Equador, que por causa do calor era inabitavel, e que o mesmo se dava nos Polos e nas zonas extremas por causa do frio; que essas duas cousas são falsas já o mostrou a experiencia. Trata de arranjar outra sciencia, pois a primeira já é falsa. Como é, pois, que tu afirmas que as tuas proposições são eternas, incorruptiveis, infaliveis, e que não poderiam existir d'outra maneira, tu, miserrimo verme, que com dificuldade sabes o que és, e qual a tua origem e o teu fim, e que talvez nem com dificuldade isso saibas?

Das outras especies de animaes e plantas pode dizer-se o mesmo segundo as varias regiões do globo: é tamanha nessas regiões a dessemelhança da mesma especie (para me servir da tua expressão) que dizes que são, e realmente são, especies diversas. Afinal eu e tu nada sabemos, pois não conhecemos as suas formas, pelas quaes elas se distinguem. Para a nossa ignorancia d'algumas cousas contribue ainda o ser-nos impossivel o seu acesso, por causa do logar ou do tempo, e essas cousas constituem a grande maioria.

Contribue para aumentar a nossa ignorancia o facto de nos serem inacessiveis algumas cousas.

Nullus de omni quod fuit, quod erit, certum quid dicere potest.

Terrae divisio pristina arguitur.

Falsa opinio de Zona torrida, et duabus extremis.

Rerum quarundam prohibitus accessus ignorantiam nobis auget.

Quis enim de omni quod fuit, quod est, aut quod erit certum quid proferre potest? Dicebas heri perfecta scientia tua, imo et a plurimis sæculis, totam terram Oceano circumflecti, eamque in tres dividebas partes universales, Asiam, Africam, Europam. Nunc quid dices? novus est inventus mundus, novae res, in nova Hispania, aut Indiis Occidentalibus, Orientalibusque. Dicebas etiam meridionalem et sub Aequatore positam plagam inhabitatem aestu esse, sub Polis vero et extremis Zonis propter frigus. Iam utrumque falsum esse ostendit experientia. Struo aliam scientiam, falsa enim iam prima est. Quomodo ergo aeternas, incorruptibiles, infallibiles, quaeque aliter habere non possint propositiones tuas asseris miserrime vermis, qui vix quid sis, unde sis, quo eas, ac ne vix quidem scias? De aliis tum animalium, tum plantarum speciebus pro diverso orbis situ idem dicere licet: tanta quippe in diversis plagis eiusdem, ut vocas, speciei dissimilitudo est, ut diversas dicas species, et sunt. Nil tamen ambo scimus: quippe qui formas utriusque non cognoscamus, per quas ipsae distinguuntur. Addit etiam ad ignorantiam nostram rerum aliquarum prohibitus accessus nobis, vel propter locum, vel propter tempus, quarum maxima pars est. Hinc eorum quae in mari, quae in intima terra, quae in supremo aëre, quae denique in supremis corporibus fiunt et sunt, maxima dubitatio. Nec sine ratione: omnis enim a sensu cognitio est: a quo cum

Por isso é que ha grande duvida sobre o que existe e succede no mar, no interior da terra, nas camadas atmosfericas superiores, e nos astros; e não é sem razão, pois todo o conhecimento vem dos sentidos; e assim aquellas cousas, não podendo ser *percebidas*, também não podem ser sabidas: com certeza que muito menos pode haver conhecimento a respeito d'elas do que a respeito das que nos rodeiam. Quanto a estas não duvidamos de que existam, mas quanto áquelas dizem-se muitas cousas que nem temos a certeza de serem assim, nem são conclusões necessarias da razão: ás vezes até esta conclue o contrario, como a seu tempo veremos. — Vem aqui a proposito a questão da pluralidade dos mundos, a d'aquillo que existe fora do ceu, e outras semelhantes. Mas não é só isto: por causa da variedade, de que ha pouco falamos, das cousas, são varias as opiniões dos homens, e nenhuma a sciencia, ácerca das diversas partes da terra, pois um homem não as pode percorrer todas, e no entanto isso seria preciso. E quem é que pode afirmar alguma cousa ao certo a respeito d'aquillo que existiu muito antes de nós e do que ha-de existir depois de nós?

Todo o nosso conhecimento vem dos sentidos.

Questões ainda sem solução.

Nada se sabe ao certo sobre o passado nem sobre o futuro.

A proposito d'isto tem havido tanta discussão entre os philosophos ácerca do principio e da eternidade do mundo, tanta controversia sobre a sua duração e fim que ninguem, que saibamos, lhe impõe um fim, nem talvez virá a impôr, em nome da sciencia.

Como é que o corruptivel provém do incorruptivel, o finito do infinito? Como é que o que vive por instantes como se não vivesse, existe como se não existisse, pode mostrar alguma cousa de certo a respeito do que é sempiterno? A questão a respeito d'isso (se isso existe), assim como das outras cousas, ⁽¹⁾ é o fundamento d'outras questões, e sobre ela o homem nunca sabe absolutamente nada, nem pode saber. Ora na filosofia as questões mais nobres e muitissimo necessarias para o conhecimento de todas as outras cousas são duvidas, e a ignorancia d'elas tem como consequencia o desconhecimento das outras. Que nada se pode, *humano modo*, saber perfeitamente, vê-se pelo proprio facto de Aristoteles e os seus discipulos tentarem mostrar com innumeradas razões que o mundo é eterno, que não teve principio nem ha-de ter fim; e d'isso estão convencidos os filoso-

Não se comprehende que o corruptivel venha do incorruptivel.

As mais nobres questões são duvidosissimas.

Os Peripateticos dizem que o mundo é eterno.

illa percipi non possint, nec sciri subinde possunt: imo multo minus quam quae nobiscum sunt. De his enim quod sint non dubitamus, de illis autem plurima dicuntur, quae esse nec certum est, nec ratio id cogit: quin quandoque contrarium, ut suo loco dicemus. Huc etiam spectat de pluralitate mundi quaestio, de eo quod extra coelum est, et similes. Nec hoc solum, sed et in diversis terrae partibus (quas unus et idem omnes perlustrare non potest, necessarium tamen est) propter nuper dictam rerum varietatem variae sunt hominum opiniones, nullaque scientia. De his vero quae longo tempore ante nos facta sunt, de his quae postea fient, quis certi quid asserere potest?

Omnis cognitio nostra a sensu est. Indecisae questiones.

De his quae olim facta sunt, et de his quae fient, nil certum.

Corruptibilis de incorruptibili indicare recte non potest.

Huius occasione tanta hucusque de mundi principio, aut aeternitate inter Philosophos disceptatio, de eiusdem duratione et fine controversia: cui finem nullus imposuit, quod sciamus, nec forsan imponet ex scientia. Quomodo namque corruptibilis de incorruptibili, finitus de infinito: denique qui per instans solum vivit ac si non viveret, est quasi non esset, de sempiterno certo quid ostendere valeat? Cuius (an sit) quaestio, quemadmodum et reliquorum, fundamentum est aliarum quaestionum, de qua penitus nil ipse novit, nec nosse potest.

At de his omnibus nobiliores sunt, maximeque necessariae ad aliarum omnium rerum cognitionem in Philosophia dubitationes, quarum ignorantia aliarum subinde inscitiam inducit. Quod vero nil perfecte sciri possit, humano modo, apparet ex eo quod Peripateticus cum reliqua schola conantur innumeris rationibus ostendere mundum esse aeternum, nec

Nobilissimae quaestiones dubilissimae sunt. Peripatetici mundum aeternum faciunt.

(1) Isto é, a questão da existencia d'isso, e das outras cousas.

Plinio, liv. I, Hist. Nat., c. 1.º

A razão humana inclina-se para a eternidade do mundo.

Eclesiast. 1.

Segundo a fé, o mundo foi creado e será alterado.

Salmo 101.

Genesis, 1.

Tem desculpa a opinião dos filósofos, mas não a pertinácia contra a fé.

Outra causa da nossa ignorância.

Deve haver uma relação entre o compreendente e o compreendido.

Plini. lib. I. Natura. histor. c. 1. Ratio humana mundi aeternitatem suadet.

Ecclesiast. 1.

Mundus creatus est et mutabitur, secundum Fidem.

Psalm. 101.

Genes. 1.

Philosophorum opinio excusationem aliquam habet: pertinácia adversus fidem, nullam. Alia in re-

fos. E' por isso que Plinio começa por aí a sua *Historia natural*. E certamente que tu pensarás o mesmo, se te guiares apenas pela razão humana. Efectivamente, já o mundo estava creado quando tu nasceste, e quando nasceram o teu pae e os teus avós: desapareceram eles e has-de desaparecer tu, vendo que nascem uns e morrem outros, e que ele permanece. Além d'isso não ha ninguem que afirme de viva voz ou por escrito que viu o principio do mundo, ou que conhece alguém que o tenha visto, ou que ouviu dizer a outrem que o vira. Lá diz o sabio: «Generatio praeterit, et generatio advenit, terra autem in aeternum stat. Oritur Sol et occidit, et ad locum suum revertitur, ibique renascens gyrat per medium, et flectitur ad Aquilonem. Lustrans universa in circuitu pergit spiritus, et in circulos suos revertitur. Omnia flumina intrant in mare, et mare non redundat. Ad locum unde exeunt flumina revertuntur, ut iterum fluant. Cunctae res difficiles, non potest eas homo explicare sermone.»

Ouviste a opinião dos philosophos, e comtudo vês que, segundo a fé, o contrario é que é inteiramente verdadeiro: o mundo foi creado e ha-de ter fim, pelo menos segundo as qualidades que tem actualmente. Com efeito não será aniquilado, segundo aquelas palavras do profeta rei: «Et sicut opertorium mutabis eos, et mutabuntur, etc.» Ora estas cousas sabem-se pela revelação divina, que não pela razão humana, pois por este ultimo meio é impossivel. E' por isso que o divino legislador, Moisés, tocado da inspiração divina, começa a sua divina historia na criação do mundo, inteiramente ao contrario do que fez Plinio. E' por isso que tem alguma desculpa a opinião dos philosophos, embora nenhuma desculpa tenha a pertinácia em não crer, e a contumácia contra a fé; mas voltamos ao assunto. Ha ainda outra causa da nossa ignorância:—a substancia tamanha de certas cousas que de modo algum pode ser por nós percebida, como por exemplo, o que é, se alguma cousa é, para os philosophos o infinito, e para os nossos, Deus, para o qual não ha medida nem limite, não podendo, portanto, de modo algum compreende-lo a nossa mente. E assim deve ser, pois do comprehendente para o comprehendido deve haver uma relação certa, de modo que o comprehendente seja maior que o comprehendido, ou pelo menos igual (embora pareça que difficilmente pode acontecer que uma cousa igual a outra a com-

habuisse initium, nec habiturum finem: idque persuasum est Philosophis. Unde Romanus ille Naturalem historiam suam inde auspicatus est. Et certe si humana ducaris ratione potius id iudicabis. Nam venisti in mundum iam factum, et pater tuus, et avi tui: discesse-runtque illi, ut discedes tu: videsque alios et nascentes et morientes, ipso manente. Nec est aliquis qui asserat aut voce, aut scripto, se aut vidisse mundi principium, aut vidisse alium qui viderit, aut qui audierit ab alio se vidisse. Et, ut dicit Sapiens, «Generatio praeterit, et generatio advenit, terra autem in aeternum stat. Oritur Sol et occidit, et ad locum suum revertitur, ibique renascens gyrat per medium, et flectitur ad Aquilonem. Lustrans universa in circuitu pergit spiritus, et in circulos suos revertitur. Omnia flumina intrant in mare, et mare non redundat. Ad locum unde exeunt flumina revertuntur, ut iterum fluant. Cunctae res difficiles, non potest eas homo explicare sermone.» Audisti sententiam Philosophorum: tamen vides contrarium omnino esse verum, secundum fidem, mundumque et creatum esse, et finem habiturum, saltem secundum qualitates quas modo habet. Non enim anihilabitur, juxta illud regis prophetae, «Et sicut opertorium mutabis eos, et mutabuntur etc.» Quae quidem omnia sciuntur ex revelatione divina, non ex humano discursu. Nec enim id fieri potest. Unde divinus legislator Moses, divinam historiam suam divino afflatus spiritu divine a mundi creatione orditur, contra omnino ac fecit Plinius. Proinde excusationem aliquam habet Philosophorum opinio: sed nullam pertinácia in non credendo, et contumácia in fidem: sed regrediamur. Est et alia ignorantiae nostrae causa, rerum quarundam tam magna substancia, ut a nobis omnino percipi non possit: quo in genere Pilosophorum Infinitum est, si quod illud est: nostrorum Deus, cuius nulla mensura, nulla finitio, nec subinde a mente comprehensio aliqua esse potest.

preenda, como veremos no tratado « *De loco* » ; mas por agora concedamos isso) : ora entre nós e Deus não ha nenhuma relação, como a não ha entre o finito e o infinito ou entre o corruptivel e o eterno, e assim em comparação com ella nada mais somos do que alguma cousa. Deus conhece tudo porque é maior que todas as cousas, e superior e mais poderoso, ou melhor, para que não pareça que eu estabeleço comparação com as creaturas, é maximo, supremo e omnipotente. Todas as cousas que se avizinham mais d'esse supremo artista, por essa mesma razão nos são desconhecidas.

Entre nós e Deus não ha proporção alguma.

Deus conhece tudo.

Ha outra especie de cousas inteiramente opostas a essas : são tão pequenas que difficilmente a nossa mente as pode comprehender. Essas cousas são muitissimas, o seu conhecimento é muito preciso para a sciencia, e todavia não o temos. Taes são talvez todos os accidentes, que quasi nada são : ninguem houve até hoje que pudesse explicar perfeitamente a essencia d'elles, como tambem aliás das outras cousas. Nada sabemos : como é, pois, que nós havemos de explicar ? Nem é para admirar que alguns tenham julgado que os accidentes nada são em si mas simplesmente apparencias com relação a nós, que variam conforme a nossa condição e disposição : e assim aquelle que tem febre julga quentes todas as cousas, e aquelle a cuja lingua chegou a amarela bilis, julga tudo amargo.

Outra causa da nossa ignorancia.

6. Metaph.

Que os accidentes nada são em si, disseram nos os Pirronicos, e Epicuro e Democrit. — Laërt. 9 e 10. Plutarco in Colot.

Outra causa da nossa ignorancia.

Ha ainda nas cousas outra causa da nossa ignorancia, e vem a ser a duração perpetua d'algumas, e ainda a geração perpetua d'outras, a corrupção continua e a continua mudança, de modo que nem podes dar a razão d'aquellas, porque não duras sempre, nem d'estas, porque não são nunca inteiramente as mesmas, e se agora existem, não existem logo. E' por isso que não foi resolvida ainda a questão da geração e da corrupção : sobre isso diremos em outra parte o que sentimos. Quantos modos ha de geração ? Quantos de corrupção ? A primeira pode provir da semente, dos ovos, do estrume, da podridão, do orvalho, do pó, do lodo, do halito, da carie, e de muitas outras cousas ; a segunda pode fazer-se pelo calor, pelo frio, pela fractura, pela separação, pela compressão, e por outros modos ainda cujo numero se não sabe talvez ao certo. Se é verdade o que dizem da fenix, quando esta é queimada nasce das cinzas um verme, d'onde provém outra fenix. Os vermezinhas que nos dão a seda secam por completo, e passado muito tempo nascem outros, duns grãozinhos, como se estes fossem sementes.

Muitos modos de geração e de corrupção.

bus ignorantiae nostrae causa.

Comprehendens ad comprehendens maius sit, aut saltem aequale (quamvis hoc vix fieri posse videatur, ut aequale aliud aequale comprehendat, ut videbimus in tractatu de loco : sed nunc demus) : nobis autem cum Deo nulla proportio, quemadmodum nec finito cum infinito, nec corruptibili cum aeterno : denique eius collatione nihil potius sumus quam aliquid.

Nulla nobis cum Deo proportio.

Deus omnia novit.

Alia occasio in rebus inscitiae nostrae.

6. Metaph.

Accidentia nihil in se esse, dixerunt Pyrrhonicus et Epicuri, et Democrit. Laërt. 9. et 10. Plutarco. in Colot.

Causa alia in rebus ignorantiae nostrae.

Nec immerito : comprehendens enim ad comprehendens proportio certa esse debet, ut aut comprehendens comprehenso maius sit, aut saltem aequale (quamvis hoc vix fieri posse videatur, ut aequale aliud aequale comprehendat, ut videbimus in tractatu de loco : sed nunc demus) : nobis autem cum Deo nulla proportio, quemadmodum nec finito cum infinito, nec corruptibili cum aeterno : denique eius collatione nihil potius sumus quam aliquid. Hac eadem ratione ille omnia novit, ut qui omnibus maior, superior, praestantior, aut melius, ne collationem cum creaturis facere videar, maximus, supremus, praestantissimus sit. Quaecumque summo huic opifici propinquiora sunt, ea ratione nobis incognita etiam sunt. Est aliud rerum genus his omnino adversum, quarum tam minutum esse est, ut vix a mente comprehendi possit. Et harum maxima copia, cognitio maxime necessaria ad scientiam, fere tamen nullam habemus. Talia forsitan sunt accidentia omnia, quae pene nihil sunt : adeo ut hucusque nullus fuerit qui eorum naturam perfecte explicare potuerit, quemadmodum nec reliquarum rerum. Nil scimus ; quomodo ergo explicabimus ? Neque mirum est, si aliqui accidentia nihil in se esse iudicarent, sed solum quaedam nobis apparentia, quae pro varia nostri conditione dispositioneque varia apparent : ut qui febrit, omnia calida iudicat : cui lingua flava bile aspersa est, omnia amara.

Alia adhuc in rebus superest inscitiae causa nostrae, aliquarum scilicet perpetua duratio, rursus aliarum perpetua generatio, perpetua corruptio, perpetua mutatio. Ita ut nec illarum rationem reddere possis, cum non semper vivas : nec harum, cum et nunquam eadem sint omnino, et modo sint, modo non sint. Hinc fit ut de generatione et de corruptione disputatio sub iudice adhuc sit, de qua alibi quid sentiamus proferemus. Quot generationis ?

Arist. 5, sobre a geração dos animais, embora Scaligero «De subt. ad Card.» Exerc. 7, diga que notou o contrario.

Scalig. «De subtil. ad Carda. Exercit. 9.

Desde o nascimento até á morte ha muitas alterações.

Segundo a opinião de alguns, o mesmo homem, passada uma hora, já não é o mesmo que era antes d'isso.

A identidade é indivisível.

Multi generationis et corruptionis modi.

Aristo. 5 de Gen. ani. Licet Scalig. De subt. ad Card. Exerc. 7, contrarium se expertum dicat.

Scalig. De subtil. ad Carda. Exercit. 59.

Plurimae inter ortum et interitum mutationes.

Homo idem non est post horam unam qui antea, secundum aliquorum.

Dizem que o avestruz choca os ovos olhando-os fixamente, e que o urso dá forma aos filhos lambendo-os.

Os figos, as nozes e a madeira transformam-se em vermes, e petrificam. As folhas de certas arvores que estão sobranceiras ao rio da Irlanda, caindo nele transformam-se em peixes. As folhas de muitas outras, caindo no chão transformam-se em animaes voadores. As galhas, o trigo, as drupas do lentisco e as capsulas do choupo, a medula do *carduus fullonum*, o queijo, a carne, o terebinto transformam-se em vermes e animaezinhos volateis. E, o que é mais para estranhar ainda, no Mar Britanico, se é verdade o que diz Scaligero, uma ave da figura do adem está pendurada pelo bico dos destroços putridos dos naufragios até que, solta d'aí, procura os peixes para o seu sustento. Diz ele que os Bascos maritimos chamam a essa ave, — Craban, e os Bretões, — Bernachia. Acrescenta que foi levada a Francisco, rei de França, uma concha dentro da qual estava uma avezinha quasi perfeita, que pelas pontas das azas, pelo bico e pelas patas aderira ás orlas da concha. Entre os Egipcios, no Cairo, os ovos são chocados em fornos levemente aquecidos; e noutras partes até nas estrumeiras. Não duvido de que entre os peixes e entre as aves haja diversos modos de geração, e não menos entre os seres inanimados. De destruição tambem não ha menos. E quantas mudanças entre o nascimento e a morte? Inumeras. Nos seres vivos ha nutrição continua, crescimento, imobilidade, movimento, geração, variação das partes, mudança, perda, aumento, perfeição dos costumes, acções, obras diversas, e muitissimas vezes contrarias no mesmo individuo: e finalmente nenhum repouso. Não é de estranhar que não deva ser condenada, antes talvez seja verdadeira, a opinião d'alguns de que não se pode dizer que um homem, passada uma hora, seja ainda o mesmo que era antes d'essa hora. Efectivamente a indivisibilidade da identidade é tal que se acrescentares ou tirares a qualquer cousa um ponto que seja, já essa cousa não será inteiramente a mesma; mas os accidentes existem em razão do individuo, e como eles mudam continuamente, tambem por isso o individuo varia. Permanecendo a mesma forma, dizes tu, o individuo é sempre o mesmo, pois em virtude d'ela é que ele se diz *unum quid*,

quot corruptionis modi? Illa ex semine, ex ovis, ex fimo, ex putredine, ex rore, ex pulvere, ex limo, ex halitu, ex carie, ex pluribus aliis. Haec a calore, frigore, ruptione, dissolutione, oppressione, nec certus forsan numerus est; si de phoenice verum dicunt, ex cinere combusti parentis oritur vermis, ex quo aliud fit phoenix. Vermiculi qui nobis sericum faciunt omnino exsiccantur, post longum tempus renascuntur, tanquam ex semine, ex granulis quibusdam aliis. Struthium ova fixe inspiciendo animare ferunt: ursum lambendo efformare catulum. Ficus, nuces, ligna in vermes abeunt et lapidescunt. Arborum folia quarundam Iuvernæ fluvio imminentium, si in eum cadant, piscium naturam subeunt. Aliarum plurium frondes in terram cadentes volitantia animalia efficiuntur. Gallae, triticum, folliculi lentisci, et populi, medulla cardui fullonum, caseus, caro, terebinthus in vermes mutantur et volucellos.

Et, quod magis mirandum, in Britanico Oceano, si verum narrat ille, avis anatis figura, rostro de putridis naufragiorum reliquiis pendet, donec inde soluta pisces ad sui alimoniam quæritet: quam Vascones Oceani incolae, Craban, Britones, Bernachiam, vocare ait. Addit et regi Francisco Galliarum allatam concham, cui intus avicula fere perfecta erat, quae alarum fastigiis, rostro, pedibus, haerebat extremis oris ostraci. Ova in Aegyptiis ad Cairum in fornacibus animantur, temperato ignis calore: et alicubi etiam in fimo. Inter pisces plures non dubito esse, et inter aves producendi modos. In his autem quae vita carent non pauciores. Destruendi totidem. Inter ortum et interitum quot mutationes fiunt? Innumeræ. In viventibus nutritio perpetua, auctio ad tempus, status, declinatio, generatio, variatio partuum, mutatio, defectus, additio, perfectio morum, actiones, opera diversa, contraria sæpissime in eodem individuo: denique nulla quies. Nec mirum si aliquorum sententia fuerit, de homine uno post horam non asserti posse eundem esse, qui ante horam, non omnino explosenda, imo forsan vera. Tanta quippe est identitatis indivisibilitas, ut si punctum solum vel addas, vel detraxeris a re quapiam, iam non omnino eadem sit: accidentia vero de individui

nem a insignificancia d'esses accidentes altera a identidade. Eu já disse que a identidade nada se devia mudar, aliaz o ser já não seria inteiramente o mesmo. Uma forma determina um ser. Talvez até que a mesma forma informe sempre, mas não ao mesmo ser, pois neste, como, por exemplo, no meu corpo, ha perpetua mudança. Ora eu sou composto de duas cousas, — da alma em primeiro lugar, e secundariamente do corpo, e variando alguma d'essas duas partes, tambem eu vario; mas isto será tratado mais desenvolvida e oportunamente noutra logar.

Nada se deve mudar a identidade.

E o que se disse até aqui pode aplicar-se a todos os animaes. Se atendes ás partes do seu corpo, muito maior será a duvida. Porque é que estas são assim? Porque o são aquelas? Seria melhor d'outra maneira? Seria peor? Porque é que não são mais? Porque é que são tantas? Porque é que são tamanhas? Porque é que são tão pequenas? Nunca terminariamos.

Grande duvida acerca das diferentes partes dos animaes.

Com relação aos seres inanimados dá-se o mesmo.

O que é que ha, pois, de fixo em cousas tão mudaveis, de determinado em cousas tão varias, e de certo em cousas tão incertas?

Questão não resolvida ainda sobre a introdução das formas.

Nada, sem duvida. Daqui nasceu por isso sobre a introdução das formas e principio d'elas uma discussão tamanha, que nunca ninguem lhe porá termo.

ratione sunt, quae cum perpetuo varientur, subinde et individuum variari contingit. Scio, dicis, dum eadem forma maneat, idem semper esse individuum: ab illa enim unum quid dicitur: nec accidentium horum minutias identitatem mutare. Dixi identitati nihil mutandum, alias non idem omnino esse. Una forma unum facit. Eadem forsitan informat semper, sed non idem: in hoc enim perpetua mutatio, ut in corpore meo. At ex utroque componor, ex anima praecipue, ex corpore paulo minus, quorum aliquo variato, et ego varior; sed id alibi latius et opportunius. Atque hucusque de totis animalibus.

sententiam. Identitas est indivisibilis. Identitati nihil mutandum.

Quod si partes respicias, multo maior dubitatio. Cur sic hae? cur illae? an aliter melius? an peius? cur non plures? cur tot? cur tantae? cur tam parvae? Nunquam finis. In inanimatis idem. Quid igitur fixum de rebus tam mutabilibus, quid determinatum de rebus tam variis, quid certum de rebus tam incertis? Nil sane. Orta hinc proinde est de introductione formarum, earumdemque principio tanta disceptatio, quantam nunquam fini et aliquis.

De partibus animalium maxima dubitatio.

De introductione formarum quaestio non definita.

FACTOS E NOTAS

O Príncipe Negro.

Acaba de descobrir-se no «Record Office», em Londres, um velho manuscrito em francês, latim e inglês, que fornece interessantes pormenores sobre uma das mais brilhantes e românticas personalidades que em Inglaterra e França se destacam na transição da Idade Média para a Renascença,—o famoso Eduardo, o Príncipe Negro.

Apenas principiou agora a ser esmiuçado e interpretado o velho códice, mas a imprensa inglesa apressou-se a dar a publico algumas primicias, dignas do apreço dos que se esforçam por arrancar ao passado o maior numero de factos.

Não constituem infelizmente esses «diarios» revelação do que poderia sêr a mentalidade ou o sentir de um grande guerreiro — valoroso e leal, vestido de ferro, conquistando cidades, talando campos, derrubando fortalezas, em pleno século XIV, quando o feudalismo ruía e uma nova aurora politica e social se prenunciava já—, mas apenas notas que pódem dizer-se intimas, relação de dadivas e compras de cavallos, de joias e de vinhos, presentes a damas da côrte, finalmente a ordem para lhe pintarem o seu «timbre» de armas com as celebres plumas que ficaram tradicionaes «Faict de nos armes de pennes». Não menos de seis paginas contém o rol dos presentes de Anno Bom feitos pelo principe em dois annos consecutivos.

E é curioso como no fundo brumoso dessa época tão distante apparecem nitidamente varios objectos: a taça de oiro offerecida ao Rei, um tonel de vinho da Gasconha á princesa Joanna, um broche de oiro á rainha com enumeração dos respectivos rubis, esmeraldas e diamantes. E os curiosos nomes de cavallos, que bem revelam como andava viva nas memorias do tempo a lenda dos «Quatro Filhos Aymão!» É o Bayardo Russo, o Bayardo Bispo, o Bayardo Joia, além de varios outros.

É possivel que a demorada investigação dos papeis do Príncipe Negro traga aos estudiosos algum valioso elemento sobre a politica e sobre as guerras do seu tempo. Por agora só vieram á estampa estes pequeninos nadas, que por serem ácerca de quem são, têm um cantinho na historia anecdotica.

V. DE M.

As joias da Excelente Senhora adquiridas pela rainha D. Catarina.

Ultimamente publicou-se em Espanha uma obra sobre a Excelente Senhora, escrita com grande imparcialidade e investigação, de que foi dada larga conta no

Boletim da Real Academia de Historia, e tambem na nossa Revista, pelo sr. Prestage.

A nação visinha não esmoreceu ainda nos trabalhos historicos, indício da sua grande vitalidade, de que é prova nos tempos presentes em que as aquisições territoriaes se tornam cada vez mais difficeis de realizar, mesmo para nações poderosas, ella ter alcançado a posse no continente fronteiro de um largo tracto de terra.

A personalidade da Excelente Senhora, apesar das tormentas que despertou o nome daquela princesa, passava quasi despercebida e por isso foi bem vindo o aparecimento de tal trabalho.

A vida modesta da princesa permitiu-lhe acumular os bens que foram dispersos pela sua morte, indo uma pequena parte das joias parar por compra á mulher de D. João III, que por ellas deu 30.250 reaes. Essas joias ficaram a cargo da camareira castelhana Bocanegra.

O rol e os recibos respectivos são os seguintes:

Dioguo Calema Mamdo vos que dees e entregues a Ruy Figueira testamenteyro da eixcelente Senhora que santa gloria ajaa trimta mill e duzentos e cinquenta Reaes que montam nas Joyas e cousas nos jteens atras comteudos que foram da dita Senhora que pera mim se compraram as quaes todas ficam carreguadas em Recepta sobre Bocanegra minha camareira segumdo se mostra pella certidam hatras de Lucas dAtiença meu scripvam da camara e thesouro perque daa ffee que sobre ella as carregou e deulhos loguo e por este com seu conhecimento de como de vós os recebeo mamdo aos contadores que vollos levem em conta. Bertolomeu Fernamdez o fez em Lixboa a xxij dias de novembro 1530. Os quaaes dinheiros lhe asi darees sendo primeiro certo per certidam nas costas deste do dito Lucas dAtemça de como fica posta verba na Recepta omde as ditas cousas ficam carregados sobre a dita camareira de como ouve o dito Ruy ffigueira jaa dellas paguamento em vós. *Raynha*. — Pera o thesoureiro dar e entregar a Ruy Figueira testamenteiro da eixcelente senhora xxx mil ijcl reaes por as cousas atras conteudas que pera nós se compraram.

La berba que Requiere este mamdado de su alteza se paso segund que manda en xiiij de nobiembre de xxx; dygo de como ovu pagamiento Ruy figura testamentero de la excelente señora y de los treynta mill dozyentos e cinquenta Reales suso dichos en el.—*Lucas de Atiemça—Diego Calema*—Conosco e confeso Ruy Figuera testamentero de la excelente senhora que recibio dell thesorero celema en treynta mill e dozientos e cinquenta Reales suso dichos e porque es vervad asynamos aqui.

Lisboa xiiij de dezyembro de dxxx. Lucas de Atiença — Ruy Figuera — Pedro Cavaca.

Folha das cousas que a Rainha nossa senhora tomou.

It. huas comtas de linho aloes com honze estremos douro que foram avaliados em mill e quinhentos reaes.

It. outras comtas de vidro brancos e verdes com sete estremos douro que foram avaliados em dous mill e cemto e oytenta reaes.

It. outras comtas de vidro azuis escuros com sete estremos douro avaliados em quatrocentos reaes.

It. outras comtas de vidro azuis mais claros com dez estremos douro que foram avaliados em mill e setecentos e cimcoenta reaes.

It. outras comtas de vidro brancos Redondos com doze extremos douro avaliados em mil e trezentos e cimcoenta reaes.

It. outras comtas de vidro brancos com esmalte branco por partes com dez extremos douro avaliados em mill e quatrocentos e sasemta reaes.

It. hum anell douro com hum Roby tavoleta que foy avaliado pedra e ouro em quatro cruzados.

It. outro annel douro com hum Roby barroco avaliado pedra e ouro em outros quatro cruzados.

It. outro anel douro com outro Roby a tavoleta avaliado pedra e ouro em tres cruzados.

It. outro anell douro com hũa pedra que se chama agueta e nella aberto hum grifo avaliado pedra e ouro em hum cruzado.

Estas peças conteudas nestas dez adições acyma escritas tynha sua alteza já tomados e momtam-se nellas xiiij mil ix^c Rb reaes e as que tomou agora sam estes abaixo.

It. dous braceletes douro cheeos dambre abertos de buril pella parte de fora, e pella de dentro esmaltados avaliados em dezaseys cruzados e meo porque tanto pesavam.

It. hum Relicairo douro com hũa imagem de nosso senhor atada a columna de Rayz daljofar avaliada em tres mil reaes.

It. hum coração de Jaspe encastado em ouro que foy avaliado asy como estava em oyto cruzados.

It. outro coração de Jaspe pequeno encastado em ouro que foy avaliado em quinhentos reaes.

It. hũa lingua descorpian encastada em ouro que foi avaliada asy como estaa em sete tostoos.

Monta nestas cinco peças que sua alteza mays tomou xiiij mil reaes.

It. nos vidros que tomou se montam dous mill e trezentos e vynte reaes pellas avaliações em que foram avaliados—ij mil iij^c xx reaes.

E tomou mais sua alteza duas arredomas hũa da nacença do nosso senhor e outra darvoredado que nom vam avaliados.

Monta em todas estas cousas que sua alteza tem tomado trimta mill e duzentos e sasemta e cimco reaes.

E estas Joyas foram avaliadas por baltesar cornejo seu ourivez e por pedro queixada tambem ourives douro.

Es verdad que totalas cosas segund se contienen en las dies e seys adiciones desta folla suso dichas estan en recepta sobre la camarera bocanegra por my lucas de Atiença escrivano de camara e thesorero seto los vidros que estan en adicon de dos mill e trezientos e veynte Reales suso dicha que estes por mandado berbal de sua alteza se pusyeran en la casa de los vidros e por ser asy verdad asyne esta certidon en lisboa xvij de noviembre de dxxx Años. — Lucas de Atiença. ¹

P. DE A.

¹ Torre do Tombo—*Corpo Chronologico*, Parte 1, maço 46, doc. 26.

Guerra Peninsular (factos de tradição oral).

Os factos respeitantes á invasão franceza imprimiram-se tão profundamente na tradição, que velhos e novos ainda hoje falam neles como se fossem contemporaneos. E' convicção minha que quem se entregasse com paixão e perseverança a coligir esses factos da tradição oral, principalmente nas povoações ruraes, conseguiria farta colheita, que não seria sem valor para os nossos historiadores.

Escritos com informações curiosas a respeito dessa invasão e elementos para o estudo da epoca em que ela teve logar, seriam principalmente encontrados nas cidades e vilas, mas tambem alguns se encontrariam naquelas povoações.

E para justificar esta minha convicção, registarei aqui um facto que me fornece a tradição oral em Espiche, pequena povoação da freguezia da Luz, de Lagos.

OS FRANCEZES EM ESPICHE

Os soldades francezes, que em 1808 estiveram de posse de Lagos, iam em grupos passear ás povoações ruraes do concelho, onde alguns se embriagavam ou roubavam o que encontravam de valor.

Um dia foram ao povo d'Espiche, e um deles entrou em casa de José dos Reis Vasconcelos, situada no centro da povoação, desarrolhou todas as pipas que encontrou cheias de vinho na adega e exigiu de Francisca Barbara, mulher do dito Vasconcelos, que se achava ausente ou se tinha escondido, que lhe desse o dinheiro e o ouro que possuia.

Francisca Barbara indicou ao soldado uma grande caixa de madeira do Brazil, das que ainda hoje se encontram aqui e servem, de ordinario, para guardar figos torrados.

Foi o soldado francez, confiadamente, procurar na caixa o ouro e o dinheiro cubiçado, mas Francisca Barbara, fazendo cair a pesada tampa da referida caixa sobre ele, assentou-se n'ela com intenção de não se levantar sem que o soldado estivesse morto.

Nisto, ouvindo Francisca Barbara vozes e passos d'outros soldados francezes, que se aproximavam, levantou-se, atirou aquele soldado francez ao chão e, vendo que ele não podia falar, por estar moribundo, foi á porta, chamou os que se aproximavam e indicou-lhes o companheiro, fazendo-os comprehender que ele estava embriagado.

Eles, rindo, estenderam-no em um cobertor novo, que tiraram da cama de Francisca Barbara e conduziram-no para Lagos.

A referida Francisca Barbara ficou impune, porque o soldado faleceu sem ter recuperado a fala.

Até aqui a tradição, que se conserva nos descendentes dessa heroína e de seu marido Vasconcelos.

Há, porém, velhos em Espiche que, por o ter ouvido contar, narram este facto, mas, segundo eles, Francisca Barbara matou o soldado francez, assentando-se sobre a caixa, e, tendo escondido o cadaver, foi este enterrado no quintal pelo marido, quando, nessa noite, regressou a casa.

O vinho derramado, correndo pelas ruas de Espiche, chegou proximo da capela, que existe á entrada deste povo. Não sei quando foi edificada a referida capella; sei unicamente que foi reedificada em 1885 e que era dedicada a Nossa Senhora da Encarnação.

José dos Reis Vasconcelos, a quem acima me referi, seguiu, em 1833, o partido liberal.

Um dia foi ele perseguido pelos guerrilheiros do Remechido, que, levando um forte cão, lh'o açularam.

Vasconcelos, para lhe poder escapar, atirou-se, á navalhada, ao dito cão, conseguindo matal-o.

Em seguida, apesar de muito mordido, fugiu aos perseguidores que ainda se encontravam um pouco distantes d'ele, e foi esconder-se, no campo, em casa de um amigo.

De José dos Reis Vasconcelos e de Francisca Barbara descendem Manoel Alexandre Lopes, morador em Lagos, e outros.

Sobre uma carta de Anthero de Quental.

E' das maiores derrocadas scientificas de que se tem noticia, aquella que recentemente se deu no campo de anthropologia, e que respeita ás theorias do distincto paleontologista americano Ameghino, que numa das mais vastas e originaes obras scientificas destes ultimos cincoenta anos, como diz M. Boule, assentou a doutrina de que a America do Sul era o paiz d'origem de todos os mamiferos e do proprio homem.

As doutrinas de Ameghino revolucionaram, apaixonaram e deram origem ás mais vivas discussões, tão vivas que M. Boule classificou de tom «peu recommandable» aquelle que por vezes, ella chegara a tomar.

Foram as doutrinas de Ameghino que enthusiasmaram Francisco Ferraz de Macedo e o levaram a publicar em 1882 um opusculo com o titulo de *Homem quaternario e as civilisações prehistoricas na America do Sul*, opusculo de que um exemplar foi offerecido a Anthero de Quental, e a proposito do qual Anthero escreveu a carta que abaixo publico e que hoje me pertence.

A carta mostra o grau amistoso das relações que existiam entre o anthropologista Ferraz de Macedo e o nosso grande poeta-philosopho Anthero de Quental, que em 1880 já lhe offertara com significativa dedicatória um exemplar das *Odes Modernas*, tambem em meu poder; mostra tambem a carta que Anthero se interessava tanto pelas leituras scientificas que chegava a adquirir grandes obras de especialidade, como por exemplo a de Florentino Ameghino sobre a *Antiguidade do homem no Rio da Prata*, obra em 2 volumes com 1197 pag. e 673 gravuras; e mostra ella, finalmente, o juizo que Anthero fazia do anthropologista Ferraz de Macedo, anthropologista rigoroso em suas medições, mas por vezes sobremaneira phantasioso em suas induções.

Villa do Conde, 24 de Março.

Meu excellente amigo.

Recebi o grato presente do seu livrinho, e muito lh'o agradeço. A leitura d'elle despertou-me o desejo de entrar mais pelo assumpto, e já encommendei o livro do snr. Ameghino.

Se elle demonstrar metade que seja, das proposições que enuncia, terá feito uma revolução n'um ramo dos conhecimentos humanos. A existencia de vestigios de uma grande civi-

lisação no interior do Brazil, é coisa nova para mim, e creio o será para muitos. Veremos pois o que o homem diz.

O seu livrinho está escripto com methodo e claresa. Acho o estylo florido de mais para a serenidade grave da sciencia. Mas o amigo é sempre poeta e entusiasta. *Felix culpa.*

Creia-me sempre seu ded.^o
amigo m.^{to} obg.^{do}

(a) ANTHERO DE QUENTAL.

A. A. DA C. F.

A questão da naturalidade d'Eça de Queiroz.

A leitura das primeiras linhas do capitulo IV da *Historia da Litteratura Realista*, proficientemente escripta pelo director d'esta Revista sr. Fidelino de Figueiredo, veio deixar-me a impressão de que não está bastantemente solucionado o problema da naturalidade d'Eça de Queiroz.

Não quero reeditar o debate havido a tal respeito nem provocar a exhibição de factos novos; mas, simplesmente e sem o menor espirito bairrista, rever os principaes fundamentos d'uma convicção geralmente formada sobre o assunto.

Soube, pela primeira vez, que Eça era natural da Povia de Varzim ha trinta e tantos anos. Eu e todos quantos leram esse pormenor da sua biographia tivémo-lo como bom e nem por isso entrámos em manifestações de desvanecimento pela nova.

O dado fornecido pelos biographos correu mundo, sem o minimo protesto.

Em agosto de 1900 morre Eça de Queiroz, que eu vira pela primeira e ultima vez um anno antes, em viagem do Porto a Pedras Rubras, local proximo da Quinta do Mosteiro, de Luiz de Magalhães. Por esse tempo, havia, na Povia de Varzim, um jornal de rapazes, intitulado «A Praia», de cuja redacção eu fazia parte; e, claro está, ante a noticia da morte do illustre escriptor, esse jornal dedicou-lhe as mais sentidas linhas, como dedicadas podem ser a um homem d'aquelles, que todos davam como natural da Povia de Varzim.

Elisario Monteiro, hoje capitão-medico em paragens de Moçambique, era o redactor principal de «A Praia»; e, nessa qualidade, dirigiu ao pai d'Eça, o Juiz-conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, dr. José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, uma carta, perguntando-lhe em que rua e casa teria elle nascido. A resposta singela a tal carta, que singela tinha sido, veio publicada em o n.º 6 da 2.ª serie ¹.

¹ É o seguinte o texto dessa carta:*

Snr.

Cascaes, 31—8

Apenas posso informal-o de que meu filho nasceu n'uma casa, onde em 1845 morava o meu fallecido parente Francisco Augusto Pereira Soromenho, empregado, que então era, na fiscalisação do pescado.

Ignoro o nome da rua.

Assigno-me

De V. etc.,

José Maria d'A. T. de Queiros.

Promove-se no Brasil uma subscrição, entre admiradores d'Eça, para ser collocada na casa em que, por indicação do pai, elle nascêra e que fôra identificada por pessoas que conheceram Pereira Soromenho, parente do pai d'Eça, uma placa commemorativa; projecta-se um descerramento solemne d'essa placa; e logo em Villa do Conde, mercê d'um impulso de curiosidade de Mgr. Fournio, conego-primo d'ali, é descoberto, quasi por acaso, o assento do basptismo d'Eça. Para logo se accendeu uma polemica, sobre qual das duas villas teria sido o berço do eminente litterato.

Para quem conhece o sentimento de rivalidade, aliás commum entre localidades muito proximas, que, desde largo tempo, existe entre a Povia e Villa do Conde, facil foi augurar um debate vivo, intransigente, sem se poder chegar a conclusões rasoaveis.

Assim succedeu, demais tendo estado á frente dos partidarios da Povia de Varzim o meu saudoso e mallogrado amigo Rocha Peixoto, que foi editor do interessante folheto *Eça de Queirox. Uma questão de naturalidade*.

Eis a recapitulação da materia do pleito.

As linhas escriptas pelo sr. Fidelino de Figueiredo, dada a sua auctoridade incontestavel e incontestada de critico arguto e esclarecido, podem fazer recrudescer a actividade d'esse vulcão semi-extincto. Comprehende-se, pois, o escrupulo com que venho fazer algumas observações á sua opinião.

Para mim nada significam as disputadas honrarias da naturalidade d'Eça. Homens como este pertencem a um paiz, pertencem ao mundo culto. Mal iria á gloria d'uma personalidade invulgar, se ella se confinasse nos muros d'um burgo, de que nem elle proprio se recordaria...

Quero, porém, descriminar as chamadas peças de convicção e salientar o seu valor.

Temos, por um lado, uma carta do pai d'Eça, escripta sem prevenções e num momento de compuncção d'alma, ainda quando nem se pensava na polemica que se ia travar, a proposito da homenagem á memoria do filho. E' um documento sincero, franco, eloquente na sua simplicidade: é a affirmacão categorica e pormenorizada d'um magistrado, que sempre envergou uma beca exemplarmente honrada.

Adversamente, apresenta-se só o assento do baptismo d'Eça, com o appendice d'uma carta do pai, autorisando a que nelle se mencionasse a sua paternidade. Com esse primeiro documento se architectou a conclusão de que Eça nasceu em Villa do Conde, frisando-se especialmente *que se elle ali fôra baptisado, é porque ali nascêra*; isto com o arrimo das Constituições archiepiscopaes adequadas ao caso.

O assento do baptismo está redigido ou exarado nos precisos termos prescriptos no formulario da Constitução VIII (Constituições sinodais do Arcebispado de Braga, ordenadas pelo ill.^{mo} sr. Arcebispo dr. Sebastião de Mattos Noronha no anno de 1630, e mandadas imprimir a primeira vez pelo ill.^{mo} sr. dr. João de Souza, Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, em janeiro de 1697. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, pag. 23).

Por aqui nenhum reparo ha á fazer.

O ponto principal da argumentação da imprensa villacondense em geral foi este: *que, segundo as Constituições ecclesiasticas, Eça seria natural de Villa do Conde, aliás não poderia ser baptisado ali*.

A Constitução applicavel diz, porém, o seguinte: « Constitução II. Ordenamos, & mandamos, que nenhũa criança seja baptizada, senão na Igreja Parochial

donde seu pay, ou mãy, ou a pessoa, que della cargo tivér, fôr fregúez, & na pia batismal para isto deputada»... (Obra cit. pag. 10).

Que só a pessoa que cargo tivesse d'Eça era o freguez da parochia de Villa do Conde é incontestavel. Que os paes não eram d'ali freguezes incontestavel é igualmente. (Cf. o texto do assento do baptismo).

Fica assim resolvida a questão? Evidentemente que não.

O nascimento d'Eça foi a consequencia d'um pequeno romance d'amor. Usaram-se de precauções naturalmente justificaveis e de cujos mistérios não importa conhecer.

A carta do pai d'Eça não foi impugnada, nem o poderia ser, nem a sua authenticidade se pôz em duvida. Quanto á da mãe insinuou-se, com pouca felicidade aliás, que ella teria sido dictada por um impulso de reconhecimento aos que queriam render uma homenagem ao filho.

E não comprehendo que, por melindres, se fizesse crêr que Eça nasceu na Povoá, quando o foi em Villa do Conde.

Porque haveria taes melindres? Nem pai nem mãe eram conhecidos n'uma ou n'outra povoação e o facto do nascimento illegitimo, que a ninguem deslustra, subsistia sempre. E, cremos, este facto do nascimento illegitimo justifica-se mais aqui, onde Eça tinha um parente, a quem o pai confiaria tão delicado caso.

De sorte que o nascimento d'Eça em Villa do Conde está ligado á mesma villa pelo tenue fio d'uma Constituição canonica... em face de dois documentos escriptos pelos paes, quem melhor poderia desvendar o mysterioso documento que elles d'ante-mão sabiam destinado a elucidar o publico.

Isto é um juizo, que a censura adoptará ou regeitará.

M. S.

Brito Aranha.

Falleceu recentemente, na idade de 81 annos, este erudito bem conhecido, membro correspondente da Academia das Sciencias e do Instituto Historico Brasileiro e continuador do *Diccionario Bibliographico Português*, de Innocencio. Desta obra importante, que apesar do seu plano, umas vezes escasso, outras superabundante, assignalados serviços presta aos estudiosos, Brito Aranha havia recentemente publicado um tomo exclusivamente consagrado á vida e obra de Herculano, onde á evidencia se patenteiam essa escassez e superabundancia e tambem os quantiosos serviços utilizaveis. Não sabemos qual seja o destino dessa magna empresa, o *Diccionario Bibliographico*, mas muito é para desejar que o Estado mantenha a sua prosecução, investindo outro continuador e que este, qualquer que elle seja, attenda ás muitas indicações sobre o plano da obra, que a larga experiencia de muitos annos tem permittido accumular.

Registamos com sentimento a morte de Brito Aranha, um trabalhador indefesso.

Vida social.

Em junho passado, o Conselho de Direcção entregou ao sr. ministro da instrucção publica a representação, do theor adeante reproduzido, em que se faziam algumas sollicitações modestas e facilmente exequiveis.

Ex.^{mo} Senhor Ministro da Instrucção Publica.

A Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos, confiante na interpretação que V. Ex.^a tem dado ao seu alto cargo, ao qual cabe não só a administração burocratica e technica do ensino, mas tambem o papel de propulsor da cultura espiritual, vem pelo seu Conselho de Direcção, representar a V. Ex.^a sobre os assumptos abaixo designados. São elles de tão grande importancia para os estudos historicos, cujo cultivo é proposito principal desta Sociedade, que é superfluo encarecê-los perante o esclarecido criterio de V. Ex.^a

1.^o—Tendo-se resolvido recentemente enviar a Roma alguns professores para procederem a investigações no Archivo do Vaticano e procurar documentos, alli existentes em grande abundancia, que respeitam á historia portuguesa, permite-se a Sociedade chamar a attenção de V. Ex.^a para a conveniencia de adoptar igual procedimento em relação á Bibliotheca Nacional de Madrid, onde a documentação respeitante a Portugal é muito abundante; por razões que julgamos desnecessario alludir. Ao funcionario, que alli fosse, deveria ser confiada a missão de catalogar methodicamente os manuscriptos podendo-se adoptar para modelo o catalogo já publicado e bem conhecido dos manuscriptos portugueses e espanhoes existentes em Paris, pelo sr. Morel-Fatio.

Tambem lembramos a V. Ex.^a que, logo que as circunstancias o permittam, seria de igual importancia e urgencia enviar outro commissario perito a Simancas, mas para tarefa mais demorada e de character mais technico, qual seria a de summariar a documentação respeitante a Portugal e extractar a sua parte mais importante.

2.^o—Como esta Sociedade emprehendeu organizar a Bibliographia Historica Portuguesa, até hoje reduzida ao ensaio já muito atrazado de Figanière, para a qual tem já milhares de verbetes, e como esta empresa será muito demorada e de difficil execução, se lhe não assistir um conjuncto de circunstancias favoraveis, roga esta Sociedade a V. Ex.^a se digne ordenar que aos socios, encarregados desse trabalho, sejam proporcionadas todas as facilidades indispensaveis para cabal cumprimento da sua missão.

3.^o—Ainda no sentido do paragrapho anterior, pede a Sociedade a V. Ex.^a se digne providenciar para que a riquissima Bibliotheca da Ajuda regresse a uma situação normal, mandando expôr o catalogo dos manuscriptos, que se sabe ter sido organizado, e facultar os manuscriptos á consulta. Entre estes figura a collecção «Symmicta Lusitana», que é a realização parcial do que se procura fazer agora com a ida de professores a Roma.

O encerramento e irregular funcionamento desta bibliotheca, ha cerca de quatro annos, muito tem prejudicado alguns trabalhos de historiadores e eruditos nacionaes e estrangeiros. Manda a justiça esclarecer que deste estado não é responsavel a actual direcção da mesma bibliotheca.

Taes são, senhor Ministro, os assumptos que a Sociedade, na primeira representação que a V. Ex.^a envia, julga fazer considerar, por os julgar duma immediata importancia.

Este Conselho de Direcção confia na diligente e esclarecida vontade de V. Ex.^a e apresenta os seus cumprimentos da mais distincta consideração.

Saude e Fraternidade.

Lisboa, 6 de Junho de 1914.

Ex.^{mo} Senhor Ministro da Instrucção Publica.

O Conselho de Direcção.

Gonçalves Vianna.

Gonçalves Vianna, fallecido na avançada idade de 74 anos, em 13 de Setembro de 1914, era filho do actor Epifanio, um dos nossos mais celebrados actores do seculo passado. O illustre morto chegou a ocupar os mais altos lugares da administração das alfandegas. Como herança paterna recebeu o cuidado de bem se exprimir na lingua que falava e como funcionario aduaneiro teve necessidade de conhecer numerosas linguas.

Gonçalves Vianna não se limitou só a exercer as suas faculdades poligloticas, mas ainda as aprofundou scientificamente. Não era porem latinista nem helenista, razão por que não foi gramatico. Era um dos foneticistas dos mais habéis e respeitados da Europa e America. Como etimologista fez a revisão do nosso tesouro linguistico e estudou as relações entre o portugês e as linguas do Extremo Oriente.

São bem conhecidos os trabalhos de G. V. para a reforma da ortografia portuguesa, por meio das quaes elle pretendeu aproxima-la da hespanhola, tornando menos aspera a aprendizagem do português aos estrangeiros. Quando o Governo Provisorio pretendeu modificar a ortografia nacional, crente de que se facilitaria a leitura ao povo, G. V. fez parte da Commissão e as suas propostas foram quasi por completo aprovadas. Em virtude da hostilidade do Brasil e de grande numero de professores portugueses a reforma pouco prosperou.

Ao tratar-se numa sessão da Academia da vinda para Lisboa dos pergaminhos da Sé de Braga, Vianna pronunciou-se pela conservação delles na cidade dos arcebispos, desconhecendo por completo a vantagem da incorporação desses monumentos no Archivo Nacional.

O fallecido era orador fluente e escriptor apreciavel, que sabia amenisar a aridez dos assuntos da sua especialidade. Gonçalves Vianna não deixa entre nós successor nem na fonetica nem no poliglotismo.

P. A.

Ramos Coelho.

Na avançada idade de 82 annos, falleceu recentemente o poeta e historiador Ramos Coelho, antigo archivista da Torre do Tombo e socio effectivo da Academia das Sciencias.

Foi um trabalhador diligente, que com fervôr cultivou os estudos historicos, para cujo progresso grandemente contribuiu com as obras adiante indicadas, principalmente, nas quaes com distincto relevo avultam a abundancia e segurança das informações, a critica judiciosa e o estylo dum acurado purismo.

Dentre a sua vasta bibliographia, destacamos as seguintes especies: *O Hyssope*, Antonio Diniz, edição critica, 1879; *Historia do infante D. Duarte, irmão del-rei D. João IV*, 1889 e 1890; *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo, acêrca das navegações e conquistas portuguezas...*, 1892; *Manuel Fernandes Villa Real e o seu processo na Inquisição de Lisboa*, 1894; *Acêrca do primeiro Marquez de Niza*, 1903 (republicado posteriormente no *Archivo Historico Português*); *Camões e Macedo, analyse do «Discurso Preliminar» com que este prefaciou o seu poema «O Oriente»*, 1911.

Sabemos que o illustre historiador possuia alguns pequenos artigos inéditos e que guardava, cuidadosamente ordenados, os manuscriptos de outros artigos já publicados e depois revistos e accrescentados. E' para desejar que seu filho e unico herdeiro, o distincto engenheiro Ramos Coelho, facilite a sua publicação, o que só beneficiará a memoria respeitavel de tão operoso escriptor.

Archivos locais.

Projecta-se tornar extensiva ás provincias a doutrina do decreto de 12 d'outubro de 1912 (D. do G. n.º 243), que mandou recolher ao Archivo Nacional todos os diversos livros findos e anteriores a 1870, existentes nos cartorios notariaes de Lisboa.

A projectada remoção será para a bibliotheca *estadoal* ou *municipal* do districto mais proximo e quer valer por eguaes rasões ás adusidas n'aquelle decreto.

Parece-nos que essa remoção constitue um erro e o que se fez para Lisboa não se deve aplicar ás provincias.

Com effeito, a remoção dos archivos notariaes de Lisboa apenas importou uma mera transferencia de local, aliás beneficiada com a reunião de todos os archivos num mesmo edificio.

Não é assim com os archivos das outras terras. Quantos districtos possuem bibliothecas municipaes ou estadoaes eruditas: todos? Não, só uma pequena parte, de forma que archivos locaes haverá que irão para longas distancias.

Não queremos curar agora dos embaraços e despesas que essa remoção virá acarretar a quem tenha interesse em consultar esses livros ou d'elles extrahir traslados ou certidões ou simples apontamentos. O nosso reparo é muito outro.

Todos sabem que os contractos são o registo da vida juridica das localidades em que esses contratos se fazem. Os livros em que elles foram exarados são o repositório de dados importantes, para a reconstituição de costumes e regimens economicos e para se determinar a evolução do seu passado, quanto á divisão predial e á circulação da sua riqueza.

Segue-se que para qualquer tentativa d' historia local tem de se soccorrer do conteúdo nesses livros; e só por cuidadosas e aturadas identificações *in situ* é que se poderá tirar partido d'esses registos. Como valorisar esses elementos, afastados eles para longe?

Demais, temos que attender a que, se apparece alguém que se devote a tão ingratas tarefas, esse alguém, por via de regra, não é de recursos bastantes para arcar com despesas e perdas de tempo, determinadas pelo afastamento dos archivos locaes.

Não estamos sós neste modo de vêr, pois já algumas Camaras Municipaes, reconhecendo tal erro, teem representado aos poderes competentes para que esses archivos sejam affectos ás suas bibliothecas.

Resta que esses poderes se compenetrem do bom senso e justiça de taes representações.

M. S.

Silvio Roméro.

O Brasil perdeu recentemente um alto espirito, que naquelle paiz nobremente representava a cultura historico-litteraria. A opinião esclarecida considerava-o como um dos três primeiros criticos litterarios brasileiros; eram os outros o sr. José Verissimo e Araripe Junior, já fallecido tambem.

Silvio Romero nasceu em Sergipe em 1851 e formou-se em direito na faculdade do Recife em 1873. Foi professor proprietario do Collegio de D. Pedro II e do Gymnasio Nacional, e socio effectivo do Instituto Historico do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Letras, e correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa. Escreveu, principalmente, *Ethnologia Selvagem*, *A Philo-
sophia no Brasil*, *A Litteratura Brasileira e a critica moderna*, *Ethnographia Bra-
sileira*, *Cantos Populares do Brasil*, *Contos Populares do Brasil*, *America Latina*, *A Patria Portuguesa*, *Historia da Litteratura Brasileira*, etc.

Não foi um amigo de Portugal, nem um admirador da mentalidade portuguesa, antes com enthusiasmo continuou as diatribes violentas de Tobias Barreto e outros lusophobos, nas quaes ha muita parcialidade. Mas foi um distincto cultôr de especialidades historicas, em lingua portuguesa e tambem sob alguma innegavel influencia portuguesa, o que nos leva a registrar na *Revista* o nosso sentimento por essa consideravel perda da sciencia brasileira.

F. F.

Uma edição popular francesa dos *Lusiadas*.

Na collecção da casa E. Flammarion, que se intitula « Les Meilleurs Auteurs Classiques Français et Etrangers », figuram os *Lusiadas*, porque fizemos notar ao editor a sua falta. Escrevemos-lhe nesse sentido, enviando-lhe uma lista de traducções francesas completas e fragmentarias. Solicitados para que lhe indicássemos a melhor traducção, tendo ouvido os rs. David Lopes e Xavier da Cunha, optámos pela do sr. conde de Azevedo. Do mesmo passo indicavamos o endereço do mesmo traductor então em Paris, como membro da Comissão Internacional de Pescarias, porque seria conveniente fazer-se uma revisão da traducção. Como são correntes muitos erros na biographia de Camões, principalmente por se querer registar mais do que é plausível, quizémos aproveitar o ensejo para fazer antepor á edição francesa uma noticia um pouco mais circunstanciada do que a se contem nos volumes similares da mesma collecção. Chegámos mesmo a pedir essa biographia verdadeira a um insigne camoneanista. A resolução do editor de não alterar o plano da collecção com essa pequena condescendencia, tornou impossivel esse nosso desejo. Porque não é conhecida esta origem da referida edição, nem mesmo do traductor, cuja versão foi escolhida, e porque para os camoneanistas não será este informe destituído de curiosidade, archivamos nas paginas da *Revista* duas cartas do editor francês, que deste objecto tratam.

I

Paris, le 2 Février, 1909 ¹

Monsieur

Je vous remercie de votre aimable lettre et me permets de vous demander votre préférence parmi les éditions que vous m'avez indiquées car je donnerai d'ici un an une traduction française de « La Luslade », dans ma collection des meilleurs auteurs classiques.

Recevez, monsieur, l'assurance de mes sentiments distingués.

(a) E. FLAMMARION.

II

Paris, le 10 Février, 1909 ¹

Monsieur

Puisque vous connaissez notre collection de classiques, vous avez dû remarquer que nous ne mettons pour chaque auteur qu'une notice sans aucun commentaire; c'est une règle que nous avons établie après mûre réflexion et dont nous ne voulons pas nous départir, laissant à chacun ses idées sur chaque auteur; nous ne pourrons donc, à notre grand regret, insérer l'étude sur Camoens dont vous nous parlez.

Veillez agréer, monsieur, nos bien empressées salutations.

Pour M. E. Flammarion,
(a) assignatura illegivel.

F. F.

¹ Ambas as cartas têm o seguinte endereço: M. Fidelino de Figueiredo, de l'École Supérieure des Lettres, Académie Royale de Lisbonne (Portugal).

BIBLIOGRAPHIA

D. Francisco Manuel de Mello, esboço biographico, Edgar Prestage, Coimbra, 1914, 614 pags., edição da Academia das Sciencias.

Ha alguns annos que o sr. Edgar Prestage ligára o seu nome ao do eminente polygrapho portuguez do seculo xvii, fazendo avivar as attencões pela sua vida com a publicação de pequenos estudos, já em opusculos, já em artigos do *Archivo Historico Portuguezs*. Pouco a pouco a sympathia que por esses trabalhos iniciaes se trahia, foi-se volvendo na mais interessada e curiosa dedicação, e por ella, durante alguns annos, o sr. E. P. todo se deu á laboriosa e paciente construcção da obra, que noticiamos, que vae muito além de esboço, pois é uma biographia tão minuciosa e tão completa quanto era possivel organizar com os materiaes, que se lhe depararam. E no apuramento das fontes documentarias sabemos bem que o sr. E. P. se não poupou a esforços e a sacrificios. Devido a esta obra excellente sabemos muito da vida de D. Francisco Manuel de Mello, não quanto a nossa curiosidade admirativa desejaria; mas o que este biographo nos apresenta, podemos tê-lo como seguro.

Divide-se o volume em nove capitulos, dos quaes só o ultimo, que é tambem o mais curto, dezaseis paginas apenas, versa o character do escriptor e a sua obra. E' portanto uma obra, quasi exclusivamente biographica, isto é, uma obra em que se conta com toda a destreza apenas a maneira por que D. Francisco Manuel soffreu e viveu a vida, tudo abonado, datas, actos e episodios, com documentos illustrativos, com largas transcripções da obra do proprio biographado, com excursões mais duma vez extensas para elucidarem. As transcripções da obra fôram usadas, com uma discreção que elogia o espirito critico do auctor; serviram apenas de contra-prova, quando coincidiam com o que a severa analyse e critica do sr. E. P. apurára.

Depois de algumas informações acêrca da familia dos Mellos Manueis, por deducções cuidadosas praticadas á frente do leitor, conta-nos que D. Francisco Manuel nasceu em Lisboa, a 23 de novembro de 1608 — primeiro dado que logo discorda das opiniões correntes. Perdeu o pae em 1615 e entrou no paço, graças á sua ascendencia illustre, aos dez annos, recebendo de Filippo II (III de Espanha) o grau de escudeiro fidalgo, com direito a moradia. Da sua educação sabe-se ter sido feita no collegio jesuitico de Santo Antão, e que nella teve importante ingerencia o famoso chronista da Companhia, Padre Balthazar Telles. Quaes fossem os seus estudos sabemos-lo pelo plano de educação, que então se professava no referido collegio. A sua estada nesse estabelecimento, particularmente a pessoa de Balthazar Telles, mereceram de D. Francisco carinhosa referencia nas suas obras. Em 1625 entra no serviço militar, e desde então somos informados das expedições, armadas e feitos militares, em que D. Francisco toma parte: companhia de aventureiros, em 1625; serviço a bordo das galeras da guarnição do porto de Lisboa, no anno seguinte, a armada de D. Manuel de Menezes, o naufragio em S. João da Luz, a peleja-com os piratas em 1626, Malaga, Flandres, os combates com os holandeses, batalha das Dunas, guerra da Catalunha, a armada de soccorro a Portugal, depois da Restauração, serviço no Alemtejo contra os espanhoes, tudo abundantemente esclarecido dos necessarios informes da historia politica contemporanea. Em 1637, por motivo dos tumultos d'Evora, começa o seu martyrologio politico, a sua odysseia pelas cadeias do paiz, primeiramente a contas com a justiça de Filippe IV, depois com a de D. João IV. E tudo nos vae narrando o sr. E. P., as causas certas e provaveis das perseguições, opondo sempre cautelas restrictivas quando não pôde francamente assentar o seu juizo, as suas petições e memoriaes, as lamentações e soffrimentos, a par da actividade litteraria constante, até á sua morte em 1666, com 57 annos perfeitos. A systematica má vontade do rei, as causas da perseguição não pôde aclará-las o sr. E. P. por não conseguir encontrar o processo. Abstem-se,

por isso, de subscrever a opinião popularizada que attribue uma causa romanesca a essa perseguição, que fizéram de cêrca de vinte annos da sua existencia uma verdadeira via dolorosa. Em 1659, se não formalmente indultado, magnanimamente tolerado, regressa do Brasil, de que trazia desagradaveis recordações, que parece havia registado em obra perdida, e por interferencia do Conde de Castello Melhor, seu parente, o celebre ministro de D. Affonso VI, obtem algumas commissões honrosas e de confiança, que são como que uma reabilitação. Vae á Italia negociar o casamento do rei com a princesa de Parma e tratar do preenchimento de algumas sés vacantes, vae, ainda em negociações do casamento do rei, a Londres e a Paris, volta a Italia, numa actividade incansavel. Durante a sua estada em Lisboa acamarada um pouco na vida litteraria da epoca, assistindo ás sessões da Academia dos generosos e a certames poeticos.

Completam a obra uma chronologia, em que a vida do escriptor se encontra exposta em ephemerides com referencia á pagina em que se encontra a narrativa respeitante a cada facto apontado; um quadro dos ascendentes de D. Francisco; três estampas que reproduzem o termo do baptismo do escriptor, fragmento duma carta autographa e um desenho destinado ao livro *Theodosio*; 121 documentos integralmente reproduzidos; e uma bibliographia das obras de D. Francisco, impressas e manuscriptas, que contem 188 especies, e ainda indicação de obras de outros auctores com peças de D. Francisco. Para se avaliar do carinho, que anima toda a obra, lembraremos que o sr. E. P. teve a paciencia de organizar uma tabella dos preços por que se têm vendido algumas obras do seu biographado, segundo Innocencio e a licitação em leilões, para mostrar o augmento de valor e procura.

Tal é, muito resumidamente, o conteúdo da obra importantissima do sr. E. P., monumento erguido á memoria do nosso primeiro escriptor do seculo XVIII, e um dos mais altos espiritos da peninsula, no seu tempo. E, se recordarmos que o auctor é inglês e que, apesar dessa qualidade, redigiu todo o seu livro em português, terá tal homenagem significado particularmente tocante para nós. E cremos até que não é bem cabido o appellido de estrangeiro a quem, manejando a nossa lingua tão correctamente, escreveu esta obra, de tal modo se mostra identificado com o nosso pensamento e sentimento nacionaes, enfileirando a nosso lado, de toda a alma, no entusiasmo estimativo e admirativo dum nobre espirito e dum atribulado coração, para lhe levantar a mais eloquente mostra desse apreço dedicado. Sim, porque esta obra é, sem prejuizo da serena imparcialidade, muito dictada pelo sentimento. Bem mostram os seus impulsos os cunhos pessoaes, que de si deixou o sr. E. P., mais duma vez, descobrindo as suas opiniões e tendencias, que por não fazerem integra parte da obra, não devem ser discutidas.

Sobre esta solida base, é agora possivel assentar a interpretação psychologica e a critica esthetica. Ainda destas duas questões, apresentou o sr. E. P. os aspectos principaes no capitulo final, em rapido enunciado.

F. F.

Olarias do Monte Sinaí — José Queiroz. (Illustrações de Alberto de Sousa). Lisboa, 1913.

José Queiroz, bem conhecido no nosso meio pela sua proficiencia nos assumptos de arte decorativa, especialmente a ceramica, abre este seu novo trabalho com um capitulo de «Explicações.» Apresenta ahí algumas notas e comentarios uteis á comprehensão do seu estudo e propõe, de passagem, a creação da cadeira de arte decorativa nas Escolas de Belas Artes, nas quaes se teria de atender á pintura de ceramica.

Achamos, com J. de Queiroz, de muita utilidade a creação d'esta cadeira, mas só por si não a julgamos, no ponto de vista da ceramica, de resultados práticos apreciaveis. Neste ponto de vista não seria muito mais util fomentar e desenvolver o estudo da respectiva pintura nas escolas industriaes do Paiz? Se fôsse possivel juntar-lhe o ensino de arte decorativa nas Escolas de Belas Artes, então é que realmente, e por intermedio das escolas industriaes, este ensino podia exercer uma notavel influencia na ceramica. Os professores a quem elle competisse, nas largas applicações da arte decorativa seriam naturalmente conduzidos á procura dos motivos mais elevados e originaes; tenderiam assim a dar a essas applicações artisticas, no nosso meio, character e unidade. Provavelmente, depois, taes concepções viriam orientar a ceramica e outras industrias de productos de grande extracção, por via das escolas industriaes. De modo algum estas palavras podem significar que desejaríamos que se coagisse a livre emoção do artista, a sua iniciativa de creação original. Desde que se pensasse numa bôa remodelação no ensino das industrias artisticas, começar por organizar purificando, disciplinando esforços, parece-nos de geral beneficio. Não deveríamos permitir que

algumas d'ellas, verdadeiramente em inicio, podessem prejudicar-se em uma total desorientação de objecto e de methodo. Entre nós assim tem succedido, quasi sempre, no principio do cultivo das especialidades. Que em seguida o artista se entregasse á sua franca iniciativa e, estamos d'isso convencido, ella occuparia bem o seu logar.

No fim das suas «Explicações» J. de Queiroz refere a razão do titulo do seu livro. Transcrevemos: «O titulo *Monte Sinay*, que demos a este ligeiro trabalho, tem a sua origem no comoro de Santa Catharina. Portanto, com propriedade o adoptamos, visto tratar-se de productos da sua área. Afigura-se-nos conveniente designar por elle as faianças desde já com o seu cunho caracteristico, pertencentes a esta zona da cidade, e as que se forem tornando salientes, á maneira que nos formos identificando com ellas. Isto, como simplificação, e por nos parecer designativo não facil de esquecer.» Entretanto nós consideramol-o um titulo infeliz. Sugere ideias, impressões, a quem tenha um pouco de instrucção geral, que muito se afastam do objecto da obra de J. Queiroz, e que de tal modo se fixaram no espirito, que mantem nelle sempre, naturalmente, o seu logar primacial. De facto, não é um designativo facil de esquecer, como diz o A. Mas sempre que d'elle nos lembramos, tudo que faz levantar de residuo no nosso espirito substabelece um conjuncto de impressões e conhecimentos adquiridos que deixam muito longe a ceramica de que J. Queiroz trata com a sua reconhecida proficiencia. E que este titulo não era necessario deduz-se bem, parece-nos, já das proprias palavras do A., que foram transcriptas, e ainda de mais uma outra razão que podiamos apontar — e apontariamos se realmente num livro fôsse sempre e para todos indiscutivel a importancia primaria do seu titulo.

A's «Explicações» preliminares seguem-se a «Introdução e Generalidades» e, depois, o capitulo que versa sobre o «Inventario da ceramica do Monte Sinay.» A esta o que trata das «Louças gemeas dos azulejos desde o seculo XVI até ao seculo XVIII», e o que é intitulado — «Os documentos».

Parece-nos que a actual obra de J. Queiroz é um comentario e uma continuação á sua afamada *Ceramica portugueza*. Ainda não conhecemos este que nos informam ser um substancial trabalho, mas esperamos lê-lo e estudá-lo em breve com o interesse que nos despertou a leitura do recente livro. Os dois merecem receber uma critica de conjuncto e, deduzimo-lo da nossa leitura, será assim mais facil aventar-lhes um juizo critico sem receio de praticar injustiças.

No livro que temos presente manifesta-se uma especial competencia sobre a ceramica, particularmente sobre a ceramica portugueza, e uma notavel dedicação aos assumptos artisticos, pondo em relevo tambem os que é costume chamarem-se de decoração e ornamentação. E' assim um livro prestante, util aos que desejam instruir-se e tenham amor pelas genuinas creações das artes ceramicas na nossa terra.

Porque é que J. Queiroz, valendo-se do prestigio que lhe dão já os seus trabalhos, não procura colleccionar os azulejos dispersos, desvairadamente colocados e aproveitados, como aquelles, por ex., a que alude em pag. 20 do seu livro? Se este podesse fundamentar-se sobretudo em colecções recolhidas nos museus, competentemente authenticadas e identificadas, — as quaes assim se disporiam, como documentos, a uma não difficil consulta e verificação, — e se fôsse tambem mais completo na iconographia, adquiria uma solidez e um realce que, sem estas condições, ficam na realidade um pouco prejudicados. Quando o lemos, confessamos que não nos bastaram, para o comprehender e seguir bem, as figuras que ladeiam o texto, — e, o que é talvez mais importante, desanimou-nos a difficuldade que teriamos na observação directa dos documentos, dispersos aqui e ali por casas particulares, igrejas, capelas, ruas, etc.

J. Queiroz escreve para o público, para nós todos, e não sómente para os entendidos como elle na materia da sua obra. Chamar pois a documentação, quer em estampas, quer em material facil ou possivel de consultar, até mais perto de nós, seria para a sua obra um beneficio precioso.

E' nossa opinião que a arte e a sua literatura critica não teem senão a ganhar com as colleccionações nos museus. Ahi pode estabelecer-se, com relativa facilidade, a consulta, a comparação e verificação de material que muitas vezes é difficil em outras circumstancias. Não falando já da sua conservação, frequentemente, como no caso da ceramica, impossivel de ser garantida em outras e vulgares condições. Deduzo de algumas palavras de J. Queiroz, em pag. 65, que no referente aos azulejos, elle não pensa talvez sujeitando-se a estas geraes observações. Diz: . . . «sou contra a despachadeira de que se desloquem azulejos dos seus primitivos logares, por muitas e variadas razões que escuso de enumerar.» Quanto a nós, pensamos, e repetimos, que não é senão util para os estudos artisticos, e tambem scientificos, incluindo a sua divulgação, que nos museus existam, competentemente archivadas, as mais caracteristicas e numerosas manifestações de arte na sciencia.

D'aqui felicitamos J. Queiroz pela sua nova contribuição aos estudos das industrias artisticas que se teem feito na nossa terra. Estudos neste genero, com um objecto tão decididamente nacional, tornam-se realmente um grande beneficio colectivo, augmentando a consciencia da nossa significação como valores na grande machina do trabalho humano. Falamos por esta fórma, contudo deixamos de lado qualquer tendencia de um exagerado nacionalismo. Ha duas correntes que muito exclusivistas se apresentam e vão manifestando-se entre nós e, segundo pensamos, desviando o nosso espirito, pela sua maneira dogmatica e sugestiva, da mais inteligente e harmonica linha de conducta. Referimo-nos ás duas opiniões, que chamarei para as caracterizar em seus aspectos extremos, — que costumam ser precisamente os mais suggestionadores, — de um nacionalismo idealista e messianico, verbalista na essencia, ainda que práctico e activo nos processos, — e de um cosmopolitismo exagerado e vago, theorico apezar da sua apparencia e grande pretensão de sentido práctico. Entre elles, como quasi sempre resulta das opiniões que sofrem de uma tendencia exclusivista e parcial, de um cultivo em que sobreleva o entusiasmo do espirito, dos prejuizos de escola ou de reacção á escola, estará naturalmente o melhor caminho. A' mais aberta sympathia por todas as manifestações da grande vida social, pela arte, sciencia, industria politica dos outros paizes, dos outros povos, sem que a prejudiquem preconceitos de raça, de nacionalidade ou de individuos, e levando-nos a procurar uma educação tanto quanto possivel comprehensiva — unamos o alto desejo de sermos nós proprios, de verificar a nossa contribuição na vida geral, de lhe fixar o seu justo valor e de a tornar evidente, efectiva e perduravel.

Por aqui terminamos estas breves notas a proposito da leitura do livro do nosso consocio J. Queiroz.

H. V.

Litteratura Nacional — *Programma para o curso complementar organizado por Alfredo Coelho de Magalhães, Porto, 1914, 70 pags.*

O sr. Alfredo de Magalhães, que na regencia da disciplina de portuguez nas Classes de Letras do lyceu Rodrigues de Freitas, tem posto um disvelo credor dos maióres encomios, desenvolveu o programma dessa materia, mantendo as linhas geraes do programma official e dando uma maior individuação ao summario das materias a professor e acompanhando-o sempre de indicações bibliographicas, sufficientemente copiosas para o ensino lyceal. Este opusculo constitue um valioso guia para o estudante, muito recommendavel porque simultaneamente é uma lista de problemas e de materiaes para o estudo dos mesmos. Summariando tão vasta materia, toda a historia litteraria portuguesa, o autor adoptou uma divisão historica sua, já noutra publicação apresentada (v. *Revista de Historia*, vol. 2.º pag. 204). Segundo essa divisão, o sr. A. M. considera na nossa litteratura as epocas seguintes: I—Epoca de Formação (sec. xii a xv); II—Epoca de Esplendor (sec. xvi); III—Epoca de Decadencia (sec. xvii e xviii) e IV—Epoca de resurgimento (sec. xix). Não podemos acceitar tal divisão, não só pelo motivo imperioso da coherencia, visto que tambem nos affoítamos a propor uma divisão, que não será melhor, nem peór, que não defendemos, mas que é diferente, differentissima, e seria uma contradicção censuravel deixar correr no ensino uma outra, sem lhe oppôr algum reparo. Mas ha tambem razão mais poderosa, que se contem na propria divisão, a massa de objecções que provoca. Estas classificações em três epocas, quasi sempre, — formação, esplendor e decadencia, — assentam sobre uma metaphora extrahida da biologia, que já hoje não é defensavel, ou, quando obstinadamente se quizesse mantê-la no dominio da historia litteraria, onde, repetimo-lo, não é menos descabida que em qualquer outro dominio estranho ás sciencias naturaes, só encontraria alguma defesa na applicação ás litteraturas mortas. Effectivamente, só na observação do conspecto duma litteratura, cujo cyclo vital se cumpriu, que já inteiramente é da historia, nós poderemos distinguir essas gradações, e marcando a epoca do apogeu, considerar de formação ou preparação toda a epoca anterior e de decadencia toda a epoca posterior. Mas, mesmo assim, quantas objecções levantarão os factos inilludiveis, generos em pleno desenvolvimento de brilho em epoca, por esse criterio considerada de decadencia, como a satyra romana, e o idyllio grego. Mesmo, a evolução duma litteratura não se faz assim tão globalmente; nas diversas epocas tal genero floresce porque as circumstancias moraes e sociaes particularmente o favorecem, por exemplo a epopéa na epoca, que o sr. A. M. terá de chamar de formação da litteratura grega, — circumstancia muito adversa para outros generos, como o theatro tragico e o lyrismo. Depois, tal classificação historica presuppõe uma unidade de evolução, uma continuidade de tradição, que nenhuma litteratura apresentou, nem mesmo

*

a grega, a mais original das litteraturas do mundo, que do Egypto e do Oriente alguma coisa recebeu.

Passando para a litteratura portugueza, essa classificação não se nos affigura muito de harmonia com a sua historia. Primeiramente, porque a nossa litteratura vive ainda, é um conjuncto de ideaes e de formas artisticas sempre em movimento — que os Destinos (e nelles incluimos a furia germanica) permittam se perpetue — o seu cyclo vital ainda se não cumpriu. E o auctor, vendo que depois do esplendor e da longa decadencia, duas vezes secular, essa litteratura vivia ainda activamente, acompanhando com brilho as principaes correntes estheticas do seculo XIX, teve de acrescentar á sua classificação um novo elemento, a IV epoca, que intitulou do resurgimento. Secundariamente, porque a historia da litteratura portugueza não é uma marcha seguida, progressiva de ideaes artisticos, e de processos de execução dos mesmos a dentro das proprias fronteiras formados, não tem unidade de evolução. Sim, não foi a litteratura que se formou na 1.^a epoca, e que *esplendeu* na 2.^a epoca e que *resurgiu* na 4.^a Uma só verdade contem esta classificação: e é que foi realmente a litteratura que *esplendeu* na 2.^a epoca a que *decaiu* na 3.^a, pois que os seculos XVII e XVIII são uma somnolenta elaboração do gosto classico, enthronizado no XVI. Os factos, como se vê, contradizem o sr. A. M.: o lyrismo da epoca medieval não passou para a classica, e muito menos *esplendeu*, *extinguiu-se*, e alguns generos verdadeiramente originaes da litteratura portugueza, os livros de viagens, por exemplo, a historiographia colonial *formaram-se* na propria epoca de esplendor. Como não é uma litteratura original — e qual o é inteiramente? —, como não é uma litteratura creadora de novas correntes de gosto, sejamos assim mais exactos, cada epoca da nossa litteratura como que renega a antecedente. Por estas razões é que nós aventámos a opinião de que a divisão historica do sr. A. M. estava pouco conforme com a realidade da propria historia litteraria, a que se destinava.

No capitulo referente ao arcadismo o sr. A. M. refere-se com insistencia a Ribeiro Sanches, o celebre medico que foi alumno laureado da Universidade de Leyde e que serviu na corte imperial de S. Petersburgo. Cremos que ha aqui um equivoco de nome. O escriptor dessa epoca, que com nome semelhante mereceria ser incluido num programma de litteratura, é Antonio Nunes Ribeiro dos Santos, poeta, investigador historico, assiduo collaborador das *Memorias de Litteratura da Academia*, que litterariamente patrocinou Castilho, que tem com elle, entre outras affinidades, a da cegueira. Ribeiro Sanches, que foi o maior medico portuguez do seculo XVIII, nem tinha o appellido Nunes, nem fez litteratura, apenas fez ligeiras referencias a Camões e á sua epopéa. A culpa, lisonjeira culpa deste equivoco, cabe ao nosso consocio, sr. Maximiano de Lemos, que com o seu livro *Ribeiro Sanches*, chamou para o medico uma attenção preferente, com prejuizo do poeta, quasi seu homonymo.

Não queremos fechar esta referencia de discordancia — discordancia, que por ser assim demorada e publicamente confessada só apreço significa — sem com a mesma firmeza declarar a nossa concordancia com uma brevissima passagem desta brochura. E' aquella, em que o sr. A. M. levanta o seguinte problema: « Qual a época que deve considerar-se de esplendor na litteratura portugueza: o seculo XVI ou o seculo XIX? » Embora esta pergunta de certo modo contradiga — é mais um argumento — a impugnada divisão historica, em que peremptoriamente se afirma ser o seculo XVI a epoca do esplendor, não podemos deixar de nos congratular com tal passo. Ou seja isto uma duvida que se levanta no espirito do auctor, ou seja apenas para provocar discussão aos estudantes, temos de nos congratular com tal duvida ou tal discussão, nós que por o julgarmos principal preferimos para inicio dos nossos estudos o seculo XIX.

F. F.

Inéditos. 2.^o Visconde de Santarem. (*Miscellanea*) colligidos, coordenados e annotados por Jordão de Freitas, Bibliothecario da Bibliotheca da Ajuda, e trazidos á publicidade pelo 3.^o Visconde de Santarem — Lisboa, Imprensa de Libanio da Silva, Travessa do Fala-Só, 24 — 1914.

Este ponderoso volume de grande formato e cerca de 600 paginas, contendo variadissima e interessante matéria historica, geographica, politica, litteraria e social, não é obra que se leia de um folego, nem cuja apreciação, mesmo de relance, possa fazer-se em simples, resumida e apressada noticia. Carece de demorada leitura, porque ainda nas partes em que consta de simples e desataviados apontamentos lançados ao papel sem fito de publicidade, constitue repositório de extremado valor, assim pelos factos que menciona como por a cada momento nos retratar uma vasta mentalidade na labuta obscura do seu trabalho de gabinete, o que para todos os estudiosos é lição de extraordinario proveito.

O trabalho do sr. Jordão de Freitas traduz a cada passo a conscienciosa minuciosidade e quasi religioso respeito de quem, tendo o mais alto conceito da grande personalidade cuja obra laboriosamente reconstitue e coordena, nem julga licito corrigir até certos senões de grammatica e orthographia dos manuscriptos originaes. Ha neste requinte de piedoso bibliophilo bastante de artistico carinho. É que a resurreição assim é mais viva e a figura do sábio Visconde de Santarem, letrado e diplomata, geographo e historiador, homem de sala e indefesso trabalhador de gabinete, estadista e funcionario, apparece-nos subitamente, com o realismo dos seus insignificantes defeitos atravez desta miscellanea tão opulenta de dados e observações de todo o genero.

Do quanto o nosso distincto consocio o sr. Visconde de Santarem bem merece do paiz pela série de publicações de obras de seu avô, e do quanto recommenda o seu caracter e intelligencia esta generosa comprehensão dos seus deveres de representante de um nome illustre, pouco é tudo o que se possa dizer.

A *Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos* penhoradamente agradece a larga offerta de exemplares, que o sr. Visconde de Santarem lhe destinou.

V. M.

Spain under the Roman Empire. *By E. S. Bouchier.* Oxford, 1914.

This scholarly little book is divided into three sections: history, antiquities, literature. The second section contains an interesting chapter on Religion. Among the finest temples the author notes « the shrines of Diana, built by an Apuleius at Clunia, of the Sun and Moon at Mons Lunae (Cintra), and of Concord at Olisipo. » « Of the degrading worship of the Syrian moon goddess, identified with the Babylonian Astarte and the Roman Venus, there are few traces, » the woorship so popular in Spain being of a mystical kind more Lusitania of course was included in Spain and in the time of Polybius was a land « where flowers bloom through nine months of the year, a bushel of wheat costs nine obols, a sheep two drachmae and a plough-oxten. » As to the vexed question whether the Basques originally inhabited the whole Peninsula, as Wilhelm von Humboldt maintained, the author realizes that no definite conclusion can be reached until the Iberian inscriptions, some eighty in number, have been deciphered. Thenwhile the existence of such obviously Basque place-names as Iria (Town) Iliberri (Newtown) Sara (Old) Uria (Water) make the theory probable.

A. B.

O Mosteiro da Sub-Serra da Castanheira, ligeiras notas sobre a sua fundação. *Inscrições tumulares. Pormenores historicos. Considerações criticas.*— *Nogueira de Brito, socio Effectivo da Associação dos Archeologos Portuguezes* — 1912, Lisboa.

Sob este titulo e num folheto de 45 paginas com uma arvore genealogica e varias photogravuras, o sr. Nogueira de Brito enfeixou curiosas e bem investigadas noticias ácerca do convento da Castanheira, fundado no século XVI pela fidalga familia dos Athaides. Tudo o que a interessante monographia relata deriva com evidente rigor histórico da leitura de epitaphios, e do exame consciencioso de manuscriptos officiaes, de nobiliarios, e de outras fontes igualmente authenticas.

O folheto do sr. Nogueira de Brito constitue saborosa leitura para todos os que se interessam por coisas do passado e conhecem o valôr e utilidade das investigações archeologicas.

V. M.

The Naval Mutinies of 1797, *by Conrad Gill, M. A., Late assistant Lecturer in History, Lecturer in Economic History in the University of Belfast.*— Manchester. — At the University Press, 1913.

Este bello volume de 411 paginas, editorado pela Universidade de Manchester, em cuja série historica tem o numero XIX, representa o emprego dos mais modernos e exactos processos de indagação para o fim de illuminar um pequeno e transitorio episodio da histo-

ria de Inglaterra, — os motins que explodiram na marinha de guerra britannica em 1797 e principalmente nos portos de Spithead e Nore. Este interessante trabalho foi escripto como these de concurso para o «diploma de investigadôr» (*certificate of research*) na Universidade de Cambridge. Mas, posto que estranho ás linhas geraes e decisivas da historia inglesa, o assumpto não carece de interesse, sobretudo se se attender a que as revoltas navaes coincidiram com o estado revolto da Europa, com a situação especial da Gran-Bretanha em frente da Revolução Francesa, e foram contemporaneas do ataque da Irlanda combinado entre franceses, espanhoes e ingleses. Descriminar o que poderia ter havido de revolucionario e de politico no movimento dos marinheiros ingleses, do que só poderia attribuir-se aos maus tratos, a rigôres cruéis de disciplina e á negligencia de péssima administração, é problema interessante sobre o qual o sr. Conrad Gill discorre com proficiente minucia.

V. M.

A Critica litteraria como sciencia, *Fidelino de Figueiredo*, 2.^a edição in-8.^o, 141 pag., Livraria Classica Editora, Lisboa, 1913.

Havendo em Portugal regular numero de criticos litterarios, no jornalismo principalmente, a verdade é que, na maioria dos casos, a sua critica não correspondia ao alto fim que ella tem por alvo. Era a falta d'um plano, d'um guia sahido d'um methodo scientifico, assentes em bases philosophicas, a imperar.

O auctor d'esta monographia conseguiu obter exito com a 1.^a edição, o que não é pequena recommendação para estudiosos e eruditos. Com a 2.^a edição irá succeder o mesmo, pois que, como elle expõe em nota preliminar, ficou refundido esse trabalho da 1.^a edição, já na exposição, já na ordenação das ideas, que, aliás, na 2.^a mantem, porque ulteriores estudos lh'as confirmaram.

O methodo critico escolhido pelo auctor é o de Lacombe. Para nós, em virtude d'orientação geral, talvez preferissemos os de Ricardou e Renard, associados e harmonisados.

Foi feliz, porém, com tal escolha e mais feliz ainda com a adaptação de tal methodo ao seu modo de vêr. Resultou d'isso uma obra d'alta probidade e d'incontestavel valôr.

Ligando o seu methodo com o estabelecimento de quadros chronologicos e com o schema apropriado á litteratura nacional, o auctor conseguiu volver a sua interessante monographia num verdadeiro expositor para estudos d'esta ordem, com caracter didactico e que afoutamente se pode seguir, como idoneo e completo. Demais, é o unico trabalho d'este genero que ha entre nós. A monographia é duplamente valorizada com o curioso inventario dos trabalhos de critica litteraria, de que ha noticia, em numero de 1:351 especies, que posteriormente será elevado com os adicionamentos de que o auctor tem conhecimento ou lhe forem graciosamente indicados. Eis um trabalho que satisfaz plenamente.

M. S.

A litteratura no ensino secundario — *Dissertação para o 4.^o anno do curso de habilitação para o magisterio secundario* — *Secção de philologia latina e portuguesa*. — Manuel Duarte Frazão, Lisboa, 1912, 32 pags.

Só agora chega ao nosso conhecimento este opusculo, em que o seu auctor expõe o seu pensar ácerca do ensino lyceal da historia litteraria. A methodologia desta disciplina, entre nós, não tem merecido attenção diligente, antes parece negligentemente addiada, por inoportuna numa epoca, em que todos os zelos vão para o ensino das linguas vivas, pelo chamado methodo directo, e para o ensino das sciencias phisico-naturaes pelo methodo experimental. O atrazo da methodologia do ensino da historia litteraria, em nosso pensar, deriva de três principaes causas; a reacção contra o ensino classico; o atrazo dos estudos de historia litteraria, que quasi só possuem especialistas, biographos e bibliographos; e a fraca solicitação da necessidade, visto que a frequencia da secção complementar de letras nos lyceus é exigua.

O Sr. M. D. F., ao iniciar a sua carreira de professor, intelligentemente se propôs os problemas fundamentaes dessa questão. Depois de definir o caracter, que julga typico, no ensino secundario, o de ser um ensino de formação moral e mental, faz o elogio dos estudos de historia da litteratura, do seu valôr educativo como interpretação da vida, como disciplina mental e como fonte de prazer esthetico e de acção moral. E tendo feito uma ligeira apreciação dos processos usuaes desse ensino, expõe o seu methodo e delinea os canones principaes da analyse litteraria. Duma grande brevidade, que faz deste opusculo em algumas

passagens menos uma dissertação que um enunciado de problemas, é todavia sufficiente para testemunhar a clara comprehensão que do seu mistér tem este professor, e os nobres intuitos de progresso que o animam.

F. F.

Poetas do seculo XVII, Sousa Viterbo, Lisboa, 1914, 28 pags., separata do *Archivo Historico Português*.

A sr.^a D. Sophia de Sousa Viterbo prosegue na publicação criteriosa e cuidadosa dos manuscriptos de seu pae. Esta brochura contem, além de algumas preliminares considerações de generalidade, parte dum artigo biographico sobre o quasi desconhecido poeta Antonio Moniz de Carvalho, diplomata fallecido em 1654, outro sobre o poeta Manuel Pinheiro Arnaut, tambem desenhador e calligrapho, morto em 1685, quinze documentos sobre Carvalho, e dois sobre Arnaut, todos integralmente reproduzidos. Mesmo incompleto, este estudo traz subsidios de valia e chama a attenção para dois nomes da epoca menos estudada da litteratura portuguesa.

A titulo de esclarecimento, lembraremos que a *Historia do Infante D. Duarte*, de Ramos Coelho, não tem retrato nem biographia de Moniz de Carvalho, como numa nota ao artigo respectivo se diz. Houve confusão, porque Moniz de Carvalho só muito de passagem é referido naquella obra.

F. F.

Apontamentos de viagem de Herculano em 1853 e 1854 — *Publicados e anotados por Pedro de Axevedo*, Lisboa, 1914, 36 pags.

Quando nos annos acima referidos, commissionedo pela Academia das Sciencias, Herculano percorreu os archivos e cartorios provinciaes, foi passo a passo apontando as suas observações sobre o itinerario, paizagem, povoados, pessoas conversadas, monumentos e episodios. Estes apontamentos só agora são integralmente publicados sobre copia tirada pelo collaborador de Herculano e seu companheiro de viagem, o recém-fallecido paleographo José Basto. Pela redacção vê-se que estes apontamentos foram destinados a futuro desenvolvimento em artigos de impressões de viagem, e parte desse trabalho ainda o historiador chegou a fazer nalguns fragmentos publicados no *Panorama*. Exceptuando a parte final de ambas as viagens, o itinerario é-nos circunstanciadamente indicado marcha por marcha, aldeia por aldeia, visitas e passeios. A predilecção do historiador pelas coisas da agricultura trahe-se repetidamente; algumas observações sobre as pessoas, com graça, ironia ou encomio, esmaltam de pittoresco a seccura mais que laconica das notas. Nada nos dizem estes apontamentos de importancia sobre o escopo principal das viagens, a selecção dos documentos. Dizem-nos porém muito acérca do espirito observador até á minucia e intelligentemente synthetico do historiador, grande espirito com o qual estes velhos apontamentos desataviados por instantes nos puzeram em contacto e dizem-nos tambem alguma coisa acérca dessas peregrinações lentas, rio acima até á Barquinha, numa semana, e depois a cavallo de povo em povo, através das serras escarpadas: essas peregrinações, com todos os seus incommodos, são ainda o meio unico de bem penetrar e conhecer um paiz. Bom serviço prestou á memoria de Herculano e bello prazer aos que vivamente o admiram proporcionou o sr. P. A

F. F.

Gil Vicente e a sua obra, conferencia, por J. M. de Queiroz Velloso, Lisboa, 1914, 80 pags.

Dentre a vasta bibliographia vicentina este pequeno opusculo sobresaie pela justeza da sua synthese, emquanto critica esthetica, e pelas suas eruditas notas, que são como que uma retrospectão resumida e discutida dos principaes problemas suscitados pela vida e obra do comediographo quinhentista. O que se tem escripto sobre taes problemas nem sempre tem sido inspirado por um severo espirito critico e historico. A figura do comediographo tem sido adulterada grosseiramente, já fazendo d'elle um livre-pensador, por um anachronismo psychologico risivel, já attribuindo-lhe intuitos phantasiosos, como o que uma exegése inventiva julgou descobrir no prologo do auto da *Lusitania*. Ultimamente veio a moda vicentina, moda louvavel, mas, como todas as modas, ephemera e superficial, e principiou então a critica verbosa de encomios, em que ha muito de mysticismo confuso. Ora a

conferencia do sr. Queiroz Velloso, posto que suggerida tambem por essa moda, nem é superficial nem verbosa, é uma intelligente synthese dos principaes caracteres litterarios da obra e nas suas valiosas notas uma recapitulação methodica e ordenada dos problemas vicentinos, expostos com precisão e clareza, mais de uma vez em eschema. Crêmos mesmo que aos estudiosos, chegados á liça, quando a bibliographia vicentina já é avultada, esta conferencia será precioso auxiliar, porque promptamente lhes dará os enunciados dos problemas vicentinos e as soluções apuradas, soluções para cujo apuramento muito contribuíram investigadores como Sousa Viterbo e os srs. Brito Rebello, Braamcamp Freire, Michaëlis de Vasconcellos, etc.

F. F.

Portogallo e Italia nel secolo XVI — *Studi e ricerche* — Achille Pellizzari, Napoles, 1914, 338 pags.

O corrente anno litterario já vai assignalado por valiosos trabalhos de historia litteraria, em que os lusophilos têm uma parte benemerita. Dois ingleses e dois italianos se occuparam proficientemente da nossa litteratura, não fazendo obra de vulgarização e propaganda, mas procedendo a investigações originaes e propondo opiniões criticas, em que tambem muita novidade se contem. E' uma dellas a obra, que noticiamos.

Nella se contém extensos estudos sobre Bernardim Ribeiro e a poesia italiana em Portugal nos inicios do seculo xvi, sobre Sá de Miranda e a poesia italiana em Portugal no seculo xvi, sobre um soneto de Camões e outro de Petrarcha, sobre a embaixada de D. Manuel I, ao papa Leão x, sobre festas nupciaes em Italia, no mesmo seculo, por motivo de relações das familias reinantes e sobre os manuscriptos portuguezes na bibliotheca de Napoles. Ha neste livro opiniões, que demandavam uma discussão demorada e transcrições, porque contrariam juizos muito accetos e vêm em abono das nossas idéas. Assim, por exemplo, a opinião de que Bernardim Ribeiro bucolista é um representante do gosto italiano ou neo-classico da Renascença é a inteira negação do juizo corrente de que esse poeta, com Christovam Falcão e Gil Vicente, representam persistencia do gosto medieval. Este asserto é resultado de só se haver considerado um pormenor, que o distancia dos auctores declaradamente de gosto classico, a sua metrica, sem se reparar noutras affinidades litterarias mais importantes e concludentes. Tambem acérca de Sá de Miranda, o sr. A. P., mostrando o seu relevante papel historico, como iniciador, a sua influencia innegavel e a larga estima, que durante a era classica desfructou, limita muito o seu valor artistico, fazendo ver que, mais do que imitador, foi ás vezes quasi um traductor impassivel, atendo-se mais á forma, aos canones da escola, que á expressão dum inspirado sentir pessoal. A proposito de Camões, faz uma minuciosa e intelligente analyse dum soneto de Petrarcha e do bem conhecido de Camões, *Alma minha gentil*. Essa analyse comparativa, quer nas semelhanças e no parallelismo estructural dos dois sonetos, quer nas situações moraes dos dois poetas, que lhes podemos conjecturar ao comporem as duas famosas peças, é uma indicação importante para a critica de fontes e foi para nós uma agradavel communicacão com o processo critico do sr. A. P. Este artigo mostra que o auctor se não confina na erudição, na historia, mas muito distinctamente pratica a critica interna das obras, e esta nobre duplicidade espirital não é frequente.

Pelo conteúdo do livro e pela exemplificação dalgumas das opiniões mais pessoasas nelle apresentadas, se julga do seu valor.

F. F.

Vindimas (*artigos, contos e chronicas*), Eustachio de Azevedo, Porto, 1913, 308 pags.

Este volume compendia a collaboracão do distincto jornalista, seu auctor, na imprensa paraense, pela qual tem disseminado profusamente as suas opiniões e juizos de critica litteraria e os seus pontos de vista historicos, em que ha muita gravidade e ponderação. Estes attributos, que não são essenciaes da profissão do jornalismo, deviam ser mais avaramente utilizados, sem o desperdicio, que essa profissão necessariamente implica. O livro contem, entre muitos outros, artigos sobre o *Romantismo*, o *Naturalismo*, *Symbolismo*, *Renascença contemporanea*, *Portugal e a Renascença*, *Antonio Vieira*, sobre livros portuguezes, onde plenamente se ostentam as distinctas qualidades de critico do seu auctor e donde tambem — como é grato registá-lo! — trescala uma sympathia bondosa pelas coisas portuguezas, a par do seu conhecimento minucioso e exacto.

F. F.